



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO
MESTRADO EM TURISMO

Augusto Marcelo Alcântara Costa

**TURISMO E POBREZA: PERCEPÇÕES DOS GUIAS DE TURISMO MORADORES
E NÃO MORADORES QUE TRABALHAM NA FAVELA DA ROCINHA - RIO DE
JANEIRO**

Natal

2013

Augusto Marcelo Alcântara Costa

**TURISMO E POBREZA: PERCEPÇÕES DOS GUIAS DE TURISMO MORADORES
E NÃO MORADORES QUE TRABALHAM NA FAVELA DA ROCINHA - RIO DE
JANEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Turismo, na área de Desenvolvimento Regional.

Orientador: Mauro L. Alexandre, D.Sc.

Natal

2013

Augusto Marcelo Alcântara Costa

**TURISMO E POBREZA: PERCEPÇÕES DOS GUIAS DE TURISMO MORADORES
E NÃO MORADORES QUE TRABALHAM NA FAVELA DA ROCINHA - RIO DE
JANEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Turismo, na área de Desenvolvimento Regional.

Natal, 03 de Dezembro de 2013.

Mauro Lemuel Alexandre, D.Sc.

Presidente da Banca - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Lissa Valéria Fernandes Ferreira, Dra.

Examinadora Interna- Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Antonio Jânio Fernandes, D.Sc.

Examinador Externo - Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas aquelas pessoas que me ajudaram, apoiaram e tiveram participação de alguma forma na realização deste trabalho de Dissertação de Mestrado: o meu orientador o prof. Mauro Lemuel, pela sua fundamental orientação e apoio em Natal. A secretária do PPGTUR Juliane Medeiros, aos professores, colegas, funcionários e colaboradores do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) e do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA). A todos os funcionários da Reitoria, a profa. Janeuza, a Dona Geórgia, a Lasalete, e demais, inclusive pela concessão de minha bolsa de estudos de mestrado.

A todos os guias de turismo moradores e não moradores que trabalham na Favela da Rocinha. A D. Neuza e Oberdam do Rocinha Guest House. a profa. Bianca Freire-Medeiros, que me incentivou e ajudou na escolha dos objetivos e metodologia da pesquisa. A Dra. Sayonara Bontempo, a Ana Lúcia Vinhaes Tórtima, a amiga e professora Célia Regina e todo apoio e também incentivo dado pela profa. Maria do Livramento Clementino Miranda a quem dedico este trabalho pela suas excelentes aulas ministradas na disciplina: A cidade e o urbano e, finalmente a meus pais que sempre estiveram ao meu lado em qualquer situação: Paulo de Lima Costa e Myriam Alcântara Costa

RESUMO

O presente projeto refere-se a um estudo um tanto controverso, na medida, em que focaliza um lado menos reconhecido e valorizado, embora a dinâmica do turismo passe a ter outra visualização, que não se pode de antemão considerar favorável ou desfavorável. Analisa-se o fenômeno do turismo relacionado à concepção ou percepção de pobreza partir dos guias de turismo moradores e não moradores da favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. É um assunto com objeto de pesquisa um tanto polêmico, mas sobre o qual já existe uma preocupação acadêmica e científica e que merece um olhar investigador. Enquadra-se como estudo qualitativo, cujo procedimento metodológico baseado em entrevistas e observação participante, sendo o recorte geográfico escolhido a Favelada Rocinha, pela sua expressividade e por ser pioneira nessa modalidade de turismo, teve-se a realização de trabalho de campo com duração de seis meses, onde acompanhou-se por no mínimo quatro horas a pé o trabalho de dezesseis guias de turismo, sendo oito moradores e oito não moradores pela comunidade, que trabalham para diferentes agências de viagens e turismo. Ao final de cada tour, todos os guias de turismo responderam a um questionário semiestruturado, contendo dezenove perguntas. A maioria dos guias de turismo entrevistados autorizou gravar entrevista, fato que possibilitou fazer uma análise do discurso através da linguagem falada. Neste turismo, os turistas estrangeiros são o alvo principal, embora, também conte raramente, com a participação de turistas nacionais. Constata que, a relação entre favela e pobreza, a partir das percepções de guias de turismo moradores reflete melhor a realidade da favela comparado com guias não moradores, uma vez que eles conhecem inteiramente todos os meandros e melhor as dificuldades por que passaram e ainda passam, no que diz respeito à questão da estigmatização pela qual vem sofrendo pela sociedade brasileira, em relação a viver na favela, além de terem o seu lugar de moradia como atração turística. Ainda que apresentem a realidade social da Rocinha de modo coerente durante seu trabalho, os guias não moradores preocupam-se em ser o mais natural possível com os turistas, tanto quanto os moradores ao mostrar a favela, do mesmo modo em que evitam autorizarem os turistas a tirarem fotos comprometedoras e que venham expor a intimidade dos moradores da comunidade. Conclui que, apesar de reconhecer a relevância de elevação à categoria de atração turística e suas promissoras perspectivas, requer atenção e prioridade, em face da maior precarização da condição humana, em relação às áreas nobres em que está inserida devendo o turismo ser um vetor de desenvolvimento, não um mascaramento da realidade.

Palavras-chave: Turismo. Pobreza. Guias de turismo .Guias moradores.Guias não moradores.

ABSTRACT

This project refers to a study somewhat controversial, as in focusing less recognized and valued hand, although the dynamics of tourism pass to take another view, you can not beforehand consider favorable or unfavorable. Analyzes the phenomenon related to conception or perception of poverty from tourism residents and non residents of the Favela of Rocinha in Rio de Janeiro tourist guides. It is a subject to an object of research somewhat controversial, but about which there is already an academic and scientific concern and deserves an investigator look. Fits as a qualitative study whose methodological procedure based on interviews and participant observation, and the geographic divisions chosen the Rocinha slum, for its expressiveness and for being a pioneer in this type of tourism, had to conducting fieldwork lasting six months, which was accompanied by at least four hours walking work of sixteen tour guides, eight residents and eight non-residents in the community, working for different travel agencies and tourism. End of each tour, all tour guides answered a semi-structured questionnaire, containing nineteen questions. Most respondents tour guides authorized record interview, which has made it possible to analyze the speech through spoken language. In tourism, foreign tourists are the main target, although rarely also count with the participation of domestic tourists. Notes that the relationship between poverty and slums, from the perceptions of tourist guides residents better reflects the reality of favela residents compared with non residents guides, since they fully know all the intricacies and better the difficulties they have endured and still go, when it comes to the issue of stigmatization respect, by which has suffered by Brazilian society, in relation to live in slums, and have your dwelling place as a tourist attraction. While presenting the social reality of Rocinha consistently during his work, the non residents guides worry about being as natural as possible with tourists as much as the locals show slum, in the same way they avoid authorize tourists to take compromising photos and that will expose the intimacy of community residents. Concludes that, while recognizing the importance of elevation to the rank of tourist attraction and its promising prospects, requires attention and priority, given the greater precariousness of the human condition in relation to the prime areas in which it operates tourism should be a vector of development, not a masking of reality.

Keywords : Tourism. Poverty. Tour guides Locals. Tours guides not locals .

SUMÁRIO

Capítulo 1	ABRINDO CAMINHO	7
Capítulo 2	Pensando alto nos saberes, conceitos e conhecimento	21
2.1	Turismo: crescimento e impactos	21
2.2	Turismo de Realidade na Favela da Rocinha: um exercício <i>voyerístico</i> ou um ato ético e solidário?	23
2.3	A Cidade e a Favela: Vida e Sociologia Urbana	35
2.4	Pobreza e segregação residencial na cidade	50
Capítulo 3	OS MEIOS E O CAMINHO	62
Capítulo 4	O QUE PENSAM E FAZEM OS QUE GUIAM (Relação Favela e Pobreza no Turismo na Rocinha – Rio de Janeiro / Brasil / 2013)	67
4.1	Perfil sócio-profissional e atuação dos guias de turismo moradores e não moradores da favela (Rocinha - Rio de Janeiro)	67
4.2	Caracterização dos roteiros do turismo em favela	81
4.3	Aspectos éticos e estéticos do turismo em favela	94
4.4	Desigualdade social e pobreza urbana sob as percepções dos guias de turismo moradores e não-moradores que trabalham na Rocinha (Rio/RJ)	102
Capítulo 5	HORA DE CHEGADA (OS FINALMENTES)	111
	REFERÊNCIAS	113
	APÊNDICES	115
	ANEXOS	136

Capítulo 1 – ABRINDO CAMINHO

O fenômeno “Turismo em Favela”, tema sobre o qual me proponho estudar como objeto de pesquisa deste trabalho, por tanto que ele é contraditório, ele poderia ser simplesmente um tema contraditório e passar despercebido pela sociedade, sem que merecesse o devido interesse para entrar na academia; porém existe uma preocupação com o tema que merecesse um olhar investigador, uma vez que já há alguns autores que abordam aspectos específicos e apresentam o atual nível de reflexão e discussão acerca do problema.

Panosso Neto (2005) propõe avanços e aponta novos caminhos para a reflexão turística: “o ato de viajar muitas vezes é relativizado pelos turistas e pelos próprios estudiosos e empresários da área. Se os estudos filosóficos fossem utilizados nas reflexões turísticas, certamente melhor proveito das viagens poderiam ser obtidos.

O que é Turismo? Como se produz conhecimento na área de Turismo? Quais são as bases nas quais se fundamenta o conhecimento em Turismo? Todas essas perguntas exigem respostas que necessariamente passarão pela reflexão filosófica.

Na ausência de tais reflexões filosóficas, a academia de Turismo (e aqui academia de Turismo significa as faculdades, pesquisadores e estudantes de Turismo) têm carência de pesquisas científicas que de fato tragam algo de novo para o avanço na discussão e conhecimento neste campo.

Ao perceber o fenômeno do “turismo em favela” e o seu crescimento nas favelas cariocas, procuramos de alguma maneira, contribuir para o enriquecimento deste tema, que se pode até considerar um novo campo de pesquisa acadêmica.

Segundo Panosso Neto (2005): “conforme avançamos na discussão, percebemos que as reflexões levam a ver o turista como um ser histórico; não um ser acabado, mas um ser em contínua construção, em contínua formação. O turismo, por sua vez, considera-se experiência, experiência esta vivida, no momento em que se constrói esse “ser” turista. Então, podemos dizer que o turismo é um fenômeno de experiências vividas de maneira e desejos diferentes por parte dos seres envolvidos, tanto pelos ditos turistas quanto pelos empreendedores do setor. O fenômeno é o mesmo e não pode ser fragmentado para estudo, devendo ser visto como um todo conexo. Assim, cada ser tem sua própria experiência e vivência de maneira diferente toda a dinâmica que envolve o turismo”.

As favelas atraem olhares curiosos do mundo inteiro por seu intenso crescimento dentro da “Cidade Maravilhosa”, com isso a profissão de guia de turismo vem se destacando cada vez mais neste segmento de mercado, onde há espaço para todos aqueles que com algum

esforço desejam enveredar-se por um caminho muito promissor, pois já existe várias favelas sendo visitadas diariamente, por inúmeros turistas vindo de várias partes do mundo e do Brasil, além da mais famosa delas a Rocinha, também são visitadas a do Morro Santa Marta, Vidigal, Vila Canoas, Tavares Bastos, Babilônia, Cantagalo, Pereira da Silva, Santa Teresa, Morro da Conceição, Morro dos Prazeres e o Complexo do Alemão, na zona norte da cidade. Basta fazer o curso de guia de turismo regional em umas das instituições autorizadas que dispõe de turmas para iniciantes, como o SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Nacional), o CIETH ou o Curso Marc e Apoio, na cidade do Rio de Janeiro para estar devidamente cadastrado pelo órgão regulador a EMBRATUR (Instituto brasileiro de Turismo) e estar habilitado para trabalhar regularmente no mercado de trabalho, pois para Joel, guia de turismo da Live Rio Tourism Services: “Não é apenas voyeurístico, o tour mostra um lado diferente das comunidades do que normalmente relatado de pobreza e violência em uma experiência singular e fascinante.” Ele comenta, ao referir-se orgulhoso de sua atividade profissional.

Em seu artigo: *Poverty tourism - theoretical reflections and empirical findings regarding to extraordinary form of tourism* (Turismo de pobreza: reflexões teóricas e descobertas empíricas acerca de uma extraordinária forma de turismo), conforme o autor Manfred Rolfes (GeoJournal, 2010) explica, que esta nova forma de turismo emerge desde meados dos anos 1990, em cidades globais na maioria dos chamados “países em desenvolvimento” ou “emergentes” e que, hoje em dia, este tipo de *tour* é oferecido com relativa larga escala em cidades da África do Sul, como Johannesburg e Cape Town (ver Figura 1), no Brasil - Rio de Janeiro (ver Figura 2), e também nas grandes metrópoles da Índia, como Calcutá, Mumbai e Nova Delhi (Ver Figura 3), para citar alguns exemplos mais importantes; onde os turistas estrangeiros são o alvo principal deste tipo de turismo, e que, raramente, os turistas nacionais participam. O número de turistas interessados no chamado turismo em favela, aumenta constantemente, estimando-se em cerca de 40.000 mil turistas que visitam o Rio de Janeiro a cada ano, enquanto que em Cape Town, este número alcança cerca de 300 mil visitantes (ROLFES, 2010).

Os termos utilizados para caracterizar este fenômeno turístico são muito diversificados, sendo assim indicam um sério problema para conceituar esta modalidade de turismo, dentre os quais verificam-se que em alguns artigos acadêmicos, vários autores chamam de “turismo social” ou “reality tours” (turismo de realidade), porque a maioria deles são explicitamente exibidos ou publicados pelos operados de turismo com fortes características de interação real e autêntica dos turistas com o local visitado, “Touristic

experiences off beaten path” (“Experiências turísticas fora do caminho”) são algumas das expressões utilizadas. O termo “autenticidade” significando entrar em contato com os nativos, utilizado por autores como MacCannel, D. (1999, p. 99) em: “The tourist: A new theory of leisure class”, Berkley: University of California Press; outros autores identificam como uma forma de turismo cultural ou étnico: Ramchander, P. (2004). “Towards the responsible management of the social-cultural impact of township tourism”. Pretoria: University of Pretoria, Department of Tourism Management. Disponível em: <[http://update.up.ac.za/thesis/available/etd-08262004-130507/.](http://update.up.ac.za/thesis/available/etd-08262004-130507/)>, acesso em 14 Ago. 2008; e também em: Jaguaribe, B.; & Hethrington, K. (2004), “Favela tours: indistinct and maples representations of the real in Rio de Janeiro”. In M. Sheller & J. Urry (Eds.), “Tourism mobilities. Places to play, places in play”. London (pp. 155-166). New York: Routledge. Geralmente, estes autores enfatizam os aspectos educacionais, dentre os quais, tanto a cultura quanto a autenticidade étnica são o foco central, onde se destacam a oportunidade de intercâmbio cultural.

No entanto, novamente termos como “poverty tourism” (turismo de pobreza) ou “poorism”, são utilizados para estas categorias de turismo pela imprensa, que expressam aspectos morais sócio-voyerísticos dúbios, os quais, geralmente criticam a valorização e o marketing de comunidades marginais ou informais, dos chamados: “slums”, “shanty town” ou “townships” (turismo pró-pobre), que particularmente; focalizam o sofrimento e a pobreza que há como atração turística, dentre os quais; destacam-se os trabalhos de autores como: Weiner (2008). “Slum visits: Tourism or voyeurism ?” New York Times, Travel, 9 March 2008; Gentleman, A. (2006). “Slum Tours: a day trip too far ?” The Observer, 07 May 2006; em Danielzik C., & Kahn, R. (2006). “Fern Wer: statisten ihres eigenen Alltags. Townshiptouren in Kapstadt als Herausforderung fur die Tourismuskritic”. Iz3w, 291, 37-39. Além disso, o termo “Slumming”, tem ocorrência no campo da pesquisa da crítica do turismo: Welz, G. (1993). “Slum als Sehenswürdigkeit. Negative Sighthseeing im Stadetourismus”. In D. Kramer & R. Lutz (Eds.). *Tourismus-Kultur, Kultur-Tourismus* (PP. 39-53), Munster: Lit Verlag. Estes autores examinaram fenômeno da prática do “Slumming” ou “Negative Sighthseeing”, utilizando como exemplo, o tour pelo bairro do Harlem, em Nova York, no qual a autora encontrou um roteiro histórico-cultural.

Koven, S. (2006), em: “Slumming: Sexual and social politics in Victorian London”. Princeton: University Press.; descobre que já no século XIX, na Inglaterra Vitoriana, existia a prática do “Slumming” como passatempo da alta classe-média no final do século. Pott, A., &

Steinbrink, M. (2009). “Die kultur des Slum(ing)s. Zur historischen Rekonstruktion eines globalen Phänomens”. In H. Wohler, A. Pott, & V. Denzer (Eds). “Tourismusräume. Zur soziokulturellen Konstruktion eines globalen Phänomens”. Bielefeld: Transcript (in press) nos mostra que hoje, o “Slumg” ou “Township”, podem ser classificados pela tradição: “Slumming”. O centro de suas abordagens considera que especialmente as cidades pobres e o seu “dark side” (lado escuro), configuram-se no centro de lazer e de atividades turísticas. Suas avaliações são de que novamente, expressam-se a experiência do desejo da “realidade” e “autenticidade”. Essa ambigüidade conceitual, também pode ser devido a dificuldade de se definir uma metodologia específica para esta categoria de turismo.

Em uma interessante reportagem feita pelo jornalista Marcelo Bortoloti intitulado: “Ver a pobreza, mas cair fora” (Revista Veja, 19 de Agosto de 2009), revela que agências especializadas oferecem roteiros por favelas e regiões devastadas a turistas que querem ser diferentes dos outros turistas, como em um conglomerado de favelas na Cidade do Cabo, também chamada “Capetown”, em inglês, onde em meio a montes de lixo, turistas fotografam as condições miseráveis em que vivem quatro milhões de pessoas. Os “Cape Flats” são o principal destino do mundo dos “Reality Tours”, modalidade de turismo que põe viajantes em contato com pobreza e sofrimento. Na Inglaterra do século XIX, não era considerado impróprio aos moradores abastados de Londres, de vez em quando, praticar o “Slumming”, a visita aos bairros pobres (“Slums”) por curiosidade ou em busca de aventura e de experiência excitantes para o paladar e olhos. Em troca, deixavam-se alguns trocados para os moradores. O pico de prosperidade material nos Estados Unidos depois da II Guerra Mundial reduziu a pobreza extrema aos guetos de minorias raciais. Uma vez vencida, a miséria pode ser até cultuada como fonte de “pureza” e de “inspiração”. Esse conceito seria impensável na geração anterior a da Grande Depressão, em que a pobreza foi sinônimo de degradação física e moral, situação em torno da qual se desenvolve o famoso romance “Tobacco Road”, de Erskine Caldwell. O livro virou filme e peça de teatro, mas não inspirou ninguém a visitar barracos dos brancos bocas-sujas, bebedores e estupradores.

Ainda hoje, os visitantes prósperos são atraídos às favelas como um remédio para o tédio burguês, pela ideia da pobreza como purgadora e, claro, pela certeza de que eles próprios nunca vão morar naqueles casebres, conclui o autor. Filmes como “Cidade de Deus” aumentaram o número de visitantes à favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. O sucesso do longa: “Quem quer ser um milionário?” teve o mesmo efeito na Índia. Outros destinos procurados são cenários de dramas humanos de repercussão internacional, como é o caso

recente, das áreas mais atingidas pelo furacão Katrina, que, em 2005, quase destruiu Nova Orleans.

A autora Bianca Freire-Medeiros, por meio de uma pesquisa socioetnográfica, em seu livro: “Gringo na laje: produção, circulação e consumo da favela turística” (2009a); busca compreender os novos arranjos sociais que permitem emoldurar, anunciar, vender e consumir a pobreza, atribuindo-lhe um valor monetário acordado entre promotores e consumidores no mercado turístico. Segunda a autora, em 1996, quando o cantor norte-americano Michael Jackson, escolheu a favela carioca do Morro Santa Marta, localizado na zona sul e o Pelourinho baiano como locações para o videoclipe de “They don’t care about us”, dirigido por Spike Lee, a favela passou a ser o foco das atenções tanto da mídia quanto das autoridades políticas. A canção – cuja letra inclui frases como “Am I invisible because you ignore me?” (“Sou invisível porque você me ignora?”) e “I am the the victim of police brutality” (“Eu sou a vítima da brutalidade policial”) – fala do preconceito contra os pobres e da indiferença do poder público e das elites a esses apelos. O videoclipe abre com imagens do Corcovado – ícone do Brasil no imaginário internacional. Imagens da favela e do Pelourinho foram intercaladas às do pop star, que provocava de maneira coreografada supostos policiais militares, abre os braços em cruz e simula revólveres com os dedos em riste.

Jackson esteve no Santa Marta, por apenas 12 horas e no videoclipe, além de algumas vielas e lajes, pouco se vê da favela, mas as polêmicas em torno da presença do astro norte-americano na localidade ocuparam o noticiário dentro e fora do país por vários dias. Ronaldo Cezar Coelho, secretário do comércio e Indústria à época, argumentou que o vídeo denegria a imagem da cidade e exigia direitos de edição. Pelé propagou que o vídeo arruinaria as chances de o Brasil sediar os Jogos Olímpicos de 2004. O então governador do Rio de Janeiro, Marcello Alencar, acusou Jackson de querer ser o “rei da miséria” e o desafiou a fazer doações aos favelados. Indiferentes à cara feia das autoridades, os moradores do Santa Marta receberam Jackson de braços abertos, revela a autora.

A autora também nos explica que desde esse episódio tão controverso, muita coisa mudou. A pobreza no Brasil, se antes já não era segredo, hoje é incontestavelmente uma atração turística. Se em 1996, o vídeo de Jackson, ao expor a favela, era percebido pelo então governador Marcello Alencar como uma peça publicitária às avessas, que só poderia espantar os visitantes internacionais. Dez anos depois, Sérgio Cabral, assim que tomou posse à frente do governo do Estado, anunciou que as obras do Programa de Aceleração do Crescimento

(PAC) na Rocinha, além das melhorias na infraestrutura da favela, incluíam a transformação de residências na parte alta do morro em pousadas do tipo “bed & breakfast” (hospedagens que oferecem quarto e café da manhã).

Segundo a autora, em 1996, a associação entre favela e turismo era considerada absolutamente maléfica pelos representantes públicos do setor; em 2006, um projeto de lei fez da Rocinha um dos pontos turísticos oficiais da cidade do Rio de Janeiro. Essa iniciativa, aliás, contou com o apoio imediato de Rubem Medina, que disse ser a Favela da Rocinha uma atração turística há um bom tempo e que seria importante que ela fosse incluída no Guia Oficial para que as excursões, o artesanato e outros atrativos fossem mais divulgados, justificou o então presidente da Riotur, em entrevista ao jornal “O Globo”, em 20 de setembro daquele ano.

Contudo, a autora também comenta que favela carioca não tem circulado apenas em vídeo ou em película. Na estação de trem de Luxemburgo, em Paris, como parte das comemorações do ano do Brasil na França, foi montada a instalação “Favelité”. A partir de uma colagem com cerca de 800 imagens, de autoria de jovens fotógrafos moradores de favelas, apresentava-se o Morro da Providência – favela em que a Prefeitura do Rio de Janeiro construiu um museu a céu aberto no intuito de promover a localidade como atração turística – reproduzindo seus barracos, vielas e moradores para encanto dos parisienses.

Em Paris, Londres, Glasgow e Miami, o Favela Chic, um *club* decorado com palmeiras e materiais reciclados, serve comida brasileira acompanhada por uma trilha musical elétrica. Na entrada do *club* em Paris, a pintura de uma índia com ares de Iracema dá as boas vindas aos clientes.

Lorraine Leu (2004 apud FREIRE-MEDEIROS, 2009, p.25) descreve e analisa o processo midiático responsável por elevar o Brasil, e a favela em particular, à condição de sensação do momento na Inglaterra. Segundo a autora, presencia-se uma inesperada dinâmica entre o local e o global a partir da geografia imaginária da favela e da “cultura” que lhe seria peculiar. Essa cultura de uma favela mítica é utilizada nas campanhas publicitárias das mais variadas marcas e produtos, que vão dos modelos de carro Citroen e Nissan à loja de móveis sueca Ikea. Os produtos brasileiros, por sua vez, quando comercializados internacionalmente, também aderem à marca “favela” tornando até a mais humilde mercadoria brasileira, como a sandália de borracha, em um objeto de fetiche.

Em Tóquio, o restaurante “Favela” segue a mesma lógica, servindo feijoada e caipirinha em um salão que mistura elementos rústicos e requintados. Com direito a DJ e a um “movie lounge”, o restaurante tem como público aqueles que buscam o exotismo da culinária brasileira combinada a uma atmosfera “world style”. Já o Favela Restaurant, em Sidney, na Austrália, dispensa os quitutes brasileiros e serve exclusivamente comida asiática, e o logo do restaurante traz a favela apenas na imagem estilizada de um menino que esconde o rosto entre as mãos. O Club Favela, em Munster, na Alemanha, toca música “techno minimal”, “house”, “psytrance” e “reggae”, mas não se vale de nenhum ritmo associado diretamente ao Brasil. A força da marca “favela” tornou-se, portanto, capaz de transcender o referente territorial, promovendo tanto o que pretenda ser “alternativo”, “descolado”, “reciclado”, observa a autora.

Nos guias de viagem, a favela não apenas é incorporada ao roteiro, mas é apontada como ponto de visita obrigatório aos que querem conhecer o “Verdadeiro Rio de Janeiro”, como ressalta Mônica Torres (2007 apud FREIRE-MEDEIROS, 2009, p.26) em sua dissertação de mestrado. O prestigiado “Lonely Planet” chega a criticar o que vê como “glamorização das favelas” promovidas pelos meios de comunicação de massas, mas não deixa de sugerir enfaticamente o passeio, desde que feito com empresas especializadas que garantam a segurança do turista.

Além dos produtos e “*bussiness*” que colocam a favela em evidência e que estão incorporados de maneira mais formal ao mercado, existe um “corpus” mais disperso de imagens que igualmente colabora na formatação da favela turística: as fotos produzidas pelos próprios visitantes. Ao analisar 50 *fatologs*, que exibiam um volume de mais de 700 fotografias tiradas por turistas durante passeios pela Rocinha e postadas na Internet, Palloma Menezes (2007 apud FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 27), argumenta que nunca houve tamanha produção, reprodução e difusão de imagens da favela como nos dias atuais.

Há pelo menos 40 anos, as favelas estão sob controle de grupos armados. Agora, é um novo momento; com a pacificação das favelas, são as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), que prometem expulsar o tráfico, resgatar o papel do Estado e garantir segurança 24 horas. As favelas Santa Marta, em Botafogo; Chapéu Mangueira e Babilônia; no Leme; Cidade de Deus, em Jacarepaguá e Rocinha, em São Conrado já foram pacificadas. A reposta pode estar nos grandes investimentos que estão sendo feitos paralelamente à ocupação policial. Os recursos, estimados em R\$104 milhões, envolvem obras de infraestrutura e

habitação, com os quais se pretende alterar um cenário sempre associado à pobreza, abandono e violência. A previsão é que apenas o projeto de segurança, com 470 policiais, custe R\$ 8,4 milhões anuais, considerando somente as despesas com salários (Jornal “O Globo”, 09/08/2009).

Novos arranjos e políticas públicas têm como alvo as favelas cariocas, na esfera municipal, em 27 de agosto de 2010, a Prefeitura do Rio de Janeiro lançou o Projeto “Morar Carioca”, que prevê um processo de urbanização e integração de todas as favelas cariocas nos próximos dez anos. O projeto faz parte do Plano Municipal de Integração de Assentamentos Precários Informais e foi apresentado pelo Secretário Extraordinário de Desenvolvimento e Presidente do Instituto Pereira Passos, Felipe Góes. Além da urbanização, o “Morar Carioca” prevê outras quatro linhas de atuação: conservação do espaço público, controle do crescimento das favelas, legislação urbanística, com a criação de Postos de Orientação Urbanística e Social (POUSO) e o reassentamento de moradores que se encontram em áreas de risco.

Na esfera federal, em 30 de agosto de 2010, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, junto com o Ministro do Turismo Luiz Barreto, lançou no Rio de Janeiro, o “Rio Top Tour”, projeto de estímulo ao turismo em comunidades pacificadas da cidade. A primeira comunidade beneficiada pelo projeto foi a Santa Marta, fruto de parceria entre o Ministério do Turismo e o governo do Rio de Janeiro, o Rio Top Tour soma-se a outras iniciativas do poder público para criar oportunidades de desenvolvimento sócio-econômico por meio do turismo, onde foi estimado um investimento de R\$230,3 mil nesta primeira fase, por ser uma das comunidades contempladas com Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), (disponível em: <http://www.turismo.gov.br>, acesso em: 24 mai. 2012).

O que realmente se apresenta como a atração turística, durante os passeios nas favelas cariocas ? As descrições do “Turismo de Pobreza” sugerem que sofrimento e pobreza parecem ser atrações turísticas. Presume-se que o promotores desses passeios mostram principalmente; que a miséria humana, doenças e enfermidades ou condições de vida indignas são insuportáveis. Os chamados “Tours de Favela”, não vão focalizar o sofrimento e a miséria. Isto não é uma parte explícita do roteiro turístico. No entanto, sofrimento e miséria, também desempenham um papel importante deste fenômeno turístico. Os turistas, bem como os guias de turismo e fontes científicas, associam miséria e pobreza, bem como a violência e crime; aos termos “Township”, “Slum”, “Shanty Town” e/ou “Favela”. Isto se

deve aos vários níveis de tratamento dado por parte da mídia a este tipo de habitações, conforme observa, Rolfes (GeoJournal, 2010). Portanto, por ser um tema tão contraditório; ele já tocou de tal maneira a sociedade, que mereceu um olhar investigador pela academia, sendo assim; o fato abre espaço para um amplo debate, o que vai exigir uma discussão mais aprofundada acerca do assunto.

Ao refletir sobre esta nova modalidade de turismo, várias questões vem à tona: Como a favela é vista enquanto produto de consumo turístico pelos visitantes ? Qual o real interesse dos turistas, sobretudo os turistas estrangeiros, em conhecer uma favela? Como a comunidade percebe a favela, enquanto espaço valorizado pelo mercado turístico? Essa e outras questões são difíceis de se responder, devido a complexidade do fenômeno turístico apresentado.

Neste trabalho de Dissertação de Mestrado, será utilizada uma abordagem crítico-dialético, onde pretende-se confrontar o discurso dos guias de turismo que são moradores da Favela da Rocinha com o discurso daqueles guias de turismo que não são moradores e tentar descobrir em que isto implica, com objetivo de responder a questão principal: Qual a relação entre turismo e pobreza a partir das percepções de guias de turismo moradores e não moradores que trabalham na favela da Rocinha. O recorte espacial escolhido para realização deste trabalho será a própria Favela da Rocinha, situada entre o bairro de São Conrado e Gávea, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, por ser a mais famosa e pioneira neste tipo de atração turística.

Para enriquecer este trabalho, podemos contar com o apoio e orientação da autora do livro “Gringo na Laje: produção, circulação e consumo da favela turística”, a socióloga e professora da Fundação Getúlio Vargas (FGV); Bianca Freire-Medeiros, que nos concedeu uma entrevista exclusiva, em 08/05/2012, a fim de nortear e sugerir algumas orientações quanto à escolha da metodologia a ser utilizada e algumas instruções sobre como entrar na comunidade da Favela da Rocinha para realização desta pesquisa.

Há vinte anos trabalhando como guia de turismo local bilíngüe (português/inglês) na cidade do Rio de Janeiro, com especialidade em atrativos naturais; todos os anos, durante a alta temporada de turismo, a qual freqüentemente ocorre entre os meses de novembro a abril, eu e uma equipe de guias de turismo altamente qualificados, cadastrados pela EMBRATUR, somos escalados pelas melhores agências de turismo receptivo internacional, para trabalhar na temporada de navios com os turistas estrangeiros, principalmente, os norte-americanos e europeus, na chegada dos cruzeiros marítimos, no Cais do Porto; de onde partem do

estacionamento anexo, centenas de turistas em ônibus de luxo com o objetivo de visitar os principais pontos turísticos da cidade.

Certa vez, ao chegar no Cais do Porto, pontualmente às 07:30 da manhã, como de práxis para uma reunião com os outros colegas e a supervisão, no intuito de receber a ordem de serviço e ouvir as instruções para mais um dia de trabalho; fui surpreendido com o seguinte pedido por um dos supervisores: “Senhores guias, quando estiverem chegando ao bairro de São Conrado, após saírem da Avenida Niemeyer, por favor, peçam aos turistas olharem para a praia, que fica no lado esquerdo, e não olharem para o lado direito, onde fica a Favela da Rocinha, por favor!”. Diante deste pedido, o qual me chamou muito a atenção, aquilo me fez pensar como seria a minha performance durante o percurso, até chegar nas proximidades da Favela da Rocinha, e ter que amputá-la da paisagem urbana da cidade, uma vez que ela é considerada uma das maiores favelas da América Latina, com aproximadamente mais de 150 mil habitantes e; mesmo que eu quisesse ocultá-la da paisagem bucólica do bairro de São Conrado e seguir as ordens da supervisão, isso não seria possível, devido a grandiosidade do emaranhado número de casas aglomeradas existentes no morro, chegando a atingir o topo do morro, situada numa das vertentes da cadeia de montanhas do Parque Nacional da Floresta da Tijuca. De qualquer maneira, eu poderia ser indagado, a qualquer momento, por um turista mais atento, por uma simples curiosidade e interesse em saber onde estava localizada a Favela da Rocinha, sobretudo devido ao belíssimo cenário no qual está localizada. E, então, pensei: como eu deveria proceder de fato, caso tivesse que responder diante da inquietação e curiosidade natural de qualquer turista, em visita à cidade ?

Um outro fato interessante, ao pensar e tentar interpretar a favela, e que me chamou muito a atenção, e me deixou numa situação muito embaraçosa, aconteceu durante um city-tour pelo Rio de Janeiro; no qual eu estava com um grupo de turistas, de várias nacionalidades, a maioria falava inglês, em visita ao Pão de Açúcar, pela primeira vez, diante da belíssima vista da Baía de Guanabara, uma turista norte-americana, me abordou apontando para o morro Santa Marta, localizado no bairro de Botafogo, com vista para a praia de Botafogo, diante da Baía de Guanabara; ela perguntou-me: Onde desemboca todo o esgoto daquela favela, quando damos descarga no vaso sanitário do banheiro ? Na verdade, eu fiquei numa situação muito delicada e embaraçosa, porque eu não sabia se a maioria dos moradores do Santa Marta tinham descarga no banheiro de suas casas e muito menos se havia tratamento de esgoto para toda a comunidade; porém sabia que Baía de Guanabara era um grande depósito de esgoto sanitário.

Por um lado fiquei constrangido, por ter que expor uma realidade da qual eu não conhecia, mas que ao menos eu sabia da existência do problema da falta de infra-estrutura na favela, uma vez que ela tocou direto num assunto tão emblemático, no que diz respeito a falta de infra-estrutura e saneamento básico que as favelas enfrentam. Além de outras questões tão recorrentes, como a segregação sócio-espacial, por exemplo, onde ocorre não só em cidades como o Rio de Janeiro, mas em qualquer outra parte deste país como em outras cidades do planeta. Contudo, eu me vi na responsabilidade de falar em nome dos moradores da Favela do Morro Santa Marta, por ser morador da cidade do Rio de Janeiro, como profissional guia de turismo que tem como objetivo promover de maneira positiva a imagem da cidade e pelo o que ela representa como atração turística, sem ocultar a verdade, porém de certa forma tentar protegê-la, sem denegrir a sua imagem já tão depreciada pela mídia. Por um outro lado, eu poderia mentir e dizer que todo o esgoto do Morro Santa Marta é tratado e que todos seus moradores possuem descarga no banheiro de suas casas. Afinal, faz parte do trabalho do guia de turismo zelar pelo patrimônio e pela imagem da cidade na qual se trabalha e onde se ganha o “pão de cada dia”, no entanto; isso me fez refletir profundamente sobre o assunto por tratar-se de um paradoxo, o qual eu teria que aprender a lidar sempre que fosse indagado por algum turista mais interessado em conhecer nossa cidade.

Um outro motivo que me levou a investigar sobre o tema: “Turismo em Favela”, foi a oportunidade através da pesquisa empírica ter a possibilidade de conhecer qual o discurso utilizado pelos guias de turismo que atuam na Favela da Rocinha, por aqueles guias que não são moradores e aqueles que são moradores e que apresentam a favela como atração turística, no intuito de conhecer como esta percepção se dá e em que ela implica através da análise do discurso.

Considerando a pouca existência de pesquisa com enfoque sobre o fenômeno do “Turismo em Favela”, daí surgiu a possibilidade e a viabilidade de realizar um estudo neste âmbito, que viesse a contribuir efetivamente para a academia de modo a preencher esta lacuna devido a sua importância quanto a sua originalidade e relevância social, como ressalta Valladares (2005), onde afirma que o crescimento das favelas está relacionado com o crescimento da população das cidades:

Essas massa urbanas pobres tornaram-se, também, cada vez mais numerosas. A evolução demográfica do Brasil foi espetacular entre os anos 1959 e 1980, na medida em que a população do país passou, em 30 anos, do predomínio rural (pelo recenseamento de 1950, 64% da população ainda moravam no campo) ao predomínio urbano (pelo recenseamento de 1980, 68% da

população já moravam nas cidades). O crescimento urbano, daí resultante, foi explosivo – a população das cidades multiplicou-se por 4,2 entre essas duas datas – principalmente através do crescimento das favelas, dos loteamentos periféricos sem qualquer infra-estrutura e da expansão dos cortiços, conferindo ao fenômeno da pobreza urbana uma amplitude sem precedentes. [...]

Segundo Valladares e Medeiros (2003) no livro: “Pensando as favelas do Rio de Janeiro 1906 – 2000. Uma bibliografia analítica”, as autoras observam que não é de hoje que se pensa e escreve sobre as favelas. Há mais de cem anos as favelas do Rio de Janeiro se constituem em objeto de reflexão de diversos atores sociais provenientes dos mais variados campos do conhecimento e de múltiplas instituições tanto do poder público, como da sociedade civil. No entanto, são conhecidos, reconhecidos e amplamente divulgados apenas alguns poucos trabalhos e autores, permanecendo quase invisíveis e sendo pouco citados os resultados de inúmeras pesquisas e teses de cientistas sociais, textos de diversas instituições governamentais e não-governamentais, assim como vários dos depoimentos pessoais de moradores já publicados.

Vários fatores parecem estar relacionados a esta dificuldade, verificam as autoras. Em primeiro lugar a dispersão desta produção, pulverizada em nada menos nada menos que 46 bibliotecas do Rio de Janeiro. Várias delas ainda não se encontram informatizadas e/ou não registram/catalogam em separado, artigos publicados em periódicos e coletâneas. Deve-se ressaltar também que nenhum centro ou biblioteca no Rio de Janeiro teve até agora a preocupação de reunir e sistematizar o material publicado sobre o tema. As bibliotecas dos antigos SERPHAU, CENPHA E BNH, órgãos governamentais que no passado estiveram diretamente vinculados à habitação, morreram com as próprias instituições. O mesmo aconteceu com a biblioteca do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS) que desapareceu nos anos 1970. Muito embora o Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (antigo IPLANRIO) seja hoje, o centro de referência das favelas cariocas, seu acervo é bastante incompleto.

A dificuldade advém, em segundo lugar, da extrema escassez de bibliografias específicas sobre favelas, existindo até o momento aquele momento. A primeira foi publicada por L. Parisse (1969 apud VALLADARES e MEDEIROS, 2003), pesquisador francês, há quase quarenta anos na revista América Latina, periódico que hoje integra o acervo de poucas bibliografias. A segunda, de autoria do historiador norte-americano J.C. Pino (2000 apud VALLADARES e MEDEIROS, 2003), apesar de recente, é bastante incompleta e desconhece grande parte da produção oriunda da universidade brasileira e dos órgãos públicos do Estado e

do Município do Rio de Janeiro. Resenhas sobre o tema são ainda mais escassas. A terceira dificuldade está relacionada à impossibilidade de acesso aos arquivos pessoais de importantes pesquisadores já falecidos como Victor Tavares de Moura, Anthony Leeds e Carlos Nelson Ferreira dos Santos. O trabalho de Valladares (1983 apud VALLADARES, 2003, p. 13) preenche em parte essa lacuna: ao tratar da literatura sobre a habitação no Brasil, inclui a produção nacional e internacional sobre favelas, desde os estudos dos anos 1950, até aqueles do início da década de 1980. Valer mencionar ainda as implicações advindas da dificuldade de diálogo entre os diversos campos do conhecimento, fazendo parte da tradição das ciências sociais brasileiras uma certa segmentação disciplinar, atestam as autoras.

Neste livro, as autoras reúnem 94 anos de discussão sobre as favelas cariocas num fichário de 668 títulos por data de publicação e 429 autores, de 1906 a 2000, no qual pretendem justamente preencher esta lacuna, resgatando o que já se sabe, recuperando sua memória escrita que, em seu conjunto, revela-se em grande parte desconhecida/esquecida. A reunião em um só volume da bibliografia pertinente a esses aglomerados e suas populações ao longo do século XX – livros, teses, artigos publicados em periódicos, relatórios de pesquisas e *papers* apresentados em congressos, tanto no país quanto exterior, foi realizada com o intuito de divulgar a importante literatura que permite repensar os temas da favela e da pobreza no Brasil.

O segundo livro “A invenção da favela. Do mito de origem a favela.com” com a primeira edição publicada em 2005, escrito pela socióloga Lícia Valladares, resultado de mais trinta anos de pesquisa sobre favelas no Rio de Janeiro, professora do Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro durante 20 anos, criou e dirigiu o URBANDATA (Banco de Dados Bibliográficos sobre a Pesquisa Urbana no Brasil) é uma referência sobre os estudos de favela no Rio de Janeiro. O livro foi apresentado como uma tese de livre-docência na França, revela que durante os anos 90 o tema favela entrou em moda, sendo cada vez mais o número de alunos de pós-graduação interessados pelo assunto. Fato pelo qual, lhe chamou atenção o número de novas pesquisas acadêmicas sobre esses aglomerados. Uma grande parte de tais trabalhos era financiada por agências governamentais: o Programa Favela-Bairro, lançado pela prefeitura, a partir de 1993, acentuou a produção desses estudos, com o financiamento dado pela FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos) para avaliar o programa a ser implementado pela Secretaria Municipal de Habitação.

Frente a esse renovado interesse, surpreendente ainda era o desconhecimento ou o esquecimento dos trabalhos anteriores sobre esse tema, sobretudo entre as novas gerações, que a procuraram em busca de orientação. De maneira recorrente, a autora encontrou numerosos estudantes e pesquisadores que priorizavam indicadores “objetivos”, como se estes não fossem, por eles mesmos, produções sociais historicamente datadas, sempre elaboradas em contextos específicos. Além disto, pareciam ser os próprios “descobridores” da presença das favelas em meio à cidade, como se nada tivesse sido publicado nas décadas anteriores.

Todas as contribuições dos autores que, no passado, haviam dissecado amplamente o assunto, questionado a própria definição daquilo que se chamava “favela”, comparando o seu espaço com os outros tipos de habitação popular, descrevendo seu mercado habitacional, analisando as experiências anteriores de urbanização e as relações entre moradores, representantes das associações e dos poderes públicos, toda essa produção anterior havia sido esquecida. Salvo exceções, os novos autores faziam tábula rasa da história das pesquisas sobre a favela, lembrando apenas a história da favela, segundo a conjuntura política e dentro da perspectiva restrita de ressuscitar as políticas atuais com relação às políticas do passado, explica a autora.

Paralelamente, a partir dos anos 1980, relatos e reportagens, mostrando a violência, o tráfico de drogas, a criminalidade nas favelas e em torno delas, passaram a ocupar as primeiras páginas das mídias brasileiras, até transformá-las em uma especificidade carioca. Fato que sem, sem dúvida, contribuiu para um renovado interesse por parte dos pesquisadores. A associação, quase sistemática, entre pobreza e criminalidade violenta fez da favela sinônimo de espaço fora da lei, onde bandidos e policiais estão constantemente em luta.

Segundo a autora, parece que a temática da favela também poderia ter sido reativada pela importância das questões referentes à segregação sócio-espacial. Dentro de uma metrópole como o Rio de Janeiro em que o espaço geográfico é tão particular (mar e morros), a presença de favelas em meio aos bairros de classe média e alta oferece um violento contraste entre o modo de vida dos pobres e o modo de vida dos ricos. Tanto mais que o aumento da violência reforça o medo dos habitantes da cidade formal frente à população dos morros, acentuando uma visão dualista, rapidamente reduzida a formulações lapidares, tais como a “Cidade Partida” (VENTURA, 1994 apud VALLADARES, 2005, p.20), ou a metáfora de “Guerra” (LEITE, 2000 apud VALLADARES, 2005, p.20). As favelas passam

então a ser percebidas como a “outra metade da cidade”, aparecendo, antes de tudo, como o território da pobreza, da ilegalidade frente à cidade “legal”.

Estabeleceu-se como objetivo geral para o estudo: Conhecer as visões da favela como atrativo turístico por parte de guias de turismo moradores e não moradores. Como objetivos específicos definiu-se o seguinte: a) Identificar o perfil sócio-profissional dos guias de turismo moradores e não-moradores que atuam no turismo em favela (Rocinha – Rio de Janeiro); b) Descrever o modo como os guias de turismo desenvolvem suas atividades in locu na favela (Rocinha – Rio de Janeiro); c) Analisar comparativamente como os guias de turismo moradores e não-moradores vêm a favela enquanto espaço inserido na cidade do Rio de Janeiro; d) Analisar comparativamente como os guias de turismo moradores e não-moradores vendem a imagem da favela para os turistas.

Capítulo 2 - PENSANDO ALTO NOS SABERES, CONCEITOS E CONHECIMENTO

2.1 Turismo: Crescimento e Impactos

O Turismo no Brasil é um setor da economia que vem se destacando como um importante aliado do governo no âmbito da esfera pública federal, estadual e municipal, na geração de divisas e favorecendo a criação de trabalho formal e informal e renda no mercado. Dentre as vantagens que o país apresenta como uma de suas características principais, podemos citar: uma grande dimensão territorial, uma diversidade cultural muito rica e ampla variedade de atrativos naturais.

Segundo um levantamento das últimas estatísticas do Ministério do Turismo revela que, o turismo cresceu 76% em cinco anos e gerou cerca de 900 mil empregos no período, de 2000 a 2005 (Ministério do Turismo, 2009).

Neste contexto, especificamente no caso da cidade do Rio de Janeiro, considerada a

porta de entrada do turismo, mundialmente conhecida devido a sua beleza natural e pontos turísticos famosos como o Corcovado e o Pão de Açúcar, percebemos o desenvolvimento de uma nova modalidade de turismo que se faz notar; há uma tendência do crescimento do chamado "Turismo em Favela" , devido a freqüente procura e ao grande interesse por parte dos turistas, neste tipo de atração turística que, atualmente, incorporados à cidade formal somam quarenta e seis milhões de metros quadrados ocupados por um total de 1.020 favelas na cidade do Rio de Janeiro (Jornal "O Globo", em 16/08/2009).

Para o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH) e do Conselho Curador do "Rio Convention Bureau", Alfredo Lopes [naquele período]: " há otimismo no setor de turismo", ele vê um futuro promissor, se o governo investir na questão da melhoria da segurança e da infra-estrutura das comunidades. Segundo ele: "Quando há ações com muitos mortos nas favelas, elas ganham o mundo e arranham a nossa imagem. Chegamos a perder convenções por isso. O turismo crescerá se a violência não for pano de fundo da cidade. Pouco mais de dois milhões de estrangeiros vem ao Rio, anualmente. Buenos Aires é visitada pelo dobro de pessoas. Paris recebe 34 milhões, anualmente."

Paradoxalmente, apesar da repercussão negativa que a violência nas favelas provocou no turismo carioca, com a diminuição dos fluxos turísticos e da rede hoteleira, observa-se recentemente um movimento para transformar esse espaço marginalizado em espaço de visitação turística, transformando, dessa forma, o espaço da pobreza em produto turístico.

Sabe-se que o número de agências de turismo receptivo que realizam o Turismo em Favelas nas comunidades pobres do Rio de Janeiro gira em torno de oito agências (MACHADO, DANIELA S. ;FONSECA, DENISE P. R., PUC/RJ- 2007). É possível que esse número tenha aumentado, considerando que muitas agências estão acrescentando um passeio a favela aos seus roteiros tradicionais. Elas são as seguintes: Cariocafreeculture; Favela Tour; Favela Walking Tour; Indiana Jungle; Jeep Tour; Be a Local; Exotic Tour; Forest Tour; Live Rio Tourism Services; Private Tour e Adventure.

Segundo Bellei (2008), as favelas do Rio podem deixar de ser um entrave para o turismo da cidade para passarem a ser pontos requisitados pelos visitantes. "Atualmente, muitos já procuram passeios em comunidades, e a intenção da prefeitura é profissionalizar para expandir a atividade. A Secretaria Municipal de Turismo, em parceria com o Ministério do Turismo, selecionou 15 projetos em comunidades carentes que receberam patrocínio de cerca de R\$ 50 mil, cada um. Entre os selecionados estão Chapéu Mangueira, Babilônia,

Pereira da Silva, Santa Teresa, Morro da Conceição, Vidigal, Morro dos Prazeres, Cantagalo, entre outros.

A idéia geral do programa é pô-lo em prática e oferecer possibilidades de auto-sustentabilidade a projetos no campo dos serviços prestados ao turismo na cidade, a partir daquelas áreas. Visto desse modo, o foco se amplia do turismo em si mesmo, até outras áreas, como a Educação, por exemplo. Esses programas terão como objetivo final qualificar profissionais e gerar trabalho e renda, promovendo a inclusão social de moradores de comunidades carentes e pessoas de baixa renda.

Além do retorno financeiro, Alfredo Lopes, presidente da ABIH [naquele período], sublinhava que a ida dos turistas às favelas, quebra o preconceito: “É muito importante porque acaba com o temor entre turista e favela. Hoje já temos verdadeiros *points* em morros e, com isso, a própria comunidade consegue entender a importância dos turistas e passam a não agredi-los mais em outros pontos da cidade.”

Neste cenário, a atividade turística poderá vir a ser mais um instrumento que pressione o governo na execução de maneira efetiva das políticas públicas, no sentido de estruturar os destinos turísticos, como as favelas que necessitam de resolver diversos problemas como a questão da regularização fundiária de assentamentos irregulares, urbanização, infra-estrutura, saneamento básico, segurança, dentre outros.

2.2 TURISMO DE REALIDADE NA FAVELA DA ROCINHA: UM EXERCÍCIO VOYERÍSTICO OU UM ATO ÉTICO E SOLIDÁRIO?

Segundo Richard Sennet (1988 apud FREIRE-MEDEIROS, 2009, p.43), a esfera pública é tomada, no mundo contemporâneo, como injusta e devoradora, o que provoca nos sujeitos o desejo de se refugiar em um espaço íntimo e acolhedor.

Sinais gritantes de uma vida pessoal desmedida e pública ficaram por muito tempo incubados. São resultantes de uma mudança que começou com a queda do Antigo Regime e com a formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista.

Conforme salienta Sennet (2009 apud VALADARES) “a valorização do espaço e da experiência da intimidade leva a política moderna a incorporar, na legitimação do homem público, valores como a autenticidade, “resultado da superposição do imaginário privado sobre o imaginário público”.

A “fixação na autenticidade” ganha novo impulso nas sociedades ocidentais contemporâneas a partir das lutas contra a repressão e discriminação características das décadas de 1960 e 1970. O discurso político passa a ser marcado pela ênfase na necessidade de expressão dos sentimentos como lugar da verdade do sujeito, era preciso tudo dizer; em qualquer lugar, em nome da autenticidade. Paralelamente, se aprofunda um sentimento de nostalgia diante do autêntico supostamente perdido, engolido pelo mundo artificializado das tecnologias, que só pode ser recuperado a partir de um duplo movimento: por meio do incremento das interações face a face e por meio da revalorização das culturas vistas como “não contaminadas” pelo racionalismo ocidental.

Segundo Freire-Medeiros (2009b), a pobreza turística emerge na confluência dessas duas prerrogativas. Tanto na favela carioca quanto nas “townships” na África do Sul, em Kibera, na Cova da Moura ou em Dharavi, são prometidas aos turistas encontros autênticos com as comunidades exóticas, artesanais, supostamente alheias à temporalidade moderna. Sinais evidentes de inserção dessas localidades na sociedade de consumo global parecem muitas vezes invisíveis aos olhos dos turistas. Não por acaso, proliferam, na descrição dessas experiências turísticas por parte dos visitantes e dos agentes promotores, expressões como “viagem no tempo”, “reencontro com os verdadeiros valores”, “redescoberta daquilo que realmente importa”.

Para a autora, não há dúvida de que se trata de experiências bastante heterogêneas; entretanto, todas elas realizam complicadas articulações entre dinheiro e emoções, entre lazer e miséria – domínios cuja a sobreposição a moralidade ocidental define como incongruente e agramatical. Costumamos entender interesses financeiros e sentimentos ou lazer e miséria, como elementos que não devem se misturar por perigo de contaminação, explica a autora.

Vários sociólogos e antropólogos de economia têm demonstrado que o mercado não é uma entidade autônoma, conforme concebiam os teóricos clássicos, mas uma esfera da vida social constantemente transformada por valores sociais, morais e sagrados. Como compatibilizam-se interesses racionais, impessoais e objetivos, próprios das relações de mercado, com os princípios emocionais, pessoais e subjetivos que nos entrelaçam na vida cotidiana ? Como dizer quanto vale a vida de um ente querido que se perde por negligência médica ? De que maneira se quantifica moeda um dano moral ? Não é tarefa fácil, mas isso não quer dizer que essas compatibilizações não aconteçam diariamente. É importante entendermos esse ponto, observa a autora.

A beleza natural de seus morros e praias faz da cidade do Rio de Janeiro com que ela seja muito apreciada por seus moradores, e isto se reflete num dos fatores pela escolha do “Turismo em Favela” ser uma alternativa, pois a maioria das favelas turísticas visitadas pelos turistas estão localizadas dentro de belíssimos cenários naturais na zona sul, como por exemplo, podemos citar a mais famosa delas, a “Rocinha”, que possui uma deslumbrante vista panorâmica das praias de São Conrado, Leblon e Ipanema; umas das mais bonitas do Rio, motivo pelo qual desperta um grande interesse dos turistas em visitá-la.

Conforme analisou a socióloga Bianca Freire-Medeiros (2009c) em sua pesquisa, a utilização dos terraços como mirantes informais é prática comum a todas as agências e esse “momento laje” é, sem dúvida, um dos mais apreciados pelos visitantes: como o mar de casas a seus pés, eles podem confrontar a favela com seu entorno, as casas mal alinhadas com os edifícios luxuosos à beira-mar.

A partir da análise da autora, verifica-se estarmos diante de uma nova categoria de turismo o chamado “Reality Tours” ou “Turismo de Realidade”, que neste trabalho trata-se do “Turismo de Favela”, o qual vem ocorrendo desde os anos de 1990, especificamente na cidade do Rio de Janeiro.

O fenômeno do “Turismo em Favela” teve início a partir de 1992, quando a cidade do Rio de Janeiro foi palco de um mega evento, a II Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano, que teve como principal tema a discussão sobre o desenvolvimento sustentável. Neste contexto, foi planejada uma vigorosa estratégia de segurança com a finalidade de proteger os participantes e autoridades oriundos de diversos lugares para manter a ordem local, com a presença maciça de soldados do Exército Brasileiro pelas ruas, principalmente nas entradas das favelas e em pontos críticos da cidade.

O mercado turístico carioca foi amplamente aquecido naquele momento, com a chegada de milhares de turistas, fato que oportunizou a possibilidade de oferecer todos os tipos de opções de passeios e pacotes turísticos pelos agentes de turismo e viagens locais àquela imensa demanda. É neste momento, em visita à cidade do Rio de Janeiro que os olhares dos turistas se voltam para as favelas, sobretudo aquelas localizadas nos morros da zona sul da cidade, área nobre e mais privilegiada da cidade, além da belíssima paisagem natural, onde está instalada a rede hoteleira e a melhor infra-estrutura em termos de equipamentos turísticos e urbanos da cidade. É a partir daí, que surge a curiosidade pelos turistas estrangeiros em conhecer, entrar e percorrer o espaço onde estão localizadas as favelas,

fato precursor das primeiras visitas turísticas dando início ao chamado “Turismo em Favela”, “Reality Tours” (“Turismo de Realidade”) ou “Slumming” (“Visita a Favelas”), conforme alguns autores conceituam o fenômeno.

Segundo Freire-Medeiros (2009d): “[...] essa presença tornou-se massiva e que de fato se constituiu um mercado para a pobreza turística no Rio de Janeiro”, constata a autora.

Como em um bom romance, quase sem querer a cidadania encontra-se submersa nos enredos e cenários que o autor se encarregou de desenhar para um público nada objetivo: os leitores. Como em uma moderna peça de teatro, os atores convidam, incitam a participar e, novamente quase sem querer encontram-se em cenário ampliado, segundo as diretrizes de um desconhecido que parece algo familiar.

As personagens de ambas as obras possuem algo de cada um dos cidadãos, e cada um fornece a elas a própria essência que as torna atraentes: significado. Abrem-se e transformam-se no dia a dia o cenário e as páginas. O turismo conseguiu ser, para o mundo desenvolvido, esse drama, com um roteiro mais ou menos confuso, que se reescreve ao início de cada nova frase, conforme se opta por algo desejado, conforme alteram – ou são induzidos a mudar “livremente” – as modas, o cotidiano. É o próprio roteiro que deve ir marcando os passos da obra e, por mais que tenha sido escrito de forma imaginativa, criativa e aberta à improvisação, dará uma série de padrões a seguir, normas a cumprir ou, ao menos, delimitará o cenário de cada momento. (SANTANA, 2009, p.71, grifo nosso).

Nesta perspectiva, conforme explica Santana (2009) podemos verificar que o “Turismo em Favela” está ficando cada vez mais recorrente no cenário do turismo do Rio de Janeiro, como uma peça de teatro bem sucedida, que possui um elenco talentoso e bastante vigoroso e dão vida aos seus personagens, sendo cada vez mais procurado por aqueles turistas em busca de ter uma experiência real e presenciar a vida na favela, ter o seu “momento laje” e ter a chance de observar os contraste da vida urbana na cidade, suas características e a imagem do Rio a partir das favelas, já que elas se encontram dentro de um belíssimo cenário natural no conjunto da paisagem da cidade.

Conforme analisa Valladares (2005a): “Dentro de uma metrópole em que o espaço geográfico é tão particular (mar e morros), a presença de favelas em meio aos bairros de classe média e alta oferece um violento contraste entre o modo de vida dos pobres e o modo de vida dos ricos.” No entanto, ao entrevistar a socióloga Bianca Freire-Medeiros, ela me revelou que a favela é hoje, aberta como um território de investimento de uma certa proporção, não que não fosse antes; cada vez menos alternativo, cada vez menos marginal, cada vez mais *mainstreaming*, porém; ainda é um segmento turístico em que não são todas as agências que irão se dispor a trabalhar com ela.

Esse índice básico e imprescindível, é a cultura, sempre dinâmica, na qual cada um está inserido e que modifica com a experiência compartilhada. A cultura como elemento tangível, físico, e a cultura que nos faz ver e nos vê de uma forma concreta torna-se o centro e o eixo do cotidiano. Caso contrário, por que escolhemos ? Por que fazemos ou pretendemos fazer? Por que desejamos e consumimos de uma forma ou de outra ? (SANTANA, 2009, p. 71, grifo nosso).

Como a imagem da favela é vendida, como ela é promovida e divulgada mundo afora no dia a dia do discurso dos guias de turismo que não são moradores da Favela da Rocinha e aqueles que são moradores e que apresentam o seu lugar de moradia como atração turística? Em que isso implica? Para tentar responder a umas das questões centrais deste trabalho, será utilizada a metodologia da observação participativa através de pesquisa empírica, na própria Favela da Rocinha, como uma das etapas deste Projeto de dissertação de Mestrado.

De acordo com Bianca Freire-Medeiros (2009d): “o consumo da pobreza pela via do turismo transmuta-se, por mais paradoxal que possa parecer, em um elemento de distinção social que cria novas e complexas hierarquias”. Num primeiro momento, “é preciso observar que os turistas, ao consumirem os objetos e práticas associados aos pobres, não querem ser como eles, mas pretendem consumir a própria diferença socioeconômica através dos símbolos associados à pobreza.” Num segundo momento, a autora verifica que: “A possibilidade da revelação de si por meio do encontro com “a comunidade” na qual permaneceria resguardada “a cultura autêntica” [...] é um elemento fundamental na composição da pobreza turística”.

Há variações nos discursos que cada agência prepara e com os quais capacita seus guias, mas de maneira geral as favelas são descritas nos passeios como territórios marginais à cidade formal, cuja origem remete à negligência do poder público e à ganância das elites locais. Os guias costumam ressaltar que, nos últimos anos, esse quadro vem sendo alterado, com a progressiva incorporação das favelas ao asfalto, sendo as obras do projeto “Favela-Bairro” o exemplo recorrentemente citado. São dadas, também, instruções gerais aos turistas: ignorar eventuais provocações, não interromper a passagem dos moradores nas ruazinhas estreitas e não dar esmola – isto porque “a gente não quer estimular a profissionalização da miséria como instrumento de trabalho”, como explicou Luiz Fanzotti, da Be a Local. Não deixa de ser um tanto irônico que aqueles que fazem da pobreza mercadoria sejam os mesmos que denunciam o efeito perverso da prática da esmola e da caridade direta.

Nos inúmeros passeios de que participei com minha equipe [de pesquisa], eram sempre destacadas as supostas peculiaridades da favela em relação ao restante da cidade: a arquitetura ímpar, o recurso insistente ao criativo “jeitinho brasileiro” (o chamado “gato de luz”, presente por toda a favela, seria o seu melhor exemplo), a espontaneidade alegre da população e sua submissão às leis do “poder paralelo”. Não é incomum comentarem que, graças a essas leis violentas e arbitrárias, roubos, furtos e estupros são praticamente inexistentes na localidade. (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 69)

É importante destacar a importância do papel do guia de turismo morador e não-morador da favela turística na construção da imagem que fazem ao caracterizá-la, durante os passeios nos quais, os turistas são meros expectadores. É a partir do discurso do guia de turismo que os turistas farão a sua própria interpretação da favela como lugar que faz parte da cidade.

O descobrimento e progressivo conhecimento do turismo por parte dos governos, empresariado, conservacionistas e pesquisadores, em conjunto com as mudanças nas formas de desenvolvimento e exploração das áreas turísticas, reflete-se nas regulamentações, formas de associação, ações populares, nos projetos de pesquisa e relatórios. Conforme o grau de envolvimento e os benefícios obtidos/percebidos, cada um dos grupos tem se inclinado a se envolver no desenho, no planejamento, na exploração e no controle dos produtos turísticos, o que colocou sobre a mesa posturas e opiniões às vezes radicalmente opostas (do louvor ao desenvolvimento capitalista ou ao contato cultural até a explicitação de relações de exploração neocolonialistas, da destruição do tradicional ou dos perigos da sobrevivência). (SANTANA, 2009, p.43, grifo nosso).

Nos anos 1990, podemos observar o desinteresse e a falta de políticas públicas do poder público na viabilização do turismo de favela no Rio de Janeiro, uma vez que já existia a ocorrência do fenômeno. No entanto, hoje em dia, podemos verificar que a favela está cada mais se incorporando a cidade através de políticas públicas como o RIO TOP TUR, no intuito criar oportunidades de desenvolvimento sócio-econômico por meio do turismo.

O discurso dos guias de turismo, no dia-a-dia de seu trabalho, vai estar diretamente ligado a interpretação que eles têm da favela e como eles descrevem e vendem essa imagem para os turistas *in locu*. Em conseqüência, o discurso sobre a favela que se “ vê e se vende” dos guias moradores e não-moradores terá influência direta na visão que os turistas irão ter da favela. Em que isso implica? Segundo Debord (1997): “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”. Ele comenta que o espetáculo não pode ser compreendido como abuso de um mundo da visão, o produto das técnicas de difusão maciças das imagens. Ele é uma *Weltanschauung* (= Ideologia), que se tornou efetiva materialmente traduzida. É uma visão do mundo que se objetivou. Ou poderíamos dizer que o espetáculo não pode ser confundido com uma fantasia que não representa verdadeiramente a realidade, uma vez que para o autor é o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade.

As imagens que se destacaram de cada aspecto da vida fundem-se num fluxo comum, no qual a unidade dessa mesma vida já não pode ser restabelecida. A realidade considerada *parcialmente* apresenta-se em sua própria unidade geral como um pseudomundo à parte, objeto de mera contemplação. A especialização das imagens do mundo se realiza no mundo da imagem autonomizada, no qual o mentiroso mentiu para si mesmo. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo. O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como instrumento de unificação. Como parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo olhar e toda a consciência. Pelo fato de esse setor estar separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza é tão somente a linguagem oficial da separação generalizada.

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. O espetáculo não pode ser compreendido como abuso de um mundo da visão, o produto das técnicas de difusão maciça das imagens. Ele é uma *Weltanschauung*, que se tornou efetiva, materialmente traduzida. É uma visão de mundo que se objetivou. Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos-, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha. Forma e conteúdo do espetáculo são, de modo idêntico, a justificativa total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo também é *presença permanente* dessa justificativa, como ocupação da maior parte do tempo vivido fora da produção moderna. (DEBORD, 1997, p. 13, grifo nosso).

Em sua pesquisa empírica entrevistando turistas, empresários e guias de turismo a socióloga Bianca Freire-Medeiros (2009e) possibilitou mostrar as várias interpretações da favela como atração turística e que podemos aprender com esta experiência interativa com a comunidade.

Quem são esses homens e mulheres que escolhem pagar por uma visita a um território associado à pobreza e à violência, em geral temido e evitado pelas elites locais? De onde partem e em busca exatamente de que realizam o passeio pela Rocinha? Conforme questiona Freire-Medeiros (2009f, p.82):

É um cara que não é um marinheiro de primeira viagem, não é o cara que está saindo pela primeira vez do país dele. É um cara mais viajado. Em geral, mais culto, mais informado [...] que quer sair do lugar comum, que quer experimentar um pouco mais além do cartão-postal. Dentro desse perfil existem pessoas que têm uma experiência específica. O cara é arquiteto e quer saber como é a estrutura de uma favela. O cara é sociólogo, o cara é professor de geografia, o cara viu *Cidade de Deus* e quer contrastar aquilo que viu no filme com a realidade.

Tem mais europeu, mas não é somente europeu. Europeu é, vamos dizer, 60% e 25% é americano. O restante, de outros lugares do mundo (Marcelo Armstrong, proprietário da Favela Tours).

Pedro Novak, da Private Tours, concorda que o público consumidor da favela turística muitas vezes é composto por “pessoas que têm interesse por sociologia, por causas sociais”. E completa: “Vai de estudantes até terceira idade. O espectro é amplo, varia muito”. Novak também atesta uma relação direta entre popularidade internacional do filme de Fernando Meirelles e o incremento do turismo na área: “[Os turistas são] justamente aqueles que viram *Cidade de Deus* ou já ouviram falar da favela e têm curiosidade”.

Todos os donos de agência que a autora entrevistou anuem que há mais europeus do que norte-americanos interessados em conhecer a Rocinha e que turistas brasileiros são raríssimos. Rafael Seabra, da Jeep Tour, ofereceu uma explicação interessante para essa ausência:

Por que eu não trabalho com público nacional? Porque ninguém tem a menor curiosidade de saber se é verdade mesmo [o que se diz sobre a favela]. O brasileiro tem aquela ideia fixa sobre o que é a favela e não entra, não vai e não que saber. Freire-Medeiros (2009g, p.83):

As observações de campo realizadas desde fevereiro de 2005, as entrevistas com 56 turistas, bem como a análise de seus blogs e fotologs (registros virtuais de sua experiência de viagem), permitem confirmar a percepção dos agentes promotores, em sua quase absoluta maioria, estrangeiros. A maior parte encontra-se inserida profissionalmente no setor terciário e já teve experiências de viagem em circuitos “alternativos” mundo afora. O guia Carlos Antonio, por exemplo, detalhou:

Quando o turismo na Rocinha começou, [os turistas] em sua grande maioria eram antropólogos, psicólogos, sociólogos e arquitetos. Esse foi o perfil do primeiro turista que vinha na favela. Depois isso foi mudando, foram vindo outros tipos de pessoas. Diversificou muito! E hoje em dia você não tem mais um critério certo. Vai do “mochileiro” ao grande executivo do Merriot e do Copacabana Palace. Esse é o perfil do turista hoje, é diversificado [...]. Freire-Medeiros (2009h, p.83):

Trata-se, sem dúvida, de um grupo muito heterogêneo, mas, se tivesse que apontar uma característica comum a esse grupo tão plural, diria sem medo de errar: a ansiedade em diferenciar-se. Trata-se, porém, de uma diferenciação ainda mais complexa do que aquela que opõe simplesmente nativos a turistas, afirma a autora.

De acordo com autora, em primeiro lugar, eles pretendem distinguir-se dos *turistas convencionais*, cuja vivência do Rio de Janeiro estaria limitada ao circuito praia, Corcovado e Pão de Açúcar. Nota-se, porém, que o turista que vai à favela não deixa de visitar essas atrações turísticas internacionais convencionais, mas faz questão não se restringir a elas.

Em seguida, procuram diferenciar-se dos *turistas-voyeur*, que visitariam a favela sem com ela interagir. Aqui também cabe uma observação, explica a autora: cada turista acha que a agência por ele (a) escolhida, bem como o tipo de transporte utilizado garantiram-lhe a interação adequada, porém especulam sobre a experiência de outros turistas que não teria sido supostamente tão proveitosa quanto a sua.

E por último, contrapõem-se à elite carioca, cujo temor pré-conceituoso a impediria de conhecer sua própria cidade, fazendo da favela um território segregado. A fala de M., inglesa de 34 anos que atua no mercado de turismo, ilustra bem esse complexo sistema de hierarquias de distinção:

Eu decidi visitar a favela para saber como o povo brasileiro de verdade vive [...]. Eles [os favelados] são pessoas felizes lutando para sobreviver. Não são todos viciados ou gente ruim como as pessoas dos subúrbios [sic] do Rio gostam de dizer que elas são [...]. Quem mora em Ipanema ou em outras áreas ricas do Rio temem as pessoas da favela – essas são as pessoas que precisam mudar, não as pessoas da favela.

Eu não estou visitando um zoológico. Eu estou aqui para entender a cultura e o país. Meu interesse é contribuir para a sociedade e modificá-la. Quero me tornar uma pessoa melhor compreendendo o mundo [...].

Esse tipo de tour é importante contando que as pessoas certas estejam no comando. Aqueles que estão no *bussiness* só para ganhar dinheiro para si mesmos devem ser eliminados pelo Rio Tourism Bureau [RioTur]. Eles também devem estar atentos sobre que tipo de gente visita a favela. Eu não acho que grupos de ricos aposentados americanos deveriam ir. [O turismo na favela] tem que ser comercializado como algo que abre a mente, não como um zoológico ou como um museu. Freire-Medeiros (2009i, p.84-85)

Como nos revela Pierre Bourdieu (2007 apud FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 85), sob o prisma da distinção não é simples satisfação das necessidades que orienta e organiza a hierarquia dos bens, mas a escassez dos bens, mas a escassez desses e a impossibilidade de que outros os possuam. Segundo a autora, para M., assim como para de muitos de seus entrevistados, não deveriam ter acesso à favela turística os agentes promotores que estivessem motivados tão somente pela cobiça do lucro. E mais: a interdição se ampliaria aos que a

consumissem sem preocupar-se em ajudar a favela ou sem o desejo genuíno de fazer daquela visita uma experiência interativa que proporcionasse uma verdadeira *transformação do self*. Uma turista, que assina sob o codinome SmartLollypop, postou o seguinte comentário em seu blog de viagens em 23 de novembro de 2005.

Estou viajando pelo mundo por um ano e minha primeira parada foi o Rio. Conversando com alguns dos meus companheiros de viagem, eles desafiaram minhas visões equivocadas sobre o turismo na favela [...]. Achei que o tour era ficar olhando para as pessoas de um ônibus, mostrando os locais de um modo horrível, à distância. Meus novos amigos me informaram que, na verdade, era um tour a pé guiado por uma pessoa local, e que o dinheiro que pagávamos era usado para melhorar uma escola e uma creche. A favela, Rocinha, tinha a atmosfera hospitaleira de gente verdadeira e honesta; vidas inocentes prejudicadas pela volatilidade do mundo das drogas [...].

Nossa guia [nome do guia] nos levou à creche onde o dinheiro seria usado. Antes de [o guia] criar a organização [nome da agência], as crianças passavam dias sem comer e eram forçadas a mendigar; três anos depois elas estão fora das ruas, recebendo três refeições ao dia e aprendendo artesanato; elas depois vendem seu trabalho em vez de mendigar. Olhando a Rocinha, agora eu sinto que compreendo o povo do Rio de uma maneira muito mais profunda; com um senso de comunidade forte e inabalável, eles compartilham os tempos difíceis e, lentamente, mas de maneira decisiva, começam a melhorar sua situação. O tour consegue o equilíbrio perfeito entre educar e disseminar consciência e prover benefícios genuínos onde eles são mais necessários. Um *must* definitivo ao se visitar o Rio, vai iluminar a sua vida e dar um *insigth* único a um lugar fascinante. (Freire-Medeiros (2009j, p.85-86)

A possibilidade da revelação de si por meio do encontro com “a comunidade” na qual permaneceria resguardada “a cultura autêntica” é, como se verifica na fala de SmarLollypop e de tantos outros, um elemento fundamental na composição da pobreza turística, observa a autora.

Conforme observa o antropólogo Galani-Moufati (2000:204 apud FREIRE-MEDEIROS, 2009, p.86):

No curso da história, colonialismo, missões religiosas, pesquisas etnográficas e turismo tem oferecido escapes poderosos para a busca da autorrepresentação; em face do individualismo, da mobilidade e da fragmentação – qualidades intrínsecas à modernidade – tal busca encontra motivação na nostalgia por uma comunidade ideal e completa.

Dean MacCannell, em obra pioneira intitulada *The tourist: a new theory of the leisure class* (1992 apud Freire-Medeiros, 2009, p. 86), argumenta que, mais do que simples lazer e contatos superficiais, o que os turistas buscam são experiências autênticas – ainda que essa busca esteja fadada à frustração.

MacCannell propõe o turista como chave interpretativa do mundo contemporâneo uma vez que as viagens representam um esforço coletivo por unificar e dar sentido a um mundo contraditório e fragmentado. Essa explosão de diferenças – própria da sociabilidade ocidental – leva os indivíduos a viajar para lugares idealizados como lócus de elementos autênticos pertencentes a outras culturas ou a um passado mitificado, “encenações” das quais participam também os próprios nativos que se beneficiam das oportunidades de trabalho e renda geradas pelo turismo.

Para além do sentido lúdico que geralmente anima o ato de viajar, este ajudaria o sujeito contemporâneo a construir totalidades com base em experiências díspares porque, na condição de turista, lhe é dada a possibilidade de formular sua própria trajetória e a de sua sociedade, como ocorria durante as peregrinações do medievo: na experiência turística estariam hoje condensados, portanto, sentidos e valores anteriormente vinculados àquela experiência religiosa vivida como encontro como o autêntico. Porém, no caso da pobreza turística, já não se trata de uma autenticidade transcendental, mas de outra que se inscreve em um território colonizado por referências midiáticas e apela não para o contemplativo, mas para o interativo. (FREIRE-MEDEIROS, 2009k, p. 87)

“O turismo alternativo não proporciona benefício mútuo entre viajantes e a população local”, afirma o antropólogo Noel B. Salazar (2004:101 apud FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 90). Sua crítica, baseada em um estudo de caso que envolveu 31 “turistas conscientes” da Holanda em visita a países pobres, segue afiada:

As aspirações filantrópicas de turistas ou de agentes de turismo geralmente mascaram os interesses próprios que cada um possui. Os turistas precisam ir nesse tipo de passeio e ver em algum outro lugar que, afinal das contas, a vida deles não é tão ruim assim. Freire-Medeiros (2009l, p.90-91):

Para a autora por mais que a crítica de Salazar tenha fundamento, é preciso ter cuidado com as generalizações e qualificar que “interesses”, afinal, seriam estes que animam a busca pela pobreza turística. Em um momento em que cidadania e consumo se atravessam e se encompassam de maneira tão contundente, como nos diz o sociólogo Néstor Canclini (1999 apud FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 91), ao turista não escapa uma atitude reflexiva e autocrítica diante de seu objeto de consumo e das práticas sociais que envolvem sua aquisição. O norte-americano J. de 28 anos, que foi entrevistado pela autora no verão de 2007, se posicionou de maneira bastante questionadora em relação à favela turística:

Não tenho exatamente certeza se o tour é importante para as pessoas da favela. Disseram que uma parte da renda vai para os berçários e creches da favela, mas [não sei] como os tours afetam os favelados [em geral]. Para os turistas, algumas horas numa favela não são suficientes para causar um impacto significativo. É só uma exposição breve a um outro modo de vida.

No máximo, os turistas vão falar para seus amigos e outros turistas sobre o que viram.

As fotos são postadas *online* para todo mundo ver e talvez isso vá atrair mais turismo para o Rio e as favelas. Mas a verdadeira pergunta é: nós queremos que o tour modifique a favela ?

Na medida em que os passeios se tornam mais populares, muita gente vai encará-los como uma forma de fazer dinheiro e talvez os tours mudem, ou talvez a favela mude e maximize o dinheiro conseguido com os turistas. Mas se o padrão de vida subir, em algum momento, a favela não vai deixar de ser uma favela ?

Então propósito do tour é oferecer aos viajantes um olhar sobre o estilo de vida da favela, e preservá-lo para o futuro? Ou o propósito é expor os moradores da favela ao exterior e a um possível modo de vida melhor ? Claro que há muitos outros fatores envolvidos sobre os quais eu sei pouco ou nada, como os cartéis da droga, mas essa é só minha especulação. Freire-Medeiros (2009m, p.91-92)

Como a imagem da favela é vendida, como ela é promovida e divulgada mundo afora no dia a dia do discurso dos guias de turismo que não são moradores da Favela da Rocinha e aqueles que são moradores e que apresentam o seu lugar de moradia como atração turística ? Em que isso implica ? Para tentar responder a umas das questões centrais deste trabalho e será utilizada na metodologia através da observação participativa em pesquisa empírica na própria Favela da Rocinha.

De acordo com a autora a “especulação” de J. remete a uma contradição que é constitutiva não apenas da experiência do turismo na favela, mas de qualquer destino turístico que se pretende alternativo. Em seu argumento que vigora é a busca por novos e exclusivos destinos turísticos – não só para o lazer e o relaxamento, mas também para a certificação de status-, potencializa-se uma irremediável ansiedade na experiência de consumo: afinal, se todos passarem a visitar, por exemplo, praias desertas, logo elas deixarão de ser desertas, perdendo assim a característica que lhes permitia ser comercializadas como um bem exclusivo.

No caso do turismo na favela, as contradições intrínsecas à construção, à comercialização e à manutenção de localidades turísticas alternativas complexificam-se. A atribuição de status está associada, na maioria dos casos, ao esforço empreendido pelo sujeito para convencer – a si e aos demais – que sua visita não é um exercício voyerístico, mas um ato ético e solidário cujo resultado último é o desenvolvimento da localidade. Mas, ao fim e ao cabo, o argumento de que a presença do turista beneficia a favela pode ser e é questionado – como o fez o próprio J. e alguns outros turistas com os quais a autora conversou.

Segundo a autora o turista inglês, que assina sob o pseudônimo de Witless-Wanderer (AndarilhoSemNoção, em uma tradução literal), deu início a seu diário de viagens virtual também questionando a própria promoção da pobreza turística:

Eu não sou fã do turismo de pobreza que, na minha opinião, denigre todos os envolvidos. Depois do paternalismo “Oh..então você é pobre?”, há sempre o complemento não dito “Que bom que eu não sou.” Freire-Medeiros (2009n, p.92-93)

Assim como WitlessWanderer, que visitou a Rocinha no verão de 2005, vários turistas confessam que de início a ideia de um tour pela favela lhes pareceu bizarra, ridícula ou desrespeitosa. Mas são também unânimes em dizer que o passeio, diferente do que imaginavam, proporcionou-lhes uma outra visão da favela e de seus moradores.

Todos com quem a autora conversou disseram estar não apenas satisfeitos com o tour, mas dispostos a incentivar outras pessoas a faz-lo. “Eu não tenho certeza se eu realmente sabia no que estava me metendo quando liguei para marcar o tour naquela tarde”, admitiu WitlessWanderer, “mas fico feliz em tê-lo feito. Diversão não é exatamente a palavra, mas certamente foi um dos passeios mais interessantes que eu fiz e que me mostrou o Rio para além de suas praias”.

Para a autora como em tantos outros diários virtuais sobre visitas à Rocinha, WitlessWanderer descreveu as favelas como territórios marginais e segregados, praticamente desconhecidos por turistas e pelos próprios brasileiros, cujo o acesso é garantido pelas empresas de turismo que lá operam:

É completamente um outro mundo que poucos turistas e até mesmo poucos brasileiros visitam. Mas você pode visitar. Não se preocupe: na maior parte do tempo você é levado em uma van, enquanto seu guia cumprimenta os amigos que vê passar. Freire-Medeiros (2009o, p.93)

2.3 A Cidade e a Favela : Vida e Sociologia Urbana

Em *Public places, private journeys*, Ellen Strain (2007 apud FREIRE-MEDEIROS, 2009, p.95) propõe que boa parte da viagem contemporânea baseia-se no que ela chama de “ilusão da mediação não mediada”. Esse mito da não mediação produz a ilusão de que certos tipos de experiências turísticas – como *reality tours* – poderiam ultrapassar o eclipse da autenticidade gerado pela pós-modernidade e renovar a capacidade de percepção do sujeito. Trata-se de um mito, ou de uma ilusão, porque postula a possibilidade de que a experiência

turística possa se dar fora das molduras midiáticas, ou seja, sem a mediação dos vários produtos culturais responsáveis pela formatação dos destinos turísticos. A autora relata através de sua pesquisa que a guia de turismo Cristina Mendonça apontou para esse paradoxo fundamental do “turismo de realidade” na favela, cuja as origens e motivações remetem justamente a fronteiras imprecisas entre ficção e realidade:

Eu já tive clientes, rapazes novos, que realmente queriam ver ação. Ação – achavam que iam andar e ver os traficantes armados [...]. Tem a galera que quer ver o circo pegar fogo! O cara acha que está passeando pela Universal [parque de diversões]. Ele acha que aqui é *Cidade de Deus* [o filme] e é tudo de mentirinha. Não está se tocando que é tudo de verdade. Tem turista assim, que acha que está no set [de filmagem]. Freire-Medeiros (2009p, p.84)

Segundo Freire-Medeiros (2009g, p. 96) é interessante observar que não raro os turistas acionam uma interpretação ambivalente da favela como lugar ao mesmo tempo perigoso e solidário. “Cidade” e “favela” aparecem como privados, exclusivos e indiferentes um ao outro. Como consequência, a favela emerge como um território autossuficiente, portador de uma cultura própria, em que os habitantes se mantêm unidos em oposição à sociedade egoísta que os cerca – uma “comunidade”, enfim.

De acordo com Fernanda Sánchez, professora da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFF, no ensaio intitulado: **Cultura e renovação urbana: A cidade-mercadoria no espaço global**, no capítulo: **“Os sentidos da cidade-espetáculo”** em Lima e Maleque (2007), a autora explica que a atual reestruturação do espaço urbano ocorre através da formação de um espectro de coalizões sociopolíticas entre o setor público e a iniciativa privada voltados para o governo urbano na realização de projetos arquitetônico-urbanísticos de grande impacto como partes fundamentais da mercantilização das cidades:

A realização da cidade-mercadoria (VAINER, 2000; SÁNCHEZ, 2003 apud LIMA E MALEQUE, 2007) tem ocorrido mediante através da formação de um espectro de coalizões sociopolítica visando à reestruturação do espaço urbano, com o objetivo de adequá-lo à atual dinâmica econômica, ou seja, de inseri-lo no atual circuito de reprodução e valorização capitalista.

Assim sendo, uma série de iniciativas passam a constar do receituário a ser seguido pelos diversos governos locais. Deste receituário, destaca-se iniciativas como a formação de parcerias entre o setor público e a iniciativa privada: a implementação de novos instrumentos e instituições voltados para o governo urbano e a realização de projetos arquitetônico-urbanísticos de grande impacto, particularmente equipamentos culturais emblemáticos, edifícios âncoras, como partes fundamentais da mercantilização das cidades (ARANTES, 2000; SÁNCHEZ e BIENENSTEIN, 2003, apud LIMA E MALEQUE, 2007).

Efetivamente, tais projetos vêm sendo adotados por governos locais mais diversas orientações políticas e pode-se afirmar que, afirmando-se como modelos da reestruturação em sua face atual, estão em vias de canonização urbanística. Porém, na perspectiva crítica, são lidos como instrumentos que afirmam ostensivamente a colonização urbano-cultural pelo reino da mercadoria: inscrevem-se no espaço com morfologia específica, espetacularizada, para vender a cidade. A questionar seus atributos, algumas experiências ditas de renovação urbana têm promovido mais a gentrificação, a valorização de capitais privados e a especulação imobiliária, além da mudança pouco significativa na estrutura de emprego (FIX, 2001; SWYNGEDOUW, MOULAERT, RODRIGUEZ, 2001, grifo nosso, apud LIMA E MALEQUE, 2007).

De acordo com Vêras (2000), com a nova configuração do atual estágio do capitalismo, um novo quadro de relações sociais e espaciais se estabelece os espaços se fragmentam, se homogeneízam e se diferenciam; as formas territoriais se revestem de funções globais, na competitividade internacional; os espaços nacionais deixam de ser o lócus da acumulação, buscando alianças, mercados comuns, zonas de livre comércio, as relações entre os Estados-nação tornam-se formais, enquanto as relações dominantes, no interior de cada sociedade os processos de marginalização assinalados no Brasil desde a década de 60 são hoje apontados em países centrais – *underclass* nos Estados Unidos e exclusão na França.

No capítulo: “**A cultura como espetáculo, a cultura como mercadoria**” em Lima e Maleque (2007), a autora critica as cidades contemporâneas entendidas exclusivamente pela lógica da forma-mercadoria e da gestão empresarial. Não devemos nos esquecer e portanto, lembrarmos da recente obra realizada na construção do Teleférico do Complexo do Morro do Alemão, no Rio de Janeiro.

Considera-se que uma das bases para a reconversão das políticas urbanas contemporâneas, dentro dos processos mais abrangentes de reestruturação econômico-espacial, está no encontro entre cultura e economia. É neste encontro que é construído o campo favorável para a **cidade-espetáculo**. Lembrando (DEBORD, 1995) quem, na Sociedade do Espetáculo, denunciava que a cultura seria uma mercadoria vedete desta rodada do capitalismo, assim como o foram, em outros ciclos, a estrada de ferro e o automóvel (ARANTES, 2000 apud LIMA E MALEQUE, 2007) mostra que o capitalismo, em sua versão urbana contemporânea, assume de fato, uma forma cultural: *a cultura é parte decisiva do mundo dos negócios e o é como grande negócio*.

Esta convergência poder ser elucidada ao discutir, no plano teórico, uma série de processos e dimensões em que se casam o interesse econômico da cultura e as alegações culturais das elites econômicas, que cercam cidades como Barcelona, Bilbao, Paris, Baltimore, Boston, Berlim com seus governos midiáticos; processos por sinal, reeditados com agilidade em cidades latino-americanas como Buenos Aires, Rio de Janeiro, Niterói ou Curitiba. A análise destes processos mostra a existência de uma matriz

conceitual e operativa comum na definição das estratégias urbanas contemporâneas.

O elenco de estratégias, que vêm sendo sistematicamente adotadas, parece confirmar esta comunhão: grandes equipamentos (museus, centros culturais) no repertório das políticas culturais para reativação econômica dos lugares, arquitetura da grandiosidade, assinada por algum astro de renome internacional, reabilitação de áreas urbanas (por meio de atração de investidores, atividades e moderadores), promoção de megaeventos ou, até mesmo, preservação de edifícios alçados à condição de patrimônio e tornados emblemáticos dos programas de renovação urbana. Estas operações estratégicas são transformadas em iscas, grandes vitrines publicitárias da cidade-espetáculo, que buscam consagrar os projetos de cidade e despertar o espírito cívico, o orgulho, a sensação de pertinência, ao mesmo tempo que se orientam à neutralização dos conflitos, das diferenças.

Na cidade-espetáculo, o permanente acionamento de imagens urbanas como estratégia legitimadora do poder constitui-se em afirmação da aparência, da vida social como aparência. A presença avassaladora de imagens na vida cotidiana a transforma na própria realidade. Este processo neutraliza o espírito crítico e promove o isolamento social.

Nos rituais do espaço-tempo da cidade-espetáculo, é notável a alienação do cidadão-espectador que, quanto mais contempla o espetáculo, menos vive, quanto mais aceita-se reconhecer nas imagens dominantes de necessidade urbanas, menos compreende sua própria existência urbana, individual e coletiva: *a exterioridade do espetáculo respeito ao homem ativo manifesta-se em que seus próprios gestos já não lhe pertencem, mas sim a outros que os representam.*

O mundo tangível das relações sociais urbanas é substituído por uma seleção de imagens que existe por cima dele, e que, ao mesmo tempo, se impõe como o sensível por excelência. A imagem tornada espetáculo mercantil da cidade vem colonizar a vida social. A integração ao projeto de cidade tem o poder de recuperar indivíduos isolados, como indivíduos isolados juntos e a multidão atomizada é submetida às manipulações de um aparente *todos*. Cumpre-se na cidade-espetáculo o aspecto contemplativo que concebe o mundo como representação e não como atividade. O encontro dos cidadãos é substituído pela falsa consciência do encontro, ilusão de encontro: *a consciência espectadora conhece só os interlocutores fictícios que lhe falam unilateralmente. Produz-se um autismo generalizado, uma eliminação de limites entre o verdadeiro e o falso, assegurada pela organização da aparência.* (DEBORD, 1995).

Segundo a autora, os projetos políticos de cidade orientados à promoção do crescimento econômico e para a atração de investimentos estão centrados na renovação urbana, com vistas a facilitar as decisões do capital internacional na escala local. São os governos de cidade e as coalizões pró-crescimento que, ao perseguirem a implementação destes projetos, têm investido mais incisivamente na construção de imagens da *recuperação econômica, do renascimento da cidade ou da excelência dos serviços urbanos* do lugar frente àqueles oferecidos em outros centros.

A reestruturação das cidades é, a um só tempo, econômica, espacial e simbólica, tornando o urbanismo instrumental a estes projetos de cidade. Assim, as intervenções atuais são, para seus autores, *atuações estratégicas de escala variável*. O importante, segundo o discurso que as sustenta, é que *motivem dinâmicas transformadoras, sejam alavancadas para o desenvolvimento*, ainda que os espaços que delas resultem venham aprofundar a fragmentação social.

Como referências urbanísticas da reestruturação, que costumam vir associadas à imagem requalificada, os programas de renovação urbana incluem a transformação de algumas áreas nas chamadas *novas centralidades*, fragmentos urbanos transformados em nós de atividades e fluxos – empresariais, comerciais, de serviços – somados aos espaços da chamada *oferta cultural*, museus e centros de lazer. Seus lócus são os tecidos urbanos sempre apresentados como *degradados, perigosos, desajustados e incômodos* quando confrontados aos valores dos atuais projetos de cidade. São áreas de antigas fábricas, frentes marítimas ou armazéns em velhas áreas portuárias, agora refuncionalizados e *revitalizados* para formar novos complexos de consumo em sintonia com padrões culturais dominantes.

Efetivamente, estes programas de renovação urbana têm sido incorporados nas recomendações de documentos voltados à mercadoria urbana, associados à *promoção econômica da cidade*, como revela, por exemplo, este trecho:

as políticas de ordenamento urbano de centros históricos, a recuperação de áreas portuárias, industriais ou ferroviárias obsoletas, criam condições favoráveis para recentralização de funções urbanas modernas e aumentam consideravelmente os atrativos da cidade. (BARCELONA, 1992).

No capítulo: **“Multiculturalismo, a diversidade capturada pelo espetáculo”** em Lima e Maleque (2007), a autora dá um outro enfoque e relaciona o multiculturalismo como tema domesticado e a renovação urbana, explica que as imagens enfatizam a importância da diversidade cultural e das diferenças étnicas, mas recuperam esta diversidade como um valor a mais da cidade-espetáculo, como recurso mercadológico.

A imagem da cidade do Rio de Janeiro é conhecida internacionalmente como “Cidade Maravilhosa”, mediada por vários produtos culturais através da mídia responsáveis pela formatação de destinos turísticos como a beleza natural de seus morros e praias, o samba, o futebol, o carnaval, o Pão de Açúcar, o Corcovado e, recentemente, vemos mais um incremento sendo inserido no mercado do turismo, através de Políticas Públicas como as obras do Plano de Aceleração do crescimento (PAC) como forma de incrementar o turismo e

converter moradias em algumas favelas cariocas em hospedagem e o RIO TOP TUR, o Turismo de Favela, destacando-se cada vez mais e sendo difundido com mais frequência, como mais uma atração turística do Rio de Janeiro oferecido pelas agências de turismo:

Como construção social, a produção da imagem da cidade está intrinsecamente ligada a representações e valores. Encontra-se, portanto, subordinada à visão de mundo daqueles atores que se impõe nos processos de produção do espaço e que são, ao mesmo tempo, aqueles que ocupam posição privilegiada para enunciar uma intenção de cidade. O projeto de cidade é ação material no espaço (urbanística, cultural, econômica), junto com uma intenção de cidade, que dá conteúdo ao discurso sobre o espaço.

A marcada incorporação do tema do multiculturalismo nas cidades constitui uma estratégia a mais na elaboração de uma imagem de cidade atenta aos valores sociais contemporâneos, inserida e internacional [...].

Na apropriação simbólica do multiculturalismo há uma estetização das relações sociais, uma simplificação do diverso e dos potenciais conflitos que o engendra. Há uma invenção da etnicidade, com uma correlata transformação do patrimônio cultural e da própria tradição em mercadorias. Nesta simplificação, as diferenças ressurgem domesticadas, pasteurizadas dentro da lógica da cidade-espetáculo.

Deste modo, as políticas de revitalização de bairros étnicos ou a construção de parques étnicos, como espaços de celebração das diferentes etnias, constituem-se também em estratégias de desenvolvimento do turismo e vêm sendo intensamente utilizados como recurso turístico.

Os planos de *revitalização* de bairros ou enclaves étnicos fazem eco ao projeto de forjar uma nova harmonia dos vínculos sociais. Trata-se, muitas vezes, de uma lógica securitária que não esconde sua natureza autoritária. Efetivamente, a pasteurização das culturas e a *parquetematização* parecem ser os caminhos mais proveitosos dos programas de renovação urbana contemporâneos, promovendo uma *ordem branca* da cultura – teatros da memória que procuram avançar sobre os enclaves resistentes. Como expressa (COHEN, 1998 apud LIMA E MALEQUE, 2007):

Há uma iconografia do multiculturalismo inscrita num mapa narrativo de modernidade, progresso e regeneração urbana no qual a presença do pobre, do desempregado, do velho, do criminoso, e mesmo de qualquer um que não combine com a imagem dominante do empreendedor economicamente ativo, é efetivamente varrido para fora do quadro.

A esse respeito o caso de Curitiba nos anos 90. O projeto de cidade está associado a uma política cultural que reconstrói, em intervenções espaciais e imagens, as várias culturas que participaram do movimento de colonização da região, ao mesmo tempo inviabilizando a contribuição de outras etnias [...].

A noção de cidade-espetáculo foi desenvolvida pela autora para explicar algumas das práticas materiais e simbólicas por meio das quais são construídos os processos de renovação urbana, mostra a tendência à espetacularização da experiência urbana:

Nota-se que muitas vezes os cidadãos – consumidores – têm uma atitude reverenciadora, complacente e, em última instância, passiva, diante da renovação urbana. O espaço é transformado em cenário onde tudo é objeto de consumo estético e contemplativo. Nesse sentido, no plano das imagens, é a cidade que está no centro da cena, a cidade tornada sujeito que, em determinadas circunstâncias, transforma os próprios cidadãos em meros figurantes, atores secundários de seu roteiro.

As significativas semelhanças identificadas entre algumas políticas urbanas analisadas, particularmente as de Curitiba e Barcelona, como exemplares das cidades-espetáculo desde a virada de século, estão relacionadas, sobretudo, a um contexto histórico de mudanças mundiais, no qual a mercantilização do espaço se intensifica, atinge um novo patamar. Neste contexto, o espetáculo é parte central das estratégias de venda das cidades. Assim, versões bem próximas aos processos de renovação urbana espetacularizada identificados nestas duas cidades podem ser encontradas em muitas outras cidades reinventadas para um mercado mundial.

Apresentadas como modelos, as imagens urbanas com maior presença internacional e veiculadas como partes de bem-sucedidos projetos de cidade são as que melhor reproduzem os padrões dominantes, elencados como virtudes que contribuem para o processo de reestruturação espacial, de produção do espaço global. Efetivamente, na esfera de circulação simbólica, os chamados projetos estratégicos e as imagens desempenham funções políticas e econômicas de grande relevância na escala mundial e comparecem na construção de um pensamento único das cidades, próprio desta virada de século, uma matriz conceitual e operacional comum na definição das estratégias urbanas. (LIMA e MALEQUE, 2007).

Conforme observa Freire-Medeiros (2009q, p. 98, grifo nosso):

Se a favela vista da janela do hotel á apenas precariedade e ameaça, a favela vista “de dentro”, a despeito dos estereótipos que persistem, torna-se menos redutível porque a pobreza se revela nem absoluta nem deprimida. A cidade do Rio de Janeiro, por sua vez, quando vista pelos turistas a partir da favela, emerge como um espaço em que se acomodam de forma precária contradições e iniquidades cujo sentido lhes parece escapar. É como se as contradições que marcam a realidade da cidade do Rio de Janeiro como um todo, e das favelas cariocas em particular, causassem uma espécie de choque cognitivo nos turistas: muitas vezes parecem descrentes diante do que os olhos vem, incapazes de inteligir uma localidade supostamente mais contraditória e complexa do que seu local de origem.[...]

Talvez seja uma possibilidade de renovação e transformação, uma mudança social positiva, através do Turismo de Favela venha a ajudar a derrubar o preconceito que dividi e separa a cidade da favela, através de Políticas Públicas que visem à inclusão social não só dos pobres que vivem nas favelas e periferias da cidade, mas de todo cidadão que circula, trabalha, gasta seu dinheiro, seja com transporte público ou não para se deslocar de sua

moradia, gastando o seu dinheiro dentro da própria cidade e portanto, pagando impostos e gerando renda diretamente para a cidade, seja tanto para os setores públicos quanto privados, seja ela qual for, dentro das Leis em vigor, respeitando o seu direito de ir e vir, e com isso, tentar reduzir a desigualdade sócio-residencial, promovendo mais Justiça Social.

Segundo o historiador Mike Davis (2006) no livro “Planeta favela” mostra que acabou a faixa vital de terra gratuita ou barata nos arredores das cidades do Terceiro Mundo, existentes até trinta anos atrás: os sem-teto de hoje precisam apostar a vida em um jogo de azar contra desastres inevitáveis em encostas precárias, planícies sujeitas inundações ou terrenos próximos a depósitos de lixo tóxico. Assim, em vez das cidades de luz imaginadas por futuristas, grande parte da população do século XXI instala-se na miséria, cercada de poluição, excrementos e ruínas de algo que nunca existiu.

No posfácio do livro, escrito pela arquiteta e urbanista Ermínia Maricato onde também apresenta um consistente estudo, onde revela que o desastre promovido pela globalização neoliberal, com o aprofundamento da desigualdade, a partir do início dos anos 1980, já foi bastante diagnosticado também no Brasil [em 1983, Celso Furtado já alertava para o rumo da política econômica em seu livro “Não à recessão e ao desemprego” (São Paulo, Paz e Terra). Ele foi seguido por outros pioneiros que malharam, durante anos, em ferro frio: Bernardo Kucinski, Maria da Conceição Tavares, José Luis Fiori, Francisco de Oliveira, Paulo Nogueira Batista, Raimundo Pereira, entre muitos outros]. Mas seu reconhecimento pelas instituições internacionais e pelas sociedades locais (e isso se dá em todos os países, desenvolvidos ou não) esbarra na cortina intransponível de uma hegemonia criada pelo mercado financeiro que subordina mentes e bolsos nas universidades, na mídia, entre as lideranças profissionais e empresariais, mas valer citar, com especial ênfase, pelos ativistas neoliberais que trabalham em órgãos de governo (cujos exemplos mais radicais estão nos Bancos Centrais e nos Ministérios e Secretarias de Fazenda) e que seguem, às cegas, a cartilha do Consenso de Washington [o Consenso de Washington constituiu a consolidação e a sistematização de políticas esparsas que vinham sendo implementadas por agências internacionais, pelo FMI, pelo Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (Bird) ou mesmo pelo governo norte-americano na América Latina. O receituário pode ser encontrado em um documento escrito por John Williamson, *Latin American adjustment: how much has happened?* (Washington, Institute for International Economics, 1990), apresentado em reunião realizada em 1989, em Washington. Alguns anos depois, o Consenso de Washington mereceu uma complementação para orientar politicamente seu exército de ativistas. Ver a

respeito em J. Williamson, *The political economy of policy reform* (Washington, Institute for International Economics, 1994). A federação das indústrias de São Paulo (Fiesp) divulgou, em 1990, um documento intitulado *Livre para crescer: proposta para um Brasil moderno*, que contém uma agenda baseada na proposta do Consenso].

O “Big bang da pobreza” tem suas raízes quando, entre 1974 e 1975, o FMI e o Banco Mundial reorientam as políticas econômicas do Terceiro Mundo, abalado pelos preços do petróleo. A orientação aos países devedores para abandonar suas estratégias de desenvolvimento foram claramente explicitadas no plano Backer, em 1985. Davis classifica o impacto dessa direção na América Latina como “maior e mais longo do que a Grande Depressão” e, considerando-se a realidade das décadas que ficarem conhecidas como décadas perdidas, ele sem dúvida não está exagerando.

O Brasil, por exemplo, cresceu 7% ao ano de 1940 a 1970. Na década de 1980, cresceu 1,3%, e na década de 1990, 2,1%, segundo o IBGE. Ou seja, o crescimento econômico do país, nas duas últimas décadas do século XX, não conseguiu incorporar nem mesmo os ingressantes da População Econômica Ativa (PEA) no mercado de trabalho, o que acarretou conseqüências dramáticas para a precarização do trabalho e, conseqüentemente, também para a crise urbana [ver a respeito J. Matoso, *O Brasil desempregado* (São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1999)].

Interessante observar, como fez Há-joon Chang, analisando a história do crescimento econômico de vários países no livro *Chutando a escada*, que os países do Terceiro Mundo cresceram mais nas décadas 1960-1980, quando não estavam sob orientação das políticas neoliberais, de que nas décadas 1980-1990, quando obedeciam à orientação das “boas políticas” do FMI [Há-Joon Chang, *Chutando a escada* (São Paulo, Unesp, 2003)]

O Consenso de Washington serviu de cartilha para o trabalho de verdadeiro exército de ativistas, a que já nos referimos. Se havia sentido na palavra de ordem “Fora FMI”, utilizada na década de 1980, ele havia desaparecido em parte, da sociedade brasileira [em 2005, foi o próprio ministro Antonio Palocci filho que, ao pagar as dívidas brasileiras com o Fundo, desligou o Brasil da obrigatoriedade de seguir suas determinações. Nada mudou, no entanto, pois alguns dos ativistas que dominam parte do Ministério da Fazenda, apoiados pelo ministro, mostraram-se menos flexíveis do que o FMI e fizeram superávits maiores do que aquele acordado com o Fundo, ou seja, 4,25%]. Tudo o que contraria o modelo é referido como “populista”, “atrasado”, “nacionalista”, “ultrapassado” mas especialmente,

“ideológico”. Uma bem-sucedida estratégia de *capacity building* penetrou profundamente nas instituições visando disseminar o pensamento único que não admite controvérsia. Ou seja, trata-se de um processo que, esse sim, é acima de tudo ideológico. Para ele, o novo papel do Estado é de “capacitador do mercado” ou de “liberar as barreiras que restringem a produtividade dos agentes econômicos”, usando as palavras de Davis.

Tanto o FMI quanto muitas das agências internacionais de desenvolvimento impõe condições para emprestar dinheiro (como se fosse uma doação), determinando a reestruturação de órgãos de governos municipais, estaduais e federais e orientando suas práticas. Os empréstimos pagam consultores internacionais que, freqüentemente, pouco conhecem da realidade local, mas conhecem muito os bem os idênticos modelos que são impostos a diferentes países, de diferentes culturas, em diferentes cidades. Esses empréstimos sobrecarregam a dívida, que é o garrote onde emperra o investimento em políticas públicas, já que constituem gastos – e, de acordo, com os PAEs (Plano de Ajuste Estrutural), devem ser contidos. Até mesmo o investimento da Petrobrás em torres de extração de petróleo considera-se gasto e concorre com os demais gastos públicos no “espaço” estreito da realização orçamentária permitida pela política de ajuste fiscal. As forças da globalização engendram a reestruturação dos Estados nacionais, com base nas propostas conhecidas de livre mercado (o que permitiu a destruição de diversos parques industriais nacionais), flexibilização das importações, redução dos gastos públicos, desregulamentação agrícola, desregulamentação de mercado, entre outras condições. Incapazes de se adaptar às incertezas e aos prazos do debate parlamentar, próprio da democracia burguesa, as forças globais criaram instituições, que são nacionais, mais poderosas que os próprios governos, o próprio Congresso e as Cortes supremas.

Não se trata apenas da diminuição dos Estados nacionais, mas sim mudar seu perfil. Quando se trata de matéria de interesse do sistema financeiro internacional e de cumprir regras impostas pelo FMI, o Estado nacional é forte. Ele é mínimo quando se refere às políticas sociais e especialmente a de subsídios, palavra maldita que foi varrida do vocabulário e substituída pelo *cost recovery*. A taxação do patrimônio ou de ganhos financeiros não faz parte da receita, lembra Davis.

O impacto das políticas neoliberais deu-se de forma diferente nos países desenvolvidos e não desenvolvidos. Nestes últimos, esse verdadeiro *tsunami* (para usar o estilo de Davis) recai sobre uma sociedade que não conheceu o pleno emprego nem a

providência social universal, onde a informalidade é estrutural, a segregação territorial, histórica, onde o poder passar por relações pessoais de favor e de troca, onde a lei se aplica conforme as circunstâncias.[...]

Quem acompanha a vida de qualquer grande cidade no Brasil é testemunha do crescimento explosivo das periferias abandonadas ou a favelização a partir do início dos anos 1980. Não que o ovo da serpente não estivesse lá antes disso. As favelas do Rio de Janeiro e de Recife surgiram no final do século XIX e começo do século XX, quando uma parte da mão-de-obra escrava libertada ficou sem alternativa de moradia (o restante passou a viver de favor). Era freqüente ainda que os brancos pobres lançassem mão do escambo para se prover de moradia. Décadas se passaram, e nem o trabalho passou à condição absoluta e geral de mercadoria, nem a moradia, como acontecera no capitalismo central. Não se pode responsabilizar a globalização e as políticas neoliberais pela segregação e pela pobreza. Que são estruturais em um país cuja esfera social é profundamente desigual. Mas a velocidade e a intensidade do crescimento da pobreza urbana mudaram. O IBGE mostra que enquanto a população brasileira cresceu a 1,9% ao ano entre 1980 e 1991, e 1,6% entre 1991 e 2000, a população favelada cresceu respectivamente 7,65% e 4,18%. Em 1970, a cidade de São Paulo tinha apenas 1,2% da população morando em favelas, segundo dados da Secretaria da Habitação e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura Municipal (Sehab). Em 2005, essa proporção sobe para 11% segundo a mesma fonte.

Apesar de o BNH, durante sua existência, de 1964 a 1985, não ter priorizado a habitação para baixa renda, os recursos investidos ajudaram a minorar a carência. Na verdade, os investimentos declinaram fortemente a partir de 1982; nas décadas seguintes, entretanto, a restrição aos financiamentos para habitação e saneamento por parte do governo federal, que em alguns anos do período chegou a quase desaparecer, também contribuiu para o acentuado crescimento das favelas.

Portanto, não foram as taxas de urbanização e o crescimento demográfico que alimentaram a tragédia urbana brasileira. A taxa de urbanização foi, sem dúvida, muito grande em todo o século XX. Segundo o IBGE, saímos de uma condição de contar com 10% da população em cidades, em 1900, para 81% em 2000. A concentração urbana foi uma das características desse crescimento: 32,9% da população urbana moram em onze metrópoles, onde estão também 82,1% dos domicílios localizados em favelas do total nacional, o que revela o caráter concentrador da pobreza urbana nas metrópoles. Mas é preciso perceber que,

a partir de 1980, as metrópoles passam a crescer menos do que as cidades de porte médio (população entre 100 mil e 500 mil habitantes) e o padrão urbanização muda também no que se refere aos fluxos migratórios no território nacional. O crescimento em direção ao norte e centro-oeste é fortemente determinado pelas forças da globalização, já que é impulsionado de forma contundente pelo agronegócio, além da exploração de minérios e madeira.

Nem tudo é negatividade nesse processo de urbanização. Sua contribuição foi decisiva para espetacular queda do número de filhos por mulher em idade fértil entre 1940 e 2000: de 44% para 23,8%, o que representa uma queda de 4,4 filhos em média por mulher em 1940, para 2,4, em 2000. A mortalidade infantil diminuiu de 150 crianças que completavam um ano de idade dentre mil crianças nascidas vivas em 1940 para 29,6 em 2000. Outro dado positivo é o aumento da expectativa de vida que passou de 40,7 anos em 1940 para 70,5 anos em 2000, sempre segundo o IBGE.

Entretanto, o aumento do desemprego e da pobreza urbana a partir dos anos 1980 contribuiu para mudar a imagem das cidades no Brasil: de centros de modernização que destinavam a superar o atraso e a violência localizados no campo passaram a representar crianças abandonadas, epidemias, enchentes, desmoronamentos, tráfego infernal, poluição do ar, poluição dos rios, favelas e violência. Há trinta anos, o que não constituiu período muito longo, não se temia a violência urbana; as cidades eram relativamente pacíficas. Para quem viveu apenas na cidade formal e evitou perceber o que estava acontecendo, a violência serviu de alerta, como a ponta do gigantesco *iceberg*. As taxas de homicídio no Brasil, segundo o IBGE, passaram de 17,2 mortos para cada 100 mil habitantes, em 1980, para 35,9 mortos em 1989, e, finalmente, para 48,5 em 1999.

A situação dos transportes públicos revela o sacrifício a que a população da periferia está submetida, especialmente nas metrópoles. O aumento do custo das tarifas está conduzindo parte da população para imobilidade, e a falta de regulação do setor à crescente informalidade ou ilegalidade na oferta no serviço. Segundo dados do Ministério das Cidades em associação da ANTP – Associação Nacional dos Transportes Públicos, os usuários de transporte coletivo vêm descrevendo, e a mobilidade da população, diminuindo apesar de parecer impossível, pois 44% das viagens nas regiões metropolitanas brasileiras são feitas a pé e apenas 29% em transporte coletivo, enquanto 9% apenas são feitas por automóvel, apesar desse tipo de transporte constituir a matriz hegemônica da mobilidade urbana municipal. Não

é necessário ser especialista para concluir que a população da periferia, e isso atinge especialmente os jovens desempregados, vive um exílio forçado na “não-cidade”.

O recuo nos investimentos em políticas públicas pode ser constatado em cada poro do cotidiano das cidades; exemplo disso é a irresponsabilidade com que a política prisional ou de menores infratores foi tratada em ambiente de altas taxas de desemprego e desigualdade, fomentando o crime organizado, única alternativa de renda para muitos jovens de vida curta.

As propostas que apostavam na “produtividade urbana”, “competitividade entre as cidades”, na “cidade corporativa”, na “cidade pátria”, na “cidade-espetáculo” ou na cidade global” acabaram fazendo sucesso entre alguns prefeitos angustiados (os mais honestos) e outros nem tanto, com crescimento da pobreza, desemprego, queda de arrecadação e regras financeiras draconianas. O marketing urbano e o modelo do “plano estratégico” fizeram parte das pirotecnias utilizadas para reverter um processo de deterioração urbana [para uma crítica às propostas neoliberais para as cidades ver O. B. F. Arantes, C. Vainer e E. Maricato, *A cidade do pensamento único* (Petrópolis, Vozes, 2000)]. Entretanto, o rumo adotado começou a fazer água com o crescimento da pobreza, e as críticas começaram a vencer a barreira do “pensamento único”. O crescimento previsto na receita aplicada não aconteceu.

A correção de rota do Consenso de Washington foi apontar a necessidade de encarar a esfera política. *Governance, participation, empowerment of communities, poverty alleviation* passaram a ser as palavras de ordem junto com a *descentralization*, o que significa maior poder para as cidades ou municípios no contexto do suposto enfraquecimento do Estado nação. Trata-se da defesa de uma democracia local e fragmentada, combinada a políticas sociais focadas. Durante a Segunda Conferência Internacional do Habitat ocorrida em Istambul, em 1996, e no último Fórum Urbano Mundial ocorrido em 2006, essas palavras de ordem faziam parte de entusiasmados discursos das agências internacionais de desenvolvimento. A defesa da autonomia dos municípios entusiasma prefeitos e também ONGs e os movimentos sociais. A descentralização da gestão urbana é de fato uma necessidade diante das especificidades geográficas, históricas, econômicas, sociais e culturais de cada cidade, mas ignorar a macroeconomia e a esfera nacional é uma armadilha. Nada mais interessante para as agências internacionais: contratos de financiamentos aos municípios sem intermediação dos governos centrais. Nessas condições a participação é festejada: para debater o bairro e a cidade, não para debater a política econômica que na verdade determina grande parte dos problemas vividos pelas cidades. A comunidade tem o fragmento.

Durante os quatro anos do governo Lula, pela primeira vez o governo federal reservou R\$ 8,4 bilhões para seu maior programa social, o Bolsa Família. Pela primeira vez, depois de 25 anos, o orçamento do FGTS para o financiamento habitacional volta a ser significativo tendo R\$ 10,0 bilhões para aplicar em moradia [uma resolução do Conselho Monetário Nacional (CMN) forçou a transferência para o investimento no setor produtivo imobiliário de recursos da poupança que estavam aplicados em papéis públicos. Dessa forma, além dos R\$ 10,0 bilhões mencionados, o mercado conta com mais R\$ 8,7 bilhões para financiamento privado em 2006]. E pela primeira vez talvez em toda a história do FGTS, 80% desse valor está sendo dirigido para a população de rendas entre 0 e 5 salários mínimos. Ainda pela primeira vez em vinte anos, recursos da ordem de R\$ 10,6 bilhões estão sendo aplicados, entre 2003 e 2006, para financiar ou subsidiar o saneamento [esses recursos têm origens em diversas fontes, mas as principais são orçamento da União para a área de saúde e FGTS]. Esses investimentos tiveram o efeito de retirar o Brasil da lanterna da lista de países mais desiguais do mundo. De penúltimo lugar, o Brasil melhorou sua posição e passou a ser “apenas” o oitavo pior do mundo em desigualdades social. Além disso, 6 milhões de pessoas passaram das faixas de renda D e E para C.

Certamente, o aumento real de 44% do salário mínimo em 2005 combinado a uma estabilidade e até rebaixamento do preço da cesta básica contribuiu para essa mudança relativamente rápida. [...].

E por último, Ermínia Maricato comenta que Davis aponta corretamente o caráter reformista ou, não pouco freqüentemente regressivo, de muitas das propostas apontadas como soluções para os problemas habitacionais. Mas a busca de alternativas ou exemplos de soluções nem sempre leva à cooptação ou à acomodação. Muito freqüentemente, mostrar que esses problemas têm solução que estariam à mão se houvesse mais justiça social é alimento fundamental para o avanço da luta democrática. Apesar de todos os revezes, o Brasil também apresenta muitos aspectos que alimentam a esperança de mudança.

O movimento pela reforma urbana, que reúne entidades profissionais, acadêmicas, de pesquisa, ONGs, funcionários públicos, além das entidades nacionais que lutam pela moradia, são uma das características positivas da sociedade brasileira na conjuntura atual. Esse movimento social conquistou a aprovação de leis importantes como o Estatuto da Cidade (Lei n. 10.257, em 2000), a Lei do Fundo Nacional de Moradia Social Lei n. 11.124, em 2005), conquistou ainda a criação do Ministério das Cidades (ele era uma reivindicação que vinha

sendo feita havia mais de dez anos). Com ele, o movimento acabou se fortalecendo, devido à promoção das Conferências das Cidades, processo que teve início nos municípios, envolveu todos os estados da federação e culminou em Brasília com a participação de mais de 2500 delegado, dos quais 70% foram eleitos nas Conferências Estaduais e o restante indicados por entidades nacionais. A primeira conferência das cidades, em 2003, abrangeu a participação de mais de 300 mil pessoas para debater princípios, diretrizes e prioridades da Política nacional de Desenvolvimento Urbano. A segunda, em 2005, aprofundou as propostas.

Uma geração de prefeitos democráticos que se formaram no âmbito da luta contra um regime militar também teve importante papel nesse processo de dar visibilidade aos excluídos nas cidades [assunto que será abordado no próximo capítulo deste trabalho] e formular propostas participativas, a partir dos anos 1980.

Finalmente, não se pode esquecer da resistência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que combina a desesperada luta para permanecer no campo em um país de dimensões continentais, produzindo alimentos, com a compreensão da sustentabilidade ambiental e a sensibilidade da preservação das culturas regionais.

Esses avanços são afetados, mas sobrevivem à crise partidária eclodida em 2005, que evidenciou ter o Partido dos Trabalhadores lançado mão de expedientes condenáveis que fazem parte da política institucional do Brasil. Entretanto, não podemos afirmar que existe uma clara reversão do processo de aprofundamento dos problemas urbanos. Essas conquistas são relativamente recentes e as mudanças são lentas, já que envolvem uma cultura histórica-ou raízes escravistas – da exclusão social. A esperança está assentada em fatos concretos, e Davis acerta quando remete a fonte principal das mazelas às forças globais dominadas por interesses financeiros e garantidas militarmente pelos Estados Unidos ou aquilo que David Harvey denomina de Novo Imperialismo.

2.4 Pobreza e segregação residencial na cidade

Segundo Lago (2000), nos anos 70 e 80, foi dominante na literatura crítica sobre a questão urbana a idéia da dualização do ambiente construído urbano para qualificar o padrão de organização espacial das metrópoles brasileiras, a partir dos anos 50. Em um pólo, a segregação da população pobre nas precárias periferias, possibilitando-lhe amplo acesso à moradia através da produção extensiva de loteamentos populares e, no outro, a expansão nas áreas centrais da forma empresarial de produção residencial que se consolidou nos anos 70 com o advento do Sistema Financeiro de Habitação (SFH). A noção de padrão periférico de urbanização passou a ser utilizada, a partir da década de 1970, para explicar a particularidade da metropolização brasileira, resultante da combinação entre a modernização da economia, com o conseqüente aumento da produtividade, e as formas extremas de exploração da classe trabalhadora. Nesse modelo de crescimento, estabeleceu-se, via intervenção do Estado, um crescimento urbano segregador e excludente. De um lado, porque a lógica das políticas públicas era atender prioritariamente às necessidades do grande capital em matéria de infraestrutura e serviços urbanos, relegando o plano secundário as relativas à reprodução da força de trabalho. De outro, a inadimplência do poder público quanto ao controle e ordenamento do crescimento urbano permitiu que o espaço das grandes cidades fosse organizado ao sabor da especulação imobiliária, encarecendo enorme e artificialmente o preço da terra (KOWARICK e CAMPANÁRIO, 1988 apud LAGO, 2000, p. 37). A tolerância como cidade ilegal garantiu, por sua vez, a integração na sociedade urbana dos segmentos populares necessários à acumulação. É nessa perspectiva que emerge a noção de espoliação urbana como conceito que unifica no plano analítico as relações de exploração e o processo urbano, elemento fundamental na caracterização do que se denominou padrão periférico [segundo a autora é interessante notar a existência de dois movimentos de pesquisa que se distinguem pelas abordagens e pelo objeto empírico tomado. Com efeito, os trabalhos surgidos em São Paulo e no Rio de Janeiro no final da década de 1970 e início da 1980, embora apresentassem como traço comum a crítica ao “modelo brasileiro”, se diferenciavam pelas abordagens. Enquanto em São Paulo prevaleceram pesquisas (MARICATO, 1979; KOWARICK, 1979 apud LAGO 2000) que buscavam demonstrar as conexões concretas entre as características da metropolização e a reprodução do capital na economia brasileira, no Rio de Janeiro os autores (SANTOS, 1978, 1980; VETTER, 1975, 1981 apud LAGO, 2000) buscavam identificar a dinâmica urbana geradora das desigualdades sociais nas metrópoles. Ambos os movimentos consolidaram a noção de “padrão periférico de urbanização”]. Ou seja, a espoliação urbana

seria”o somatório de extorsões que se opera através da inexistência ou precariedade de serviços de consumo que se apresentam como necessários aos níveis de subsistência (...)”. (KOWARICK, 1979, p.59, apud LAGO, 2000, p. 27).

De acordo com Lago (2000) no Rio de Janeiro, a análise do processo de segregação social foi o centro das preocupações de varias pesquisas sobre a estrutura interna do espaço metropolitano. Nesse campo, foi pioneiro o estudo de Brasileiro (1976 apud Lago, p. 37), por apresentar uma caracterização geral da organização metropolitana do Rio de Janeiro e por inaugurar uma categorização analítica dos seus espaços residenciais (a saber, núcleo e periferias imediata, intermediária e distante), com variáveis distancia, nível de equipamento e serviços urbanos. Esse modelo analítico passou a ser utilizado e desenvolvido na literatura sobre habitação popular e sobre segregação residencial, tornando o Rio de Janeiro o “modelo metropolitano brasileiro” (SANTOS & BRONSTEIN, 1978 apud LAGO, 2000, p. 37) na medida em que nele se percebia a forma acabada de um novo modo de urbanização caracterizado pelo fato de aos pobres ser.

Cada vez mais vedado e controlado a acesso à moradia nos núcleos. Ficam-lhes, portanto, vedadas as vantagens do morar em lugares bem servidos por infra-estrutura básica, equipamentos e serviços urbanos. Em particular, é-lhes dificultada a acessibilidade ao trabalho, acrescentando, para as camadas pobres, uma dificuldade extra aos seus esquemas de sobrevivência. (SANTOS, 1980, p.25-26 apud LAGO, 2000, p. 37).

De acordo com Lago (2000) na explicação do processo de estruturação urbana, podemos identificar duas vertentes: uma que atribui a segregação residencial à conjugação dos efeitos do mercado fundiário e da intervenção do Estado e outra que busca entender a dinâmica metropolitana a partir da própria periferia, da sua lógica de organização. Sob a ótica da primeira vertente, Vetter (1975 apud LAGO, 2000) e Vetter e Massena (1981 apud LAGO, 2000) demonstraram a tendência segregadora da organização metropolitana do Rio de Janeiro, através da análise da distribuição espacial da população economicamente ativa segundo estratos de renda. Para outros autores, a segregação residencial seria decorrente de um mecanismo de causação circular que tenderia a aumentar sempre as rendas monetárias e real dos estratos superiores da sociedade e, contrariamente, a diminuir as dos inferiores. A desigual distribuição espacial dos investimentos públicos em infra-estrutura e equipamentos coletivos, consequência da maior capacidade política das camadas superiores, é considerada o fundamento desse mecanismo. Introduzindo a perspectiva histórica, Abreu & Bronstein (1978 apud LAGO, 2000) avaliaram o papel das políticas urbanas na segregação dos pobres,

tomando o longo período do início do século ao final dos anos 70, e consolidaram a noção de padrão periférico ao apresentarem uma explicação do processo de segregação residencial para além dos efeitos da conjuntura político-econômica dos anos 70 (RIBEIRO e LAGO, 1992 apud LAGO, 2000).

Os trabalhos referentes à segunda vertente centram-se na lógica de organização do espaço periférico a partir da análise dos processos de loteamentos populares, na qual se procurava demonstrar a existência da espoliação dos compradores e a informalidade das operações econômicas. A relação entre os agentes envolvidos na produção dos loteamentos era objeto central de análises, com ênfase nas estratégias especulativas dos loteadores/proprietários de terra e na omissão do poder público quanto ao controle do uso do solo e à política de investimentos (SANTOS, 1993 apud LAGO, 2000). A periferia era compreendida como o espaço dos loteamentos e da autoconstrução da moradia em contraposição ao espaço da produção habitacional empresarial alocada no núcleo, o que afirmava o modelo analítico dual núcleo-periferia. Pouco se estudou sobre as práticas dos construtores civis na periferia ou sobre a complexidade das relações de produção do espaço nessa área, no sentido de relativizar a homogeneidade embutida na concepção dualística do urbano (MAUTNER, 1990 apud LAGO, 2000).

Em síntese, cabe destacar cinco elementos analíticos que fundamentaram o modelo núcleo-periferia na explicação da dinâmica da organização espacial da organização espacial metropolitana: (I) o par centro/periferia, de noção operação operatória de pesquisa, tornou-se um modelo utilizado para entender o processo de estruturação interna das metrópoles; (II) o termo *periferização* não se refere apenas a um *locus*, mas a um processo de segregação e diferenciação social no espaço, que tem causas econômicas, políticas e culturais; (III) consolidou-se como inerente ao padrão periférico a representação da periferia como espaço da reprodução precária da força de trabalho ou espaço da carência, portanto, socialmente homogêneo (embora alguns autores tenham levantado a idéia de uma estrutura polinucleada, no lugar de dual); (IV) a dinâmica de crescimento periférico era entendida como projeção, ao nível do espaço, do processo de acumulação ou como representação da hierarquia social vigente na sociedade brasileira; e (V) a intervenção seletiva do Estado na alocação dos investimentos urbanos era tomada como mecanismo central do padrão de estruturação urbana, embora em muitos trabalhos se evidenciasse a importância dos agentes dos mercados fundiários e imobiliários e suas respectivas práticas (RIBEIRO & LAGO, 1992 apud LAGO 2000).

No modelo dual núcleo-periferia, o processo de favelização nas áreas centrais era incorporado, explícita ou implicitamente, como um fenômeno residual frente à expansão periférica. As favelas, portanto, não rompiam com a dualidade espacial. Uma breve análise da literatura sobre esse tema mostra que nos anos 60, quando a sociologia urbana era dominada pela teoria da marginalidade, foi desenvolvida uma série de estudos em que se procurava evidenciar a situação de anomia, baixo rendimento e educação da população favelada (VALLADARES, 1983 apud LAGO, 2000, p.39). Foi na década de 1970 que a favela passou a ser vista como resultado das transformações sociais que acompanharam o padrão de industrialização brasileiro, responsável pelo intenso crescimento demográfico dos centros urbanos do Sudeste via migrações campo-cidade. Assim, o processo de favelização seria uma das expressões do padrão de urbanização excludente e desigual que se desenvolveu no país, especialmente a partir da década de 1950.

Uma visão bastante difundida nos anos 70 era de que a favela seria a primeira alternativa de moradia do migrante recém-chegado, que, ao alcançar uma certa estabilidade no trabalho, passaria para a “segunda etapa” do seu percurso de ascensão social tornando-se proprietário de um lote na periferia. O princípio ecológico da segregação espacial do migrante nas zonas centrais e sua posterior mobilidade social e espacial ascendente orientava boa parte das análises sobre favelas. Alguns estudos, entretanto, demonstram que para muitos trabalhadores a favela era o fim e não o início de uma trajetória no interior da metrópole (CASTRO, 1979; KOWARICK, 1979; VALLADARES, 1983 apud LAGO, 2000, p. 39). Para Kowarick (1979 apud LAGO, 2000), a crescente favelização em São Paulo na década de 1970 expressava o acirramento da exploração do trabalho e a conseqüente perda de capacidade da população em suprir as necessidades básicas para sua reprodução. O empobrecimento da classe trabalhadora explicaria a presença significativa de não-migrantes nas favelas de São Paulo. O autor apresenta uma hierarquização dos pobres a partir das condições monetárias e urbanas de vida, na qual os favelados estariam no nível mais baixo, seguidos dos moradores de aluguel em cortiços, e, por fim, no topo da hierarquia, estariam os proprietários de lote na periferia. Os favelados constituíam um grupo cujos níveis de vida se situavam abaixo dos padrões de subsistência prevalentes no conjunto da classe trabalhadora de São Paulo. Eram os pobres entre os pobres.

Assim como a periferia, a favela era compreendida como um universo socialmente homogêneo composto de pobres em sua maioria migrantes sem qualificação para o trabalho. Foram poucos os estudos que avaliaram o grau de heterogeneidade da população favelada.

Parisse (1969, apud LAGO, 2000, p.40) foi pioneiro nesse tipo de abordagem, ao traçar o perfil sócio-econômico dessa população, com base nos dados censitários de 1950 e chegar à conclusão de que “a favela abrange um modo complexo, heterogêneo, descontínuo” (PARISSE, 1969 apud CASTRO, 1979, p. 141 loc. cit.). Para Castro (1979, apud LAGO, 2000, P. 40), era possível distinguir em 1970 favelas cariocas com conteúdos sociais bastante diferenciados. As localizadas na zona suburbana assemelhavam-se a bairros operários, devido ao número significativo de trabalhadores da indústria de transformação, enquanto as demais se caracterizavam como bairros populares cujo moradores apresentavam um perfil ocupacional muito diversificado, ligado predominantemente aos setores de serviço e comércio. Fica evidente a estreita relação entre o processo de favelização e a proximidade do trabalho, confirmando a idéia presente em vários estudos de que a favela seria uma estratégia de inserção dos pobres no mercado de trabalho.

No Rio de Janeiro, grande parte da literatura sobre favela deteve-se na análise da evolução da política estatal com relação a essas áreas, instituindo o debate remoção x urbanização. Por trás desse debate constitui-se o argumento contra a remoção, baseado na ideia da integração do favelado à cidade e da favela como estratégia de inserção dos pobres no mercado de trabalho. A localização privilegiada das favelas nas áreas centrais garantia a proximidade entre trabalho e moradia. Ao distinguir a favela da periferia, Santos (1978 apud LAGO, 2000) destacou as especificidades desses espaços no que se refere ao tipo de relacionamento com sistema urbano/metropolitano. Para o autor, a favela estava:

cercada de cidade por todos os lados, com os favelados trabalhando próximo, com seus filhos freqüentando escolas públicas do bairro, com todos os sinais de uma interação constante, realizada todos os dias, a toda hora. (...) A periferia já está isolada, já foi posta direta ou indiretamente à margem. A marginalidade dos seus habitantes é o resultado de ações conscientes executadas com a finalidade de separar as fronteiras dentro da cidade. (SANTOS, 1978, p.75 apud LAGO,2000)

A erradicação de vários assentamentos nessas áreas centrais de alta densidade, somada à explosão demográfica das periferias, levou alguns estudiosos a prever, no final dos anos 70, o desaparecimento das favelas do cenário urbano carioca (SANTOS, 1978, apud LAGO, 2000, p.41). Se, por um lado, a previsão não se confirmou, por outro, os estudos sobre desigualdades sócio-espaciais nas grandes metrópoles abandonaram as favelas em favor das periferias.

Também sob a perspectiva da dualização do espaço urbano, alguns estudos foram desenvolvidos, já nos anos 80, com o objetivo de analisar o novo padrão empresarial de produção do ambiente construído no núcleo, que se consolidou com o advento do Sistema Financeiro de Habitação (SFH), a partir da década de 1960. Nesse período, a lógica da acumulação urbana afirmou-se nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo e se expandiu por várias capitais, através da atuação das grandes incorporadoras, que passaram a controlar uma grande fatia do mercado imobiliário, até então dominado pelo pequeno especulador. O resultado foi um processo de diferenciação interna do setor construtivo, em que se consolidaram um segmento consolidado, outro competitivo e um terceiro formado por micro e pequenos incorporadores. O que é importante destacar dessa linha de análise é a compreensão da dinâmica de organização do espaço urbano que ela introduz, a saber; a lógica da acumulação urbana se assenta num modo de produção do ambiente construído que reproduz permanentemente as desigualdades materiais e simbólicas do espaço. A ação dos agentes imobiliários se baseia na constante transformação da divisão sócio-espacial, produzindo a obsolescência de determinados espaços e abrindo novas fronteiras de valorização através de áreas antigas ou da abertura de novos espaços de urbanização (RIBEIRO, 1996 apud LAGO, 2000 p. 41) [a autora explica que os ganhos da atividade de incorporação não devem ser confundidos com os lucros decorrentes da atividade de construção. O lucro na incorporação advém da transformação do uso da terra, que gera um sobrepreço sobre o custo original do terreno, ou seja, corresponde “a circunstâncias especiais, como inovações no produto, localizações escassas e valorizadas socialmente, antecipações sobre transformações no espaço urbano do entorno, mudanças de legislação ou o aproveitamento de conjunturas de mercado favoráveis. Por estas características, podemos afirmar o caráter largamente especulativo do setor (...)”. (RIBEIRO *et al*, 1990, p. 117 apud LAGO, 2000)].

Segundo esse tipo de abordagem, a segregação espacial está estritamente relacionada às diferentes formas de produção da moradia que garantem a oferta global. Assim, a autoprodução, a produção rentista, a produção estatal e a produção capitalista criam submercados distintos e agem sobre setores sociais específicos; no entanto, é o setor capitalista que estrutura os padrões de valorização e as formas de uso do solo na cidade, embora sua produção seja relativamente pequena em termos quantitativos e se concentre no núcleo. Segundo Ribeiro (1996 apud LAGO, 2000, p. 42), “ apesar da enorme quantidade de recursos aplicados pelo SFH, do conjunto das unidades construídas no Brasil entre 1964 e 1986, estimamos que apenas cerca de 12% representam a produção integralmente de mercado,

ou seja, produto da atividade construtiva na qual a incorporação, construção, financiamento e comercialização são realizados como circuitos da acumulação.” (RIBEIRO, 1996, p. 105, apud LAGO, 2000, p. 42). O papel do Estado na expansão e consolidação desse setor é ressaltado nos estudos sobre o tema. Pesquisas recentes indicaram que, em muitas capitais, a moderna produção capitalista foi praticamente criada pela intervenção estatal, através da política de construção de moradias populares e da instituição do Sistema Financeiro de Habitação – SFH) como mecanismo capaz de centralizar poupanças para financiar empreendimentos. Nesse contexto, o papel do Estado na organização do espaço urbano vai além da regulação pública da urbanização e das políticas de investimento infra-estrutura e serviços. Cabe observar que há um campo de discussão em torno da explicação da dinâmica imobiliária e da consolidação do setor incorporador a partir dos anos 60. De um lado, as análises que aponta a função política desse setor na construção da denominada “sagrada” aliança entre o capital internacional, o capital local e o Estado, através da qual há uma redistribuição do excedente, no sentido de equalizar a rentabilidade das diferentes esferas de acumulação (LESSA & DAIM, 1982, apud LAGO, 2000, p. 42). Dentro de outro, uma avaliação crítica das explicações macroestruturais como suficientes na compreensão da dinâmica construtiva, que propõe relacionar tais determinantes com as contradições específicas da reprodução do capital imobiliário, ou seja, com a natureza especulativa desse capital (RIBEIRO, 1996, apud LAGO, p. 42).

De acordo com Lago (2000, p. 42) as análises sobre as transformações na estrutura sócio-espacial das metrópoles, nos anos 80, vêm sendo desenvolvidas frente à compreensão dos fenômenos urbanos resultante dos modelos analíticos observados anteriormente. Voltamos, então, à idéia hoje corrente na literatura de crise econômica e social mais geral e as alterações da dinâmica interna nas grandes cidades brasileiras, que marcaram a última década, resultaram na transformação do padrão de segregação social. Cabe aqui repetir a pergunta: em que medida a segregação espacial excludente evoca algo de novo nas metrópoles brasileiras marcadas historicamente por profundas desigualdades espaciais entre o núcleo urbano e suas periferias?

Uma série de estudos demográficos tem apontado uma inflexão no processo de concentração populacional nas grandes metrópoles brasileiras e o simultâneo fortalecimento das cidades médias, a partir do redirecionamento dos fluxos migratórios para áreas mais promissoras quanto a oferta de emprego (MARTINE, 1993; TASCHNER, 1992, apud LAGO, 2000, p. 43). Vimos que as alterações no papel econômico das metrópoles não se restringem

ao Brasil, ocorrendo em outros países-latinos americanos. Essa tendência afetou diretamente o padrão de crescimento intrametropolitano, na medida em que o processo de perifização foi sustentado, até os anos 70, pela migração maciça em direção às áreas metropolitanas. Com efeito, na década de 1980, a periferia dos grandes centros passa a receber, predominantemente, população deslocada da própria metrópole, diminuindo assim o ímpeto de seu crescimento.

Tais análises demográficas têm subsidiado os trabalhos voltados para o tema da desigualdade social e da segregação espacial. Estudos sobre as metrópoles do Rio de Janeiro e de São Paulo apontam para que Rolnik e outros autores chamaram de diminuição perversa da segregação (ROLNICK *et al*, 1990 apud LAGO, 2000, 43), com base no fato de a população pobre ser obrigada a procurar moradia em locais mais centrais [no caso São Paulo, estimativas do crescimento da população favelada na capital indicam que ele representou 60% do crescimento populacional total (TASCHNER, 1993 apud LAGO, 2000, p. 43). No caso do Rio de Janeiro, enquanto a população total cresceu, em termos absolutos, 16%, os pobres população co rendimento familiar *per capita* de até meio salário mínimo) cresceram 43%, e os favelados, 33% (RIBEIRO & LAGO, 1992 apud LAGO, 2000), próxima aos centros residenciais e de atividades que favoreçam a inserção num mercado de trabalho instável e de baixa remuneração. Tal empobrecimento das áreas centrais valorizadas é acompanhado pelo surgimento de modalidades de segregação, através da construção, tanto no centro quanto nas periferias, de espaços residenciais e comerciais “gentrificados” que excluem o pobre não só pelo alto preço cobrado pelo acesso, mas também pelos sofisticados sistemas de segurança privada (RIBEIRO & LAGO, 1992; BÓGUS, 1992^a, apud LAGO, 2000, p. 43).

Segundo Bógus, em São Paulo, “a segregação se evidencia nos bairros de elite – os chamados “bairros-jardins” – construídos pela burguesia fora dos limites da cidade, dentro dos muros de condomínios fechados como Alphaville, Tamboré, Granja Viana, verdadeiras “ilhas de riqueza” em meio à periferia pobre”. (BÓGUS, 199, 1992, p.47, apud LAGO, 2000, p. 44)

Alguns autores procuram identificar os grandes traços de reestruturação urbana em suas relações com as mudanças no circuito imobiliário (RIBEIRO & LAGO, 1992; SMOLKA, 1992 apud LAGO, 2000). Assim, as transformações do espaço urbano na última década não seriam apenas efeito de um ciclo de estagnação, mas de alterações na dinâmica da produção imobiliária. Por um lado, o padrão periférico de crescimento metropolitano, que

prevalecia desde os anos 50, estaria em esgotamento pelo duplo movimento de crise e modernização das esferas de produção e de circulação do espaço construído. Por outro, o *boom* na produção de imóveis não-residenciais, resultante sobretudo da multiplicação de empresas financeiras, e o surgimento de um circuito financeiro novo – os fundos de pensão – que vem sustentando a difusão dos *shopping centers* expressam as mudanças em curso no setor imobiliário empresarial. A consequência são estreitamento e a elitização do mercado residencial, acompanhados pela emergência de novas formas de incorporação imobiliária que inovam e modernizam as cidades, ao mesmo tempo que acentuam a segregação social (RIBEIRO & LAGO, 1992 apud LAGO, 2000. P. 44).

Conforme observa Lago (2000, p. 44), as novas evidências sócio-espaciais exigem uma maior complexidade do modelo atual de estruturação urbana. A escala e o padrão de segregação vêm se alterando em função dos novos produtos residenciais lançados no mercado pelo capital incorporador e pelas estratégias de sobrevivência de uma população pauperizada pela crise. Convergente com as tendências espaciais em curso nas cidades dos países centrais, um padrão de segregação excludente começa a se instaurar nas metrópoles brasileiras através da formação de enclaves por todo o tecido urbano, tanto ricos quanto pobres. Permanece, entretanto, a discussão sobre a validade dos modelos analíticos até então utilizados na compreensão dos processos espaciais. A validade ou não de se trabalhar com uma visão dualista sobre a reestruturação urbana é uma questão em aberto, que se insere no atual debate sobre o rumo das cidades neste fim de século e início de uma nova etapa do capitalismo.

De acordo com Ascher (2010), o urbanismo moderno foi construído em concepções substanciais de interesse geral ou de interesse comum. Deve-se entender que, através desse ponto de vista, as decisões públicas, os planos com suas regras e proibições, as realizações públicas, as exceções ao direito de uso da propriedade (servidão), as desapropriações, os impostos, eram legitimados pelos interesses coletivos admitidos como superiores aos interesses individuais.

A sociedade hipertexto, composta de multipertinências, de mobilidades e de territórios sociais e individuais de geometria variável, confronta o que o autor chama de neurbanismo como uma diversidade complexa de interesses e com uma complexidade de desafios que dificilmente podem materializar em interesses coletivos estáveis e aceito por todos. Os políticos locais, o Estado, os urbanistas, todos os especialistas podem, assim cada vez menos pretender fundamentar suas ações e suas propostas no interesse geral ou comum, objetivo e

único. Além disso, o desenvolvimento das ciências e das técnicas só evidencia a grande complexidade onde anteriormente havia problemas passíveis de solução: a experiência que fundamentava as decisões qualificadas pelo interesse geral foi substituída pela controvérsia entre especialistas, o que remete as decisões a espinhosos princípios de precaução. Uma decisão só pode ser entendida como sendo de interesse geral ou comum através de sua substância objetiva. É o modo, o procedimento como ela foi elaborada e eventualmente construída pelos atores envolvidos, que lhe confere, *in fine*, seu caráter de interesse geral. As divergências e conflitos se resolvem assim menos pelas majorias, pois elas são circunstanciais, e mais por compromissos que permitem tratar uma variedade de situações coletivas.

De acordo com o autor, os procedimentos de identificação e formulação dos problemas, de negociação das condições, assumem uma importância crescente e decisiva. A participação – sob diversas formas – nesse processo, desde o seu início, dos habitantes, usuários, vizinhos e todos os atores envolvidos, tornar-se essencial. Não se trata somente de um debate entre opiniões divergentes, de melhorar soluções propostas, mas de construir o quadro de referências e a própria solução dos desafios.

O crescimento do turismo de favela não vai acabar com a pobreza, tampouco com a imagem de lugar associado a violência, a criminalidade, ao tráfico de drogas, problemas tão recorrentes quando falamos das comunidades faveladas cariocas. Por outro lado, será que o turismo de favela pode diminuir a segregação residencial ao promover uma interação social entre o turista e a comunidade visitada? Como o turismo de favela pode contribuir para melhoria das comunidades faveladas? Isto é o que pretendemos saber ao longo desta pesquisa.

Apesar das nuances, a existência de um consenso sobre umas poucas características da favela é tão evidente que foi levada a considerar tais características como verdadeiros **“dogmas”** compartilhados pela maior parte dos pesquisadores, não discutidos e de alguma forma, constituindo a base implícita desse campo de pesquisa. Mais do que a multiplicidade dos temas e assuntos que inspiram os estudos sobre as favelas, é a esse pequeno número de dogmas que gostaríamos de questionar. (VALLADARES, 2005, grifo nosso).

Segundo a autora, o primeiro “dogma” trata da especificidade da favela. Por sua história particular e seu modo de crescimento diferente dos demais bairros, a favela tem sido considerada, desde sempre, um espaço absolutamente específico e singular. O segundo “dogma” corresponde a uma idéia amplamente compartilhada da favela, e que diz respeito ao

seu território e à caracterização social de seus habitantes: a favela é lócus da pobreza, o território urbano dos pobres. Na medida em que formam uma cidade ilegal, dentro da cidade legal, os residentes demarcam seu território, verdadeiro enclave onde a marca identitária é onipresente.

O terceiro “dogma” afirma a unidade da favela, quer seja na análise científica ou no plano político. É no singular que se pensa a favela, na literatura científica, na ficção e, sobretudo na ação. Ainda que todos reconheçam tratar-se de uma realidade múltipla, todos se deixam levar pelo hábito de reduzir um universo plural a uma categoria única. A representação social dominante só reconhece ou trata a favela como um tipo no singular e não na sua diversidade.

Segundo Souza (2003), dois grandes conjuntos de problemas, ou duas grandes problemáticas, associam-se fortemente às grandes cidades: a da pobreza e a da segregação residencial. A pobreza, obviamente, nada parece ter de típica ou especificamente urbano, à primeira vista. Sabe-se, inclusive, que a pobreza, nos países do “Terceiro Mundo”, é quase sempre maior no campo que na cidade, pois é nas áreas rurais que os percentuais de pobreza absoluta são maiores. Contudo, a pobreza urbana se reveste de peculiaridades, tanto por conta de suas formas de expressão espacial características (favelas, periferias pobres, áreas de obsolescência), quanto por causa das estratégias de sobrevivência, legais e ilegais, que a ela se vinculam (do comércio ambulante ao tráfico de drogas de varejo).

Quanto à segregação residencial, ela é, essencialmente, um produto da cidade. Meros povoados ou aldeias rurais não possuem uma complexidade que dê origem a bairros inteiros ou grandes espaços segregados, sendo pelo contrário, relativamente homogêneos. A segregação residencial é um fenômeno urbano, e da grande cidade muito mais que das cidades pequenas. A segregação residencial é um problema por várias razões. O autor destaca duas:

- Menos segregação residencial tende a significar maiores chances de interação entre grupos sociais diferentes, e maior interação tende a facilitar enormemente a demolição de preconceitos. Teme-se e odeiam-se muito mais facilmente aqueles que, no fundo, não se conhece, embora se pense conhecer; é mais difícil ou menos provável questionar o estatuto de humanidade daqueles que são diferentes e deixar de reconhecer as semelhanças entre “nós” e “eles” quando há mais convivência. A convivência favorece a tolerância; a segregação realimenta a intolerância.

- Melhores condições de habitação, na escala da casa e também na escala do local de moradia em um sentido mais amplo, na esteira de investimentos públicos em infraestrutura técnica e social, em habitação popular, em regularização fundiária, etc. devem contribuir para uma diminuição dos preconceitos contra espaços segregados típicos das cidades brasileiras, especialmente no caso das favelas. Menos preconceitos podem ter, a médio ou longo prazo, uma repercussão bastante positiva na auto-estima coletiva, o que, por sua vez, é um componente importante de um processo de desenvolvimento urbano autêntico.

Para o autor a segregação residencial é um resultado de vários fatores, os quais, em si, são altamente problemáticos: da pobreza (e do racismo, sobretudo em uma situação como a dos EUA) ao papel do Estado na criação de disparidades espaciais em matéria de infraestrutura e no favorecimento dos moradores de elite(principalmente em um país como o Brasil). Superar ou reduzir a segregação depende a superação ou a redução desses problemas.

Segundo Campos (2005) tanto o total de favelas como o de favelados são motivos de muitas discussões e, tendo em vista a confrontação dos dados e seus diferentes resultados, tornam-se, na prática, uma questão política do Poder Público e os segmentos sociais mais atuantes pela distribuição de recursos orçamentários. Mas, seja qual for a origem dos embates, registra-se que o número de favelados cresceu percentualmente quase que o dobro da população municipal no período. A tabela 2 (Ver Anexo) apresenta a variação de crescimento das favelas na cidade como um todo e por Área de Planejamento (AP), entre 1999 e 2008.

Houve um crescimento geral de cerca de três milhões de metros quadrados, correspondentes a 6,88% de acréscimo na área ocupada pelas favelas cariocas. No entanto, a variação de área não foi homogênea nas diferentes regiões da cidade. Se na Zona Oeste (AP 5), área de expansão periférica do Município e na Baixada de Jacarepaguá (AP 4), onde floresce dinâmico mercado de trabalho, as favelas cresceram cerca de 12% e 9%, respectivamente, na próspera Zona Sul (AP 2), ficaram estáveis, apresentando pequeno decréscimo. Na Zona Central e adjacências (AP 1) e nos subúrbios da Zona Norte (AP 3), as favelas se expandiram em torno de 3 a 4%.

O crescimento das favelas no período 1999/2008 seguiu a tendência geral de expansão da cidade, que tem-se dado na direção sudoeste, em dois vetores sócio-espaciais. De um lado, as favelas acompanharam o crescimento da Baixada de Jacarepaguá (que inclui a rica área da

Barra da Tijuca), procurando se localizar nas proximidades dos mercados de trabalho emergentes nessa região. De outro lado, o vetor de expansão periférica pobre, típico do que ocorre na Zona Oeste da cidade, abrangendo os fartos (e distantes do centro) terrenos das Regiões Administrativas de Realengo, Bangu, Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba (IPP, Coleção Estudos Cariocas, 2009)

Considerando a importância que as áreas de favelas assumem no município do Rio de Janeiro, a relevância do tema proposto é discutir como um espaço marginalizado, passa a ser valorizado pelo mercado, se transformando em espaço de visitação turística. As favelas que se constituem em espaços marginais dos excluídos originadas pela dinâmica perversa das forças de mercado é, nesse momento, reapropriada pelo mercado para reproduzir o próprio sistema, transformando os espaços da pobreza em espaços de espetáculo e consumo turístico.

Capítulo 3 - OS MEIOS E O CAMINHO

Com o desenvolvimento de suas exigências metodológicas, as propostas de pesquisa alternativa (participante e ação) poderão vir a desempenhar um importante papel nos estudos e na aprendizagem dos pesquisadores e de todas as pessoas ou grupos implicados em situações problemáticas (THIOLLENT-1988). Para o autor um dos principais objetivos dessas propostas consiste em dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora. Trata-se de facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído. Devido à urgência de tais problemas (educação, informação, práticas políticas, etc.), os procedimentos a serem escolhidos devem obedecer a prioridades estabelecidas a partir de um diagnóstico da situação no qual os participantes tenham voz e vez.

Segundo Thiollent (1988) para evitarmos alguns equívocos quanto ao real alcance da pesquisa-ação, limitaremos a sua pertinência à faixa intermediária entre o que é geralmente designado com nível microssocial (indivíduos, pequenos grupos) e o que é considerado como

nível macrossocial (sociedade, movimentos e entidades de âmbito nacional ou internacional). Essa faixa intermediária de observação corresponde a uma grande diversidade de atividades de grupos e indivíduos no seio ou à margem de instituições ou coletividades. Entre as principais atividades consideradas, encontramos tudo o que é comumente designado como educação, trabalho, comunicação e lazer, etc. Neste trabalho, cujo objeto de pesquisa é o fenômeno do “Turismo em Favela”, daremos ênfase em nível microssocial do grupos de guias moradores e não moradores que atuam na Favela da Rocinha – Rio de Janeiro. Conforme salienta o autor, tal como a entendemos, a pesquisa-ação não trata de psicologia individual e, também, não é adequada ao enfoque macrossocial. Contrariamente a certas tendências da pesquisa psicossocial, os aspectos sócio-políticos nos parecem ser mais pertinentes que os aspectos psicológicos das “relações interpessoais”.

Segundo Thiollent (1988) na abordagem da interação social, aqui adotada, os aspectos sócio-políticos são freqüentemente privilegiados. O que não quer dizer que a realidade psicológica e existencial seja desprezada.

Do ponto de vista sociológico, a proposta de pesquisa-ação dá ênfase à análise das diferentes formas de ação. Os aspectos estruturais da realidade social não podem ficar desconhecidos, a ação só se manifesta num conjunto de relações sociais estruturalmente determinadas. Para analisar a estrutura social, outros enfoques, de caráter mais abrangente, são necessários.

Os temas e problemas metodológicos aqui apresentados são limitados ao contexto da pesquisa com base empírica, isto é, da pesquisa voltada para a descrição de situações concretas e para a intervenção ou a ação orientada em função da resolução de problemas efetivamente detectados nas coletividades consideradas. Isto não quer dizer que estejamos desprezando a pesquisa teórica, sempre de fundamental importância. Mas precisamos começar por um dos lados possíveis e escolhermos o lado empírico, com observação e ação em meios sociais delimitados, principalmente, com referência aos campos constituídos e designados como educação, comunicação e organização.

Embora privilegie o lado empírico, nossa abordagem nunca deixa de colocar as questões relativas aos quadros de referência teórica sem os quais a pesquisa empírica – de pesquisa-ação ou não – não faria sentido. Essas questões são vistas como sendo relacionadas ao papel da teoria na pesquisa e como contribuição específica dos pesquisadores nos discursos

que acompanham o desenrolar da pesquisa, levando a uma deliberação acerca dos argumentos a serem levados em conta para estabelecer as conclusões.

Para o autor, nos dias de hoje, embora haja muitas pesquisas em diversas áreas de conhecimento aplicado, sente-se a falta de uma maior segurança em matéria de metodologia quando se trata de investigar situações concretas. Além disso, no plano teórico, a retórica sem controle corre solta. Há um crescente descompasso entre o conhecimento usado na resolução de problemas reais e o conhecimento usado apenas de modo retórico ou simbólico na esfera cultural. A linha seguida pelos partidários da pesquisa-ação é diferente: pretendem ficar atentos às exigências teóricas e práticas para equacionarem problemas relevantes da situação social.

Quanto as definições e objetivos, segundo Thiollent (1988) toda pesquisa-ação é de tipo participativo: a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente necessária. No entanto, tudo o que é chamado pesquisa participante não é pesquisa-ação. Isso porque pesquisa participante é, em alguns casos, um tipo de pesquisa baseado numa metodologia de observação participante na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada com o intuito de serem melhor aceitos. Nesse caso, a participação é sobretudo; participação dos pesquisadores e consiste em aparente identificação com os valores e os comportamentos que são necessários para a sua aceitação pelo grupo considerado.

Quanto as exigências científicas, o autor observa que hoje em dia não existe um padrão de cientificidade universalmente aceito nas ciências sociais. O positivismo e o empiricismo, que prevalecem na literatura do mundo anglo-saxão, são contestados inclusive nos seus centros de origem. Podemos optar por instrumentos de pesquisa não aceitos pela maioria dos pesquisadores de rígida formação à moda antiga, sem por isso abandonar a preocupação científica.

Do ponto de vista científico, a pesquisa-ação é uma proposta metodológica e técnica que oferece subsídios para organizar a pesquisa social aplicada sem os excessos da postura convencional ao nível da observação, processamento de dados, experimentação, etc. Com ela, se introduz uma maior flexibilidade na concepção e na aplicação dos meios de investigação concreta.

Além disso, podemos considerar que, internamente ao processo de pesquisa-ação, encontramos qualidades que não estão presentes nos processos convencionais. Por exemplo, podemos captar informações geradas pela mobilização coletiva em torno de ações concretas que não seriam alcançáveis nas circunstanciais da observação passiva. Quando as pessoas estão fazendo alguma coisa relacionada com a solução de um problema seu, há condição de estudar este problema num nível mais profundo e realista do que no nível opinativo ou representativo no qual se reproduzem apenas imagens individuais e estereotipadas.

A pesquisa realizada junto com guias de turismo atuantes na atividade turística de Favela, na comunidade da Rocinha, área urbana do Rio de Janeiro, considerando os guias profissionais, via agências operadoras desse tipo de turismo, bem como os guias moradores da própria favela.

A opção pelos guias se deu em função do importante papel que exercem diretamente na percepção e opinião dos visitantes, como verdadeiros formadores de opinião, passando e repassando a imagem a imagem de um destino e de uma atração turística diferenciada, à maneira que eles são treinados, preparados ou de acordo com a experiência que possuem, embora os visitantes tenham a sua autonomia de ver e perceber como quiserem. Esse confronto, essa dinâmica tem sido o fio condutor da pesquisa.

Quadro - CATEGORIAS DE ANÁLISE IDENTIFICADAS

Objeto de estudo	Objetivos Específicos	Categorias de Análise (com base no Referencial Teórico)	Autores/Ano	Técnicas de coleta	Técnicas de análise
	4.1) Caracterização dos Guias de Turismo em Favela (Rocinha/RJ)	1- Faixa etária 2- Escolaridade 3- Formação Geral 4- Experiência Profissional 5- Condições de vida (guia morador)	Aspectos Gerais	Entrevista semi-estruturada Observação participante	Técnica de análise de conteúdo (Bardin)
	4.2) Caracterização dos Roteiros do Turismo em Favela (Rocinha/RJ)	5- Concepção dos Roteiros 6- Pontos de Visitação/Atrativos 7- Tempo e Duração 8- Meios e Recursos Utilizados 9- Prioridades e Enfoques 10- Perfil dos Turistas 11- Vivência e Sentimentos	- FREIRE-MEDEIROS (2009) - ROLFES (2009) - ROLFES, STEINBRINK & UHL (2009)	Entrevista semi-estruturada Observação participante	Técnica de análise de conteúdo (Bardin)

4.3) Aspectos Éticos e Estéticos do Turismo em Favela (Rocinha/RJ)	11- Favela 12- Imagens Dominantes 13- Comunidade Real/Realidade Local 14- Ética Urbana 15- Estética Urbana 16- Diferenciação Social 17- Cidade-espetáculo 18- Interativo 19- Pobreza Turística	- DEBORD (2005); - FREIRE-MEDEIROS (2009); - LIMA & MALEQUE (2007); - SOUZA (2003); - VALLADARES (2005); - RIBEIRO & LAGO (1992)	Entrevista semi-estruturada Observação participante	Técnica de análise de conteúdo (Bardin)
4.4) Desigualdade Social e Pobreza Urbana sob as percepções dos guias de turismo moradores e não-moradores que trabalham na Rocinha (Rio/RJ)	20- Contrastes /Contradições 21- Marginalidade 22- Pobreza Urbana 23- Necessidades/ Expectativas e Retribuição dos Guias 24- Miséria Humana 25- Desigualdade Social 26- Segregação Residencial	- FREIRE-MEDEIROS (2009); - LAGO (2000); - PERLMAN (1977); - SOUZA (2003); - VALLADARES (2005);	Entrevista semi-estruturada Observação participante	Técnica de análise de conteúdo (Bardin)

Fonte: Dados da Pesquisa, 2013

A elaboração do instrumento de pesquisa de campo consistiu em roteiro estruturado de questões, a partir das categorias de análise elencadas a partir da teoria e de acordo com os objetivos da pesquisa, sendo considerados:

- 1) Termos e expressões comuns, repetidas e enfatizadas encontradas na Pesquisa de Campo: positividade,
- 2) Principais ênfases das falas dos entrevistados encontradas no trabalho de campo:
- 3) As respostas mais recorrentes encontradas no trabalho de campo:
- 4) Relacionar os termos e expressões identificadas com as categorias teóricas de análise.
- 5) Selecionar a transcrição de falas dos sujeitos da pesquisa que respondam aos objetivos da pesquisa.
- 6) Falar sobre a qualidade e autenticidade dos sujeitos da pesquisa.
- 7) Confrontar as entrevistas de acordo com cada sujeito.
- 8) Descrever os principais momentos das dinâmicas das entrevistas.
- 9) Verificar a ideologia subjacente as falas.
- 10) A linguagem utilizadas e o repertório dos sujeitos da pesquisa.
- 11) Verificar a intenção dos discursos.
- 12) Criar arquivo sobre a análise de pesquisa de campo.

Capítulo 4 - O QUE PENSAM E FAZEM OS QUE GUIAM (Relação Favela e Pobreza no Turismo na Rocinha – Rio de Janeiro / Brasil / 2013)

4.1 Perfil sócio-profissional e atuação dos guias de turismo moradores e não-moradores da favela (Rocinha - Rio de Janeiro)

Um dos traços peculiares do turismo em favela considerando a favela da Rocinha – Rio de Janeiro, local escolhido para a realização desta pesquisa, por ser a mais famosa, mais procurada pelos turistas e a maior da zona sul carioca, deve-se ao fato de ter uma intensa movimentação de guias de turismo, desenvolvendo a “nobre” função de atuar profissionalmente, orientando um número considerável de turistas durante todos os dias da semana. Neste contexto, tentaremos traçar um perfil sócio-profissional deste grupo de profissionais que trabalham na Rocinha, na qual foram identificadas duas categorias atuantes: os guias moradores e os guias não moradores.

No trabalho de campo foi possível notar que há vários grupos de turistas percorrendo as ruas da Rocinha, no qual verifica-se que o tour de favela é operado por diversas agências de viagens, onde foram identificados no local, um total de dez agentes de viagens que atuam regularmente, até o momento denominadas: Be a Local, Carioca Freeculture, Exotic Tour, Favela Tour, Favela Walking Tour, Forest Tour, Indiana Jungle, Jeep Tour, LiveRio Tourism Services e Rio Adventours.

Do ponto de vista legal, a profissão de guia de turismo foi regulamentada pela Lei n. 8.623, de 28 de Janeiro de 1993. Segundo o Art. 2º: “Para os efeitos desta lei, é considerado Guia de Turismo o profissional que, devidamente cadastrado no Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur), exerça atividades de acompanhar, orientar e transmitir informações a pessoas ou grupos, em visitas, excursões urbanas, municipais, estaduais, interestaduais, internacionais ou especializadas”. No entanto, apesar da profissão ser regulamentada, normalmente o guia de turismo é um profissional autônomo que presta serviços para diversas empresas, sem vínculo empregatício, como “free lancer”. Contudo, existe uma tabela de remuneração mínima emitida pela Sindegtur (Sindicato dos Guias de Turismo do Rio de Janeiro), órgão representante da categoria. Para exercer a função e trabalhar como guia de turismo, é necessário fazer o curso de guia de turismo regional, com duração de aproximadamente de seis meses, em uma das instituições de ensino autorizadas oficialmente no Rio de Janeiro, que preparam e habilitam o aluno para o mercado de trabalho. Dentre elas,

podemos citar: SENAC (Serviço nacional de Aprendizagem Comercial), Cieth (Centro Integrado em Estudos de Turismo e Hotelaria), Marc Apoio, Protur, entre outros.

O Ministério do Turismo cadastra os guias em quatro categorias diferentes: o Guia Regional recebe turistas que vêm visitar a cidade do Rio de Janeiro. O Guia Nacional leva turistas brasileiros de um estado para outro ou para países da América do Sul. O Guia Internacional leva turistas brasileiros para os países fora da América do Sul. O Guia Ecológico leva turistas para conhecer os recursos naturais e ecológicos de uma região. Um dos pré-requisitos para ser guia de turismo é possuir o ensino médio e ser maior de dezoito anos, embora não seja necessário falar outro idioma. Todos os dezesseis guias de turismo entrevistados durante o trabalho de campo na Rocinha, estão classificados na categoria de guia regional, falavam pelo menos o inglês ou o espanhol e estavam devidamente credenciados com a carteira de guia de turismo onde há o número de registro no Ministério do Turismo.

Podemos iniciar este capítulo conhecendo o aspecto da faixa etária dos guias de turismo moradores e não moradores, observando que em geral eles têm um certo nível de maturidade, situados numa faixa etária que varia entre 24 a 50 anos de idade, embora exista um guia morador, com o pseudônimo carinhoso de “Amendoim”, na faixa de 55 anos de idade, ainda atuando efetivamente e com excelente desempenho da função.

Quanto a escolaridade dos guias de turismo moradores entrevistados, verificou-se que a maioria tem nível médio, sendo o mais experiente do grupo, o guia Amendoim, o qual revelou ter o curso superior de Direito. E, em relação aos guias de turismo não moradores, apenas o guia Edmundo, me informou ter o curso superior de Desenho Industrial.

Uma das diferenças mais marcantes entre o guia morador e o guia não morador é a sua vivência dentro da favela e o contato real direto com a comunidade. Percebe-se que o guia morador não é um visitante, que frequenta a favela a trabalho quase diariamente, como o guia não morador, que é uma pessoa de fora, que sai de sua casa para ir à favela para trabalhar. Entretanto, este fato lhes permite abordar sobre vários aspectos da favela frente ao seu desempenho no exercício da função de guia de turismo ter uma maior abrangência, na medida em que eles percorrem o amplo espaço da favela, proporcionando discutir questões ligadas a múltipla realidade que a favela apresenta, tais como a desigualdade social, a segregação socioespacial, o mito da marginalidade social dos moradores da favela, o contraste entre a pobreza e riqueza no entorno da Rocinha e a favela como solução para moradia das camadas

populares, temas muito recorrentes encontrados na análise do discurso observadas nas entrevistas realizadas na Rocinha.

Observou-se também, que respostas dos guias de turismo moradores foram mais profundas em relação aos guias não moradores, uma vez que demonstraram ter plena consciência, afirmando com muita clareza e firmeza, objetivamente falando, estarem envolvidos com os problemas enfrentados pelos moradores da Rocinha, pelo fato de estarem na condição de moradores, além de trabalharem e fazerem parte do universo plural da favela. Por um outro lado, os guias não moradores, ainda que confirmem estarem conscientes dos problemas enfrentados pelos os moradores da Rocinha, com base num discurso em defesa da favela, na maioria das vezes apresentaram respostas muito superficiais, tentando ser o mais natural possível ao se colocar no lugar de uma pessoa da comunidade.

Acompanhamos o trabalho de cada um do total dos dezesseis guias de turismo moradores e não moradores a pé, juntamente com seus grupos de turistas para realização desta pesquisa, cujo um dos pré-requisitos observados para o exercício da função de é possuir uma vigorosa disposição e saúde física para subir e descer o morro pelas escadas e andar pelos caminhos assimétricos da favela, por três ou quatro horas de trabalho. Percebe-se um esforço em comum, em ambas categorias de guias de turismo analisadas, que ao chegar na Rocinha, utilizam fortes argumentos, dentre eles, o que mais chamou a atenção, dada a curiosidade em conhecer a favela pelos turistas, foi o de ser uma espécie de intermediador, a fim de exercer um papel social de unir a favela ao tecido urbano da cidade, numa tentativa em desmitificar a imagem da favela vinculada a imagem de lugar perigoso e violento, tão reforçada pela mídia. Contudo procuram dar ênfase a questão social e política sob vários aspectos da favela para não reduzir a visita dos turistas somente da imagem associada a questão do tráfico de drogas, criminalidade e da segurança, quando se trata de mostrar uma das multivariadas faces relacionada as favelas cariocas, pois estes problemas também ocorrem em outras áreas da cidade.

A fala dos guias de turismo não moradores, ilustram bem uma categoria de análise frequentemente utilizada por eles quando se referem a dicotomia cidade X favela: o termo contraste. Ao ser questionada como a cidade é vista pelos turistas a partir da favela, eles revelam: “Os turistas percebem os contrastes. A ideia é que é muito pobre, mas isso porque há riqueza também como as lajes. Há contrastes na própria favela.” Revelou a guia não moradora Raquel do Favela Tours, resumindo: “Aqui é um mundo e a cidade é outro. Eu quero sempre

interagir as pessoas da favela com as pessoas da cidade e que com a inclusão social, está havendo muita mudança tento mostrar da melhor maneira possível”. A visão do guia não morador Hélio Costa do Rio Adventours, demonstra claramente esta dicotomia: “Como um cidade partida: a rica e a pobre” como a do guia não morador Everaldo, do Favela Tour, também: “O contraste tão perto e tão diferente”. Entretanto a resposta do guia Patrick da Be a Local, resume bem esta diferenciação social na paisagem natural e humana da cidade do Rio de Janeiro, muito além de um simples cartão postal: “Como uma cidade de contrastes sociais, de uma proximidade entre ricos e pobres, porém com uma distância social bem grande”.

O tour na Favela da Rocinha tem início com a chegada dos guias de turismo aos hotéis ou *hostels* (albergues da juventude) localizados na zona sul da cidade, onde são transportados até a entrada da Rocinha. O meio de transporte utilizado pelas agências de turismo Be a Local, Carioca Freeculture, Exotic Tour, Favela Tour, Favela Walking Tour foi uma van, com ar-condicionado. A “*Be a Local*” foi a única agência de viagens que utilizou os motos-táxis para transportar seu grupo de turistas até o ponto mais alto da favela, contudo o passeio foi iniciado também em uma van. Entretanto, a Forest Tour, Indiana Jungle, Jeep Tour, LiveRio Tourism Services e Rio Adventours utilizaram um jipe para transportar os turistas, até a Rua Um, ponto mais alto da Rocinha para dar início ao passeio a pé. Verificou-se que a opção por não utilizar o jipe, como meio de transporte por estas agências foi justificada para evitar associar da imagem do tour de favela a impressão de estar se fazendo um safári na favela.

Tanto os guias de turismo moradores quanto os guias não moradores interagem o tempo todo com os moradores e com os turistas, respondendo as suas perguntas quanto ao modo de vida na favela, percorrendo os becos e vielas, subindo e descendo escadas, mostrando os diversos tipos de casas no meio do caminho. Os turistas ficam impressionados com a criatividade dos moradores, pois as casas são construídas de modo improvisado, onde espaço é aproveitado onde for possível expandir a construção verticalmente cada pavimento no interior das casas, até chegar na laje, uma área onde fica o terraço a céu aberto.

Percebe-se que há uma incidência de moradores na Rocinha, oferecendo a laje de suas casas no intuito de receber os guias de turismo com os seus grupos para apreciarem a bela vista que a favela oferece de suas lajes, o que proporciona aos moradores faturar uma certa quantia em dinheiro para ajudar nas despesas. Geralmente, cobra-se uma taxa que varia de

dois a três reais por pessoa para apreciar o visual, onde vão desfrutar o “momento laje”¹. Este é o tipo de comércio relacionado ao turismo em favela que está em crescimento, observado na Rocinha, posto que a presença de turistas percorrendo na Rocinha é permanente. Cada guia de turismo escolhe qual a laje proporcionará o melhor visual para mostrar as características da favela, o contraste da simplicidade da favela com a opulência dos prédios e casas espaçosas muito valorizadas pelo mercado imobiliário nos bairros ricos no entorno, e ao fundo a beleza do cenário natural da sinuosidade das montanhas junto com as praias da orla do Oceano Atlântico.

Ao entrevistar o guia morador Joel a fim de saber qual a sua expectativa em relação aos turistas e a sua em relação aos mesmos, ele revela que já morou numa favela próxima ao Morro do Juramento, na da zona norte do Rio e trabalha há oito anos na Rocinha. Ele procura explicar a diferença entre guia morador e o guia não morador, uma vez que muitos turistas pensam que os guias de turismo são “excelentes” moradores locais, posto que quase diariamente os guias não moradores frequentam a favela a trabalho:

Eu espero entendimento, né? E que eles adquiriram alguma informação e algum conhecimento sobre favela, consigam entender um pouquinho da realidade porque o nosso trabalho ele é voltado para mostrar um lado diferente do que é relatado normalmente entre pobreza e violência. Existe, mas existem outras coisas, existe uma cultura de vida bem típica que a gente tenta passar para os turistas, né? Eu acho que de mim eles aguardam segurança, principalmente porque no caso, é considerado um território perigoso, embora a gente conhece muito melhor que muita gente e uma referência para poder estar caminhando e uma autenticidade, também. Muitos turistas que pensam que os guias são excelentes moradores locais e a maioria, na verdade, não são, muitos guias nem têm um contato com a comunidade real. Vem aqui, é aventureiro mesmo, vê que não é difícil mesmo e começa a vir, não busca trazer nenhuma contrapartida para a comunidade, nem em termos de informação, nem financeiramente, entendeu? Eu moro em São Conrado, mas eu vim da zona norte de uma favela próxima ao Morro do Juramento, eu tenho uma relação muito forte porque é um tour que me especializei há oito anos que eu faço este trabalho. Então, eu sei a importância para a comunidade, meu trabalho é feito de uma forma efetiva, de uma maneira séria e, realmente tem como gerar um benefício para a comunidade. Eu procuro reverter o máximo que eu posso para a comunidade, embora eu seja pequeno eu peço a vários outros operadores. São Conrado, eu mora lá em baixo, eu mora há doze anos, na zona sul, devido o meu trabalho de turismo, outros trabalhos pessoais de desenvolvimento pessoal. (guia: Joel)

O único guia de turismo não morador entrevistado, quem mostrou-se interessado em trabalhar em parceria com o guia morador, foi o guia Nápoles da Indiana Jungle, que utiliza um jipe nos passeios a floresta da Tijuca e Rocinha, onde tivemos a oportunidade de acompanhá-lo desde a sua chegada num hotel, em Copacabana, para embarcar dois turistas russos. No percurso em direção a favela, quando passávamos pelas praias de Ipanema e Leblon, ele tentou falar com um guia de turismo morador da Rocinha pelo telefone celular,

¹ A palavra momento é uma categoria quântica (tempo-espaço e espaço-tempo). Tempo e espaço se fundem e se confundem no Tour de Favela ou o Momento Laje.

para que ele fosse o guia de turismo na favela, porém não obteve uma resposta, sendo assim informou que ele mesmo faria o trabalho de guia. Ele se justificou e fez seu depoimento sobre como vê a favela:

É muito importante estar sempre adequado ao mercado de trabalho. Você tem que sempre se adaptar e mudar de acordo com as transformações da realidade. A favela é uma solução para o problema habitacional do Rio de Janeiro. A ideia é morar perto trabalho. (guia não morador: Nápoles)

Durante a visita dos turistas russos a Rocinha, o guia não morador Nápoles, procurou explicar tudo o que conhecia sobre a arquitetura, a criatividade dos moradores e sua motivação para construírem sua própria moradia, dependendo do dia da semana, é possível visitar o Clube Umuarama, onde as crianças trabalham com reciclagem. Para ele, a ideia é trazer o esporte para a comunidade, posto que na ocasião do tour, fomos informados que o jogador de tênis Guga e o jogador de futebol Petkovic convidariam o também jogador de tênis Roger Federer para inaugurar uma quadra de tênis de saibro, no Complexo Esportivo da Rocinha. Quando se trata de apresentar os problemas que as favelas enfrentam para os turistas, ele demonstrou ser bem direto, preferindo mostrar a realidade, afirmando: “Não há limites porque não há motivos para se esconder nada”. Ele revelou que o perfil de turistas ou grupos que visitam a favela são jovens com na faixa de anos, em sua maior parte. Em relação a sua apresentação da favela, ele demonstrou que ainda existe muito preconceito:

O mais importante não é só mostrar a parte rica, mas também a parte pobre. É a pessoa conhecer para não discriminar. Há pessoas que gostam muito da favela e outras mais da Floresta da Tijuca. Eles querem ver o que viram no filme Cidade de Deus. As pessoas têm muito preconceito, medo porque não conhecem, para o povo da elite é como se fosse doença.” (guia: Nápoles)

Um dos motivos que fazem da Rocinha ser uma das favelas mais procuradas da zona sul carioca pelos turistas, em visita ao Rio de Janeiro, é a sua localização geográfica privilegiada, como mencionamos antes, ela proporciona um belíssimo visual, das praias, da Lagoa Rodrigo de Freitas, da Pedra Bonita e da Pedra da Gávea, principalmente numa localidade muito visitada, chamada de Laboreaux, no alto do morro. Entretanto, observa-se na fala do guia morador Joel, ao explicar qual o significado e como ele vê a favela, existir uma especificidade que é comum a multiplicidade do universo da favela, maior que a sua dimensão física, um estilo de vida próprio em cada zona da cidade, que nem a distância descaracteriza o que ele chama de “cultura da favela”, independente de sua localização geográfica, isto é, tanto na zona norte quanto na zona sul da cidade, que se expressa por si só. Ele define:

Para mim a favela é um universo específico, não só essa aqui, mas eu acho que é um estilo de vida, além de ser apenas ser uma localidade. Acho que a cultura da favela, ela se torna até maior do que as próprias favelas fisicamente falando, entendeu? Aqui no Rio de Janeiro, a cidade é dividida por zonas e muda muito o estilo de vida em cada zona da cidade e a favela consegue ter essa proximidade, assim. É um estilo de vida muito similar em todas as favelas, entendeu? Tanto na zona norte como aqui, embora aqui as pessoas sejam mais favorecidas porque você sabe que a favela está numa área rica, é visualmente bonita, a praia. Mas por um outro lado, sofre uma discriminação maior do que as pessoas que são da zona norte. Você sai da favela e vai para um bairro pobre também, que é onde está a grande concentração. (guia: Joel)

Um dos projetos do governo como o RIO TOP TOUR, é incrementar o turismo em favela, incentivando moradores de algumas favelas cariocas, em transformar suas moradias em hospedagem do tipo *bed and breakfast* (cama e café-da-manhã). Podemos identificar no trabalho de campo, dois tipos de hospedagem na Favela da Rocinha: uma pousada, localizada próximo a Biblioteca Parque da Rocinha, na Estrada da Gávea e somente uma hospedagem do tipo cama e café, chamado *Rocinha Guest House*², na entrada da Rua Um.

Percebe-se que o turismo em favela já está se tornando cada vez mais recorrente e menos alternativo, principalmente após a “Pacificação” das favelas cariocas, conforme comentou o guia morador Joel, já existe uma procura intensa para visitação de turistas ao Morro do Complexo do Alemão, na zona norte da cidade. O Morro Santa Marta, foi a primeira unidade pacificadora implantada, na zona sul, no bairro de Botafogo, em dezembro de 2008.

As Unidade Policiais Pacificadoras (UPPs), são uma estratégia de Segurança Pública no Rio de Janeiro, que tem por finalidade expulsar os grupos criminosos. O primeiro passo é a ocupa o da favela por forças do Batalhão de Opera es Policiais (BOPE), a partir daí é estabelecida uma unidade especial, com a presença ostensiva de número variável de policiais para garantir a segurança da comunidade. A origem das “Unidades Pacificadoras” têm como referência a experiência de policiamento comunitário afirmado em práticas nos EUA, sendo

² Fiquei hospedado no Albergue “Rocinha Guest House” por seis meses para entrevistar os guias de turismo moradores e não moradores que trabalham na Rocinha. Entretanto, existe pelo menos um albergue nas favelas visitadas no Rio de Janeiro. No Vidigal: O Alto Vidigal Guest House. Em Copacabana no Morro do Pavão-pav ozinho: o Pura Vida Hostel. No catete, na Favela Tavares Bastos: The Maze e no Morro Chapéu Mangueira: O Favela Inn.

Boston, a principal indicador; Medellín e Bogotá, dentre outras cidades que deram respostas inovadoras a questão da violência criminal (SILVA, 2012 apud MELLO, 2012).

Ah! Eles estão fazendo a gora, o Complexo [do Alemão]. Mas, eu acho que é também em relação aos próprios operadores, no caso a Rocinha, o conteúdo, o interesse maior por ser a maior favela. Então independente da localidade, já gera essa curiosidade, esse interesse. Aí, vem a questão da localização, ela está aqui numa localização privilegiada entre dois bairros nobres da cidade. E aqui na zona sul tem fácil acesso, de Copacabana de quinze a vinte minutos você está aqui. Então, isto aí possibilitou aqui ser o primeiro trabalho de turismo. Já existe há vinte anos [na Rocinha], em outras favelas só vieram após a Pacificação. O Morro de Santa Marta, por exemplo, que é uma favela bem famosa também, só veio e começou a trabalhar há quatro anos. Então aqui, existe há vinte anos devido a esses detalhes que a gente está falando, a questão geográfica, principalmente. (guia morador: Joel)

Uma das características no trabalho dos guias moradores e não moradores da Rocinha, observada no trabalho de campo é enfatizar as mudanças que estão ocorrendo na favela, principalmente, após a Pacificação, em 14 de novembro de 2011. Logo, percebe-se que esta mudança teve implicações significativas na vida dos moradores que acompanham dia a dia dos acontecimentos e sua repercussão na comunidade, inclusive na vida dos próprios guias de turismo moradores, já que eles sentem diretamente os efeitos destas mudanças, pois para eles a favela lhes serve de moradia e local de trabalho.

A favela da Rocinha está passando por um processo de renovação, na qual destacamos, também, as obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), o qual foi responsável pela construção de um conjunto habitacional na parte baixa da favela, com a finalidade de ser ocupado pelos próprios moradores, removidos das áreas de risco nas encostas dos morros para um local mais seguro. Constatou-se que a moradia neste local é custeada pelo governo e como consequência, houve a desapropriação de alguns imóveis, fato que provocou uma valorização de imóveis na Rocinha. O guia morador Rodrigo Carvalho, do Carioca Freeculture, admite não falar muito sobre a cidade quando está trabalhando com seu grupo na favela, que leva os turistas num local chamado “Visual” para mostrar e explicar como todas estas mudanças que estão ocorrendo na Rocinha:

Para ser honesto quando eu vou numa localidade na Rocinha chamada “Visual”, eu levo o turista lá, não para ele vê o visual do Rio de Janeiro, porque se ele quisesse visitar e ver o visual do Rio de Janeiro ele iria para o Cristo ou Pão de Açúcar. Mas, eu levo ele lá de cima, para ele entender a situação da Pacificação, a valorização de imóveis, a desapropriação de

imóveis na favela por parte do governo. Então, eu não costumo falar sobre o Rio de Janeiro porque eu não sou um guia do city-tour, entende? Eu falo mais sobre a favela. Eu não tenho que falar do Rio de Janeiro para muitas pessoas. Muitas das pessoas só conhecem, especialmente os turistas, eles só conhecem Ipanema, Copacabana e a Lapa, porque as companhias do city-tour só falam sobre isso. Os livros de viajantes, os guias de turismo, os guias, na verdade, só falam dos pontos turísticos interessantes do Rio de Janeiro e recomendam o turista não visitar a favela. Então, porque eu vou fazer propaganda do Rio de Janeiro? Faço propaganda do local onde eu cresci: a favela. Não falo muito sobre a cidade.

Quando o guia morador apresenta a favela, percebe-se na sua fala estar focada na defesa do lugar de sua moradia, a comunidade da qual ele faz parte, vista como condição necessária para a sua segurança, deve ser uma questão de bairro, “um assunto comunitário”. Onde o Estado fracassou, poderá a comunidade corporificada num território somente habitado por seus membros, mais ninguém que não faça parte fornecer aquele “estar seguro” que o mundo mais extenso conspira destruir? Conforme explica o que diz BAUMAN (2003).

Percebe-se que há uma legitimação na defesa do território do guia morador, mesmo com a presença dos policiais da Unidade de Polícia Pacificadora com a promessa de trazer segurança a comunidade, a luta dos moradores da Rocinha pela sobrevivência continua, uma vez que o estigma de ser ‘favelado’ ainda persiste, a força na luta pela sobrevivência surge dentro da própria comunidade, com força de vontade é possível estudar, aprender idiomas e trabalhar como guia de turismo da favela como uma alternativa para sobreviver e ganhar dinheiro. Isso foi uma conquista quando o guia morador Rodrigo refere-se ao seu amigo Bruno do Favela Walking tour que fez parte do grupo de teatro “Nós do Morro”, morou em vários países da Europa trabalhando como artista teve a oportunidade de aprender vários idiomas, revela:

Há dois anos atrás, antes da Pacificação, a favela era discriminada demais. Era vista como um local onde só tinha traficante, ladrão e usuário de drogas, é como Nazareth. No passado a cidade de Nazareth era só vista pelos sacerdotes como a cidade de pessoas que eram ladrões, aleijados, pobres, mendigos. Favelas é isso! É a Nazareth do futuro! Entendeu? Era vista assim pelos moradores ricos, lembra quando Jesus se apresentou? Estou entrando neste assunto porque eu gosto, quando Jesus se apresentou, disseram a ele: da onde ele vem? Vem de Nazareth. Pode alguém, alguma coisa boa vir de Nazareth? É assim como falaram. Pode vir alguma coisa boa vir da Rocinha? Rocinha é favela! Quem é essa pessoa? Quem é o Rodrigo? Quem é o Bruno? Quem é a maioria dos guias? Quem são eles? Mas a gente fala línguas, pode se comunicar com os turistas e isso é muito raro, porque nós não temos dinheiro para pagar para receber nenhum curso, como você conheceu o meu amigo Bruno, ele fala hebraico, inglês, francês, holandês, espanhol, de onde vem isso, esse conhecimento? É a vontade que a favela tem! Nós não recebemos nada de graça, nós lutamos para ter o que a gente conseguiu! E a gente não vai abrir mão disso, entendeu? Se alguém vir para tentar controlar, não tem como controlar, isso é o nosso! Não tem como controlar, isso é nosso, isso é o nosso bairro! E, agora com a Pacificação...

Pergunta: O que o turista espera de você e o que você espera do turista?

Guia de Turismo Morador	Guia de Turismo Não Morador
<p>1. “O turista vem para conhecer a cidade em si, os pontos turísticos e conhecer a Comunidade da Rocinha, que hoje, é um dos pontos turísticos da cidade. Então, o que espera de mim, é que eu pratique o slogan do guia de turismo, que eu faça um passeio divertido, alegre e culturalmente enriquecedor. E o turista, por sua vez, a única coisa que ele precisa mesmo se dispor é do interesse de querer entender, conhecer as informações que vão ser passadas e poder ter uma opinião própria do que ele andou, conheceu, viu e vivenciou, de poder sair ao término do seu tour com uma visão que <u>o turismo é uma coisa de rentabilidade para a comunidade e indicar seus amigos, seus familiares que vão querer ter uma nova, grande e boa experiência.</u>” (guia: Leopoldino)</p>	<p>1. Não respondeu. (guia: Nápoles)</p>
<p>2. “O turista não espera nada de mim, na verdade, o turista espera encontrar a favela como ele viu lá fora, né? <u>Porque o Brasil é um país que se promove com capoeira, futebol, samba, mulata, carnaval. E isso você só tem em morro.</u> Então, ele espera ver um Brasil de verdade quando ele vem para o Rio de Janeiro. A gente sabe que hoje, 40% dos turistas vem às favelas, os outros 60% querem vir mas ainda têm receio por causa da mídia que é muito cruel, né? Mas, um dia eles virão, mas no fundo ele vem aqui ver Ipanema, Copacabana. Eles vem para se hospedar, lá! Eles vem para ver esse país. A maneira como a gente promove lá fora, é isso, né? E, também para <u>desmitificar</u> um pouco, <u>ver se é verdade, aquilo que eles assistiram no filme “Cidade de Deus” para ver se tem gente com armas andando, né?</u> (guia: Carlinhos)</p>	<p>2. “Informação, satisfação e <u>superação das expectativas</u>” (guia: Raquel)</p>
<p>3. “Eles esperam que eu mostre para eles o que eles viram em filmes sobre o Brasil, <u>o lado ruim da favela</u>, que sempre tem. Eu sempre espero deles, é essa forma de querer conhecer a favela. <u>Quem tem dinheiro mesmo não sobe a favela, quem sobe são os estrangeiros, estudantes, antropólogos, gente de bom coração que querem conhecer a vida na comunidade.</u>” (guia: Vinícius)</p>	<p>3. “Informação de qualidade e fluência no idioma. Eu espero do turista curiosidade e a necessidade de informação concreta.” (guia: Everaldo)</p>
<p>4. “A gente quer <u>quebrar o preconceito</u>, o papo é esse, o nosso lado é quebrar o preconceito, <u>mostrar pra eles que a favela não é só aquilo que eles viram num filme apenas</u>, assim como a tentar refletir pra eles que o país deles não é só aquilo que a gente vê nos jornais, é um exemplo, entendeu? <u>E o que a gente espera da favela é que se interaja mais com turismo, no sentido de se tem turismo, estuda um pouquinho de inglês, entendeu? E vamos ganhar dinheiro juntos. Têm muitas empresas que querem contratar pessoas, mas encontra gente incapacitada.</u> Não é só você morar na favela, você tem que aprender história, tem que aprender a saber se comportar, a saber o que falar e o que não falar, porque você quer ter uma ...é muito abrangente você falar, olha ali vender droga, não! A gente quer contar a História. Primeiro eu conto a História do Brasil: de 1500 até o fim da Escravatura. A gente começa a falar da República Velha, eu vou contando todo o processo até a Primeira e Segunda Guerra Mundial, a constituição da favela, os nordestinos que vieram morar aqui, como é que funciona todo o processo de constituição de favelas, as gerações brasileiras de negros, índios, o</p>	<p>4. “<u>Apresentar a favela com naturalidade</u>” (guia: Edmundo)</p>

<p>branco para eles entenderem que o país é misto e explico porque a capoeira é uma herança cultural brasileira. No entanto, começou das raízes africanas, então tipo assim, uma aula de geografia e de história dentro da favela. Não é só vir aqui e tirar uma foto de uma construção, que casa tem em qualquer lugar do mundo! <u>Só que as casas que são construídas dentro da favela são de forma diferente, aquela coisa de não ter espaço, não tem espaço físico!</u> Então, constrói-se aqui, constrói-se ali e vai embora, entendeu? (guia: Bruno)</p>	
<p>5. “Eu espero <u>entendimento</u>, né? E que eles adquiriram alguma informação e algum conhecimento sobre favela, consigam entender um pouquinho da realidade porque o nosso trabalho ele é voltado para <u>mostrar um lado diferente do que é relatado normalmente entre pobreza e violência</u>. Existe, mas existem outras coisas, existe uma cultura de vida bem típica que a gente tenta passar para os turistas, né? Eu acho que de mim eles aguardam segurança, principalmente porque no caso, é considerado um território perigoso, embora a gente conhece muito melhor que muita gente e uma referência para poder estar caminhando e uma autenticidade, também. Muitos turistas que pensam os <u>guias são excelentes moradores locais e a maioria, na verdade, não são, muitos guias nem têm um contato com a comunidade real</u>. Vem aqui, é aventureiro mesmo, vê que não é difícil mesmo e começa a vir, não busca trazer nenhuma contrapartida para a comunidade, nem em termos de informação, nem financeiramente, entendeu? Eu moro em São Conrado, mas eu vim da zona norte de uma favela próxima ao Morro do Juramento, eu tenho uma relação muito forte porque é um tour que me especializei há oito anos que eu faço este trabalho. Então, <u>eu sei a importância para a comunidade, meu trabalho é feito de uma forma efetiva, de uma maneira séria e, realmente tem como gerar um benefício para a comunidade</u>. Eu procuro reverter o máximo que eu posso para a comunidade, embora eu seja pequeno eu peço a vários outros operadores. São Conrado, eu mora lá em baixo, eu mora há doze anos, na zona sul, devido o meu trabalho de turismo, outros trabalhos pessoais de desenvolvimento pessoal.</p> <p>(guia: Joel)</p>	<p>5. “A novidade de conhecer a favela e a sua realidade. <u>Eu espero que os turistas gostem do tour e não da realidade, sem o propósito de comprar drogas ou do que a favela oferece para tirar proveito da situação, que tenham respeito e dignidade.</u>”</p> <p>(guia: Patrick)</p>
<p>6. “Geralmente, o que turista espera é <u>vê o que significa a favela, porque eles escutam falar fora do país o que é a favela</u>. Então, eles vem aqui para ver o que é realmente uma favela, então eles querem saber informações quanto são os habitantes que moram, o que é que eles fazem, querem saber sobre a criminalidade, se tem alguma ou não, e o que eu espero deles também, é fazer uma lavagem [cerebral]neles. <u>Levar a eles que aqui não mora só traficante, que 99% é o pessoal que é trabalhador</u> e não o pessoal que utiliza drogas e que vive de drogas.”</p> <p>(guia: Rafael)</p>	<p>6. “Eles tem interesse em conhecer a favela, mas também tem muita gente que <u>vem aqui para tirar fotos, mas ninguém quer vir aqui para ver tragédia</u>. Eles esperam que a gente responda tudo aquilo que eles querem saber.</p> <p>(guia: Daniele)</p>
<p>7. “O turista espera que eu seja honesto com ele, que eu não tente emocioná-lo, ele quer a verdade, ele está ali porque já ouviu falar da comunidade como da vida na favela, mas <u>ele está ali para ter a experiência de ser, por três ou quatro horas, um residente da comunidade da favela</u>. E o que mais eles me pedem é para que eu seja honesto e faça eles <u>se sentirem realmente a vontade e, se sentir como eles nunca se sentiram fora, entendeu?</u> Eu espero que eles [os turistas] sempre se divirtam dentro da favela, que eles saiam com uma perspectiva de vida bem melhor do que quando eles entraram, comigo. Muitos deles, no começo, ficam às vezes com medo ou então, nem medo porque agora a favela está pacificada, mas mais tímidos com o próprio local, com o morador, porque talvez eles pensem que estão deixando a pessoa [o morador] meio sem graça. Eles sempre me perguntam se está tudo bem, por estar dentro da favela. Eu sempre falo: olha o morador, na verdade, está sempre feliz porque vocês estão dentro da favela e isso porque vocês ajudam a validar a qualidade de vida aqui, na favela! Como? <u>O Favela Tour tem crescido muito no Rio de Janeiro porque os turistas que visitam a favela aprendem e saem dali com uma informação boa, com uma</u></p>	<p>7. “Não respondeu”. (guia: Hélio Costa)</p>

<p><u>perspectiva totalmente diferente do que a mídia ou talvez as revistas falam sobre a favela, passam a informação adiante, quanto mais informações são passadas adiante, mais turistas vem visitar a favela, mais a minha comunidade é reconhecida no mundo e mais dinheiro vai entrando e circulando dentro da comunidade!</u> (guia: Rodrigo Carvalho)</p>	
<p>8. “Eu espero o turista vir para apresentar o trabalho. Tem turistas de várias partes do mundo, graças a Deus! Eu ainda sou o único que faço isso, esse tipo de tour, é o único que eu faço, todo mundo me conhece. Eu estou muito feliz por haver muitos guias de turismo local. <u>A Rocinha têm cinco, seis ou sete guias de turismo local, isso porque eu já fui Presidente da Associação de Moradores e eu estou aqui desde quando não havia água, nem luz, eu conheço muita gente.</u>” (guia: Amendoim)</p>	<p>8. “Os turistas são muito diferentes, dependendo da cultura deles, de onde eles vem eles esperam uma coisa diferente, <u>tem muita gente que vem par ver armas, por exemplo, tem muita gente que vem para ver mulher, tem muita gente que vem para procurar informação sobre como conseguir droga.</u> E a maioria dos turistas estão realmente interessados em <u>informação sobre a sociedade brasileira, como eles são e uma explicação melhor sobre a resistência da favela.</u>” (guia: Simone Bromer)</p>

Pergunta: Qual a imagem da favela que você passa para o turista ? (A que realmente é vista ou visível ou a que realmente é)?

Guia Morador	Guia Não Morador
<p>1. A parte negativa da favela a mídia já mostra; então, o foco é ressaltar o lado positivo. A maioria dos moradores são pessoas de boa índole, e parte positiva da comunidade deve ser enfatizada. Por exemplo, as obras do PAC, que está sendo muito positiva para os moradores. (guia: Leopoldino)</p>	<p>1. Procuo explicar tudo o que conheço: a arquitetura, a criatividade dos moradores e sua motivação para construir sua própria morada. (guia: Nápoles)</p>
<p>2. Eu passo a imagem que realmente a favela é, não a que a televisão fala. A gente tem uma favela muito sensacionalista na mídia, haja vista que tem 18 favelas no Rio de Janeiro que foram pacificadas e a mídia fica o tempo todo falando dessas favelas. Têm 786 favelas na cidade do RJ, é estranho, né? Por que eles só falam dessas 18 favelas, se todas são iguais, não é? Então, a favela pra mim, cada uma é diferente e é não tudo igual . São 786 comunidades completamente distintas, nenhuma delas é a Rocinha, nenhuma delas é o Complexo do Alemão, nenhuma delas é a Maré, nenhuma delas é a Mangueira, cada uma delas é uma favela específica com suas qualidades geográficas, sociais, econômica, política e distintas. (guia: Carlinhos)</p>	<p>2. A favela como ela é. (guia: Raquel)</p>

<p>3. Mostro aquilo que realmente é, mostro o lado família que existe na favela. Mostro, mostro todos os amigos que existem e interagem com os turistas. (guia: Vinícius)</p>	<p>3. Onde mora a classe trabalhadora e pessoas muito ativas na parte cultural da cidade. (guia: Everaldo)</p>
<p>4. A favela é um bairro, como qualquer outro e onde 99,9% das pessoas são trabalhadoras e vem com um sonho de ajudar a família delas. A minha mãe veio para o RJ trabalhar em uma residência para ajudar a minha família no Nordeste. Então, a favela para mim é um bairro como qualquer outro, o que diferencia a Rocinha de São Conrado é o espaço geográfico, entendeu? As pessoas têm sangue vermelho e todo mundo têm, entendeu? O lado social é outra coisa, isso é outra conversa, entendeu o quê eu quero dizer? (guia: Bruno)</p>	<p>4. Não respondeu. (guia: Edmundo)</p>
<p>5. Cara, eu tento passar assim..., como eu te falei. O lado ruim, de certa forma eles já têm uma noção, né, cara? Só que eu amenizo isso porque eles pensam que é muito maior a questão da violência, da criminalidade, entendeu? Então, aqui no tour, a gente tem a possibilidade de demonstrar que mesmo na época do tráfico, embora o traficante já tivesse uma força muito grande, o número de pessoas envolvidas com o tráfico era muito pequeno, entendeu? Então, mas a cultura, o crime, em geral, como estilo de vida era abrangente, as pessoas se deixam se contaminar, assim, se levar por isso, e aí a gente ficava mostrando os problemas reais, né? Que é o quê? O saneamento básico, a educação não é só a escolar, a educação é social, entendeu? A questão da cidadania, as pessoas não poderem deixar de cuidar do seu lixo e isso acaba sendo o grande mal, o grande problema da favela, da infraestrutura, da organização até das próprias pessoas assim, né? (guia: Joel)</p>	<p>5. Uma incógnita! Mostro os dois lados. (guia: Patrick)</p>
<p>6. Eu passo aquela imagem que realmente é; que aqui, a maioria dos moradores são trabalhadores e não bandidos. (guia: Rafael)</p>	<p>6. Eu acho que sim. Não adianta você vir para o Rio, vir a praia de Ipanema, ir ao Cristo. Claro que você deve, imagina! Você tem 1/3 da população morando aqui [na Rocinha] e as pessoas não são melhores e nem piores do que ninguém. Não tem porque você não conhecer a favela. Não tem como você vir para o Rio e não conhecer a favela. (guia: Daniele)</p>
<p>7. “Na verdade, como eu falei no começo, eu sou muito honesto, eu não quero que o turista saia dali, levando uma informação errada, como há muitos guias que não são da comunidade e passam uma informação totalmente feia a respeito da comunidade. Eu tento passar as positivities dentro da comunidade. Entendeu? Eu não levo o turista para ver coisas que não precisa ver, coisas que ele não precisa tomar conhecimento, mas eu falo sobre um mundo que ele não precisa ver para ter uma ideia, mas não quero que ele experimente o negativo ponto dentro da favela para ele não mudar a perspectiva dele, para ele sempre ter na mente dele boas informações sobre a comunidade. Como em qualquer outro lugar do mundo a favela tem problemas. Nós estamos na cidade considerada “a mais perigosa do mundo: o Rio de Janeiro”. Então, imaginar-se dentro de uma favela, se eu não começar, na verdade, a mostrar ao turista, abrir a cortina, a mostrar a ele tudo o que ele gostaria de ver, talvez ele nunca mudaria a perspectiva de vida dele, porque ele precisa só ver e ouvir coisas boas, porque como alguns amigos e pessoas que eu já ouvi no Favela Tour não eram legais, entendeu? <u>Eles</u></p>	<p>7. “Tento passar a melhor imagem possível, as pessoas da favela são pessoas honestas, trabalhadoras. Embora com menos condições de vida, condições de acesso a outras coisas, mas são pessoas comuns iguais a gente e que moram na favela”. (guia: Hélio Costa)</p>

<p><u>procuravam um problema para mostrar ao turista para manter o turista “sob controle”</u>. Eu não mantenho o turista sob controle e com medo, não. Eu mantenho o turista sob controle quando sento numa laje e ele se sente a vontade para conversar comigo, quando ele conhece pessoas e entra dentro da casa comigo, quando ele tenta falar com as pessoas, isso é o meu Favela Tours! Eu não levo ele para se debater com o problema. Está me entendendo o que eu quero dizer?”. (guia: Rodrigo Carvalho)</p>	
<p>8. Não respondeu. guia: Amendoim</p>	<p>8. “A imagem real sempre tentando tirar a imagem negativa que a favela tem.” (guia: Simone Bromer)</p>

Fonte: Trabalho de Campo na Favela da Rocinha, 2013

Pergunta: Até que ponto deve-se apresentar os reais problemas das favelas para os turistas?

Guia Morador	Guia Não Morador
<p>1. “Até o ponto de não sobrecarregar o turista. Mostrar uma vivência para que o turista sinta o que é realmente morar na favela.” (guia: Leopoldino)</p>	<p>1. “Não há limites porque não há motivos para esconder nada”. (guia: Nápoles)</p>
<p>2. “Em todos os pontos, não é? Uma favela não é um tour, é uma experiência social. Nós estamos entrando numa favela, por exemplo, que é cercada por bairros extremamente caros, estamos na maior favela da América do Sul. Claro, que o turista vai perguntar por que esse “gap” (buraco) social ? A gente tem que ser verídico, né? Eu nunca trouxe na favela pra ver o morro, ver as criançinhas, né? Ou só por curiosidade, eu sempre me preocupei em aprender mais sobre a favela pra vender o peixe que realmente deve ser feito e entendido. Eu nunca reproduzo a favela como a televisão quer, como alguns certos guias vêem crianças saltando pipa que é sinal do tráfico . Isso é um mito! (?) (guia: Carlinhos)</p>	<p>2. “Não se deve maquiar a realidade”. (guia: Raquel)</p>
<p>3. Não respondeu. (guia: Vinícius)</p>	<p>3. “Deve-se apresentar da forma como eles são, sem criar um clima voyerístico.” (guia: Everaldo)</p>
<p>4. “100%, porque se a gente for só falar de política, a gente vai contar a verdade, entendeu? O que é que é feito, o quê não é feito, o que é feito de “make-up” para mostrar para o mundo que melhorou muita coisa. Têm muita coisa que não melhorou, não é só você tirar o ladrão que está segurando uma arma aqui. É você trazer a infraestrutura, a educação, a saúde, a segurança, limpar o “valão”, colocar sistema de esgoto, entendeu? Educar as pessoas. “Neguinho” vota aqui porque é obrigado, as pessoas votam não é porque quer mudar não, entendeu? O brasileiro vota nas eleições porque ele é obrigado a votar, não são os turistas não, os turistas vem pra se divertir, a conscientização de mudar um espaço geográfico vem da pessoa local, entendeu?” (guia: Bruno)</p>	<p>4. “Até o ponto que eles me perguntam. O que eles me perguntam, eu respondo. Eu gosto de ser o mais franco possível que é isso que enriquece o tour.” (guia: Edmundo)</p>

<p>5. “Cara eu tento passar assim, como eu te falei, o lado ruim, de certa forma eles já tem uma noção, né cara? Só que eu amenizo isso, porque eles pensam que é muito maior a questão da violência, da criminalidade, entendeu? Então, aqui no tour, a gente tem a possibilidade de demonstrar que mesmo na época do tráfico. Embora o traficante já tivesse uma força muito grande, o número de pessoas envolvidas com o tráfico era muito pequeno, entendeu? Então, mas a cultura, o crime, em geral, como estilo de vida era abrangente, as pessoas se deixam contaminar assim, se deixam levar por isso e aí ficavam mostrando os problemas reais, né? Que é o quê? O saneamento básico, a educação, não só a escolar, a educação social, entendeu? A questão da cidadania, as pessoas não poderem deixar de cuidar do seu lixo e isso acaba sendo o grande mal, o grande problema da favela, da infraestrutura, da organização até as próprias pessoas assim, né? (guia: Joel)</p>	<p>5. “É preciso e é importante porque a realidade é visível. Fazer entender, ajudar as pessoas a tomarem decisões sobre a realidade”. (guia: Patrick)</p>
<p>6. “Eu acho que tem que ser claro e objetivo e mostrar realmente o que é uma favela para eles [os turistas] e não mentir. Eu não minto, eu realmente mostro o que é uma favela para eles conhecerem também. Isso não quer dizer que no país deles não tenha favela, que têm, mas muitos omitem a favela, mas têm” (guia: Rafael)</p>	<p>6. Não respondeu. (guia: Daniele)</p>

4.2 Caracterização dos roteiros do turismo em favela

Considerando que o turismo na favela da Rocinha é executado de forma muito particular, se bem que vai depender da percepção tanto do guia de turismo morador quanto do guia de turismo não morador têm da favela e como irá apresentá-la no contexto da cidade Rio de Janeiro, não se pode deixar de conhecer analiticamente de que forma e como ele é desenvolvido e quais os principais aspectos que diferenciam um do outro.

Com relação ao que o turista espera do guia de turismo e ao que o guia de turismo espera do turista, podemos observar que a intenção do guia de turismo morador Rodrigo³, como a maioria dos outros guias de turismo moradores é de fazer com que os turistas tenham a experiência de sentir como se fossem residentes da comunidade, durante o tour pela favela. A presença de turistas na favela ajuda a validar a qualidade de vida da comunidade, conforme ele afirma:

O turista espera que eu seja honesto com ele, que eu não tente emocioná-lo, ele quer a verdade, ele está ali porque já ouviu falar da comunidade como da vida na favela, mas ele está ali para ter a experiência de ser, por três ou quatro horas, um residente da comunidade da favela. E o que mais eles me pedem é para que eu seja honesto e faça eles se sentirem realmente a vontade e, se sentir como eles nunca se sentiram

³ O guia Rodrigo Carvalho proprietário da agência Carioca Freeculture, autorizou a sua identificação na pesquisa.

fora, entendeu? Eu espero que eles [os turistas] sempre se divirtam dentro da favela, que eles saiam com uma perspectiva de vida bem melhor do que quando eles entraram, comigo. Muitos deles, no começo, ficam às vezes com medo ou então, nem medo porque agora a favela está pacificada, mas mais tímidos com o próprio local, com o morador, porque talvez eles pensem que estão deixando a pessoa [o morador] meio sem graça. Eles sempre me perguntam se está tudo bem, por estar dentro da favela. Eu sempre falo: olha o morador, na verdade, está sempre feliz porque vocês estão dentro da favela e isso porque vocês ajudam a validar a qualidade de vida aqui, na favela! Como? O Favela Tour tem crescido muito no Rio de Janeiro porque os turistas que visitam a favela aprendem e saem dali com uma informação boa, com uma perspectiva totalmente diferente do que a mídia ou talvez as revistas falam sobre a favela, passam a informação adiante, quanto mais informações são passadas adiante, mais turistas vem visitar a favela, mais a minha comunidade é reconhecida no mundo e mais dinheiro vai entrando e circulando dentro da comunidade! (Rodrigo, Guia Morador)

Embora o propósito do guia de turismo morador Rodrigo é fazer com que os turistas se sintam a vontade e seguros na favela e deseje mostrar a verdadeira favela, através de seu cotidiano e consegue com muito esforço, destacar com clareza “as positivities” dentro da comunidade, como ele próprio afirma. No entanto, a sua visão parece bem pragmática, uma vez que quanto mais turistas forem visitar a favela, mais ela será reconhecida no mundo e mais dinheiro ele conseguirá captar através do turismo com o seu trabalho.

Mostrar toda a complexidade da Rocinha não é tarefa nada simples, pois a luta pela sobrevivência domina todo o espaço construído da favela, onde cada pedaço é disputado e aproveitado por seus moradores. Pela manhã, diariamente, nos deparamos com o movimento frenético de pessoas entrando e saindo da favela, vemos a circulação intensa de centenas de moto-táxis, vans e kombis, onde os moradores se espremem para ir para o trabalho ou sair da comunidade para resolver algum problema. Observarmos na entrada da Rua Um, a presença de alguns moradores esperando a chegada da entrega de material de construção para reformar ou ampliar suas casas, pois é muito comum encontrar um morador fazendo algum tipo de reforma ou construção de sua casa no interior da favela, o carro do lixo recolhendo o lixo nos pontos de coleta, além de notar a presença de guardas de trânsito da CET-RIO, estrategicamente posicionados em vários pontos ao longo das ruas, onde é intenso o fluxo de veículos.

Durante o tour na Favela da Rocinha, em companhia do guia morador Rodrigo e mais três turistas estrangeiros, ele fala da origem da favela no Rio de Janeiro, com a chegada dos soldados, antigos combatentes recém-chegados da Guerra de Canudos, que chegaram à cidade para cobrar seus soldos atrasados. O Governo Brasileiro não lhes pagou seus salários, conseqüentemente não havia dinheiro para pagar por sua moradia, então eles resolveram se instalar no Morro da Providência. A partir daí começou a ser chamado de “Morro da Favella”,

considerado a primeira favela do Rio de Janeiro. Rodrigo nos mostra também, a casa onde nasceu e foi criado com a sua família na Rocinha, uma pequena casa de alvenaria com dois cômodos. Ele explica que têm cinco irmãos: quatro irmãos viviam num quarto e no outro, dormiam seus pais, junto com mais um irmão. Após uma longa caminhada pela favela fomos surpreendidos pelo generoso convite de entrar em sua casa para conhecer sua família.

Ficamos na pequena sala de estar, bebemos um pouco de água e ainda houve tempo para um amigável bate-papo e um dos turistas conectar-se na Internet. É nesse momento, que nós nos sentimos acolhidos e temos a sensação de estarmos em casa. Observa-se que o guia morador Rodrigo, mostra com muita naturalidade e simpatia o que nos ensina o velho ditado popular: “quem faz o ambiente é você, não importa o local onde você more”, ele consegue nos fazer sentir muito a vontade, como se estivéssemos em nossa própria casa.

Este é um aspecto muito peculiar relacionado ao trabalho do guia de turismo morador da Rocinha, que se distingue do trabalho dos guia não moradores, verificado no trabalho de campo, pois corrobora que sua performance é mais próxima da realidade dos moradores, no qual ele apresenta um forte sentimento de pertencimento e identificação com a favela durante o seu discurso, pelo fato de ser um residente da favela, numa tentativa de derrubar o estigma de que a favela é um lugar perigoso, de que todos os moradores são traficantes ou consomem drogas, não trabalham e não procuram melhorar suas vidas através da educação ou cursar uma faculdade.

Percebe-se no trabalho de campo realizado na Favela da Rocinha que o mito da marginalidade associado a imagem da favela ainda persiste, principalmente quando os guias de turismo moradores e não moradores enfatizam aos turistas que a maioria dos moradores da favela são trabalhadores, no intuito claro de derrubar este preconceito. No livro: O mito da marginalidade: favelas e políticas no Rio de Janeiro (PERLMAN, 1977), a autora conclui ser a marginalidade um mito e a descrição de uma realidade social, como também serve para fundamentar crenças pessoais e interesses da sociedade; suas profundas raízes no espírito dos indivíduos não se deixarão abalar por qualquer análise teórica. Refere-se a um conjunto de problemas específicos que precisam ser abordados a partir de um ponto de vista diferente, a fim de ser corretamente compreendida. Segundo a autora, uma das funções e implicações políticas dos mitos da marginalidade serve para justificar a existência de desigualdades extremas e a incapacidade do sistema proporcionar padrões de vida mínimos para grandes parcelas da população. Ao culpar pela presença dessas condições certas características da

“população favelada”, os mitos preservam a legitimidade e credibilidade das normas de jogo do sistema.

Embora o guia de turismo não morador se esforce em mostrar um lado mais humano dos moradores da favela, o guia de turismo morador mostra a sua realidade vivida na prática, o seu estilo de vida, o relacionamento com os seus vizinhos, a sua vida social, enfim o lado mais humano e solidário dos moradores da Rocinha.

Percebe-se ainda no trabalho do guia de turismo morador, que eles conhecem muito bem os problemas que enfrentam no dia-a-dia, principalmente quando o assunto é morar numa favela, ainda que seja na favela da Rocinha, por ser bem localizada, em uma área nobre da cidade, no coração da zona sul carioca, poderia ser em qualquer outra, bem distante dali, ainda sofrem com o estigma associado a ideia amplamente difundida da favela, no que diz respeito ao espaço e a caracterização social de seus habitantes: a favela é lócus da pobreza e o território urbano dos pobres. Isso atesta o que diz VALLADARES (2005), o termo favelado, originalmente, o morador da favela, ou seja, de um determinado lugar, passou a designar a maneira pejorativa de quem quer que ocupe qualquer lugar social marcado pela pobreza ou pela ilegalidade.

No trabalho de campo na Rocinha, tivemos a oportunidade de entrevistar três guias de turismo não-moradores que trabalhavam para a mesma agência de turismo, chamada “Be a local”: Patrick, Daniele e Edmundo, onde foi possível observar vários pontos em comum entre eles, no que diz respeito ao discurso sobre a favela. A proposta da “Be a local” é fazer com que o turista se sinta um morador da favela, sinta-se um “local”, posto que a logomarca da agência é: “*Don’t be a gringo, be a local*” (não seja um gringo, seja um local”) é um convite ao turista estrangeiro a ter uma vivência na favela.

De acordo com que informou a guia Daniele, que faz esse tipo de trabalho há oito anos, a agência “*Be a local*” construiu uma casa com capacidade para acomodar dezesseis turistas estrangeiros, há cerca de três anos atrás, porque muita gente queria saber mais sobre a favela. Os turistas estrangeiros chegam ao Rio de Janeiro com a finalidade de trabalhar por duas semanas como voluntários numa creche, a União de Mulheres Pro Melhoramento da Roupa Suja, está situada num local chamado Roupa Suja, o qual funciona de segunda a sexta-feira, dentro da Rocinha. A creche também recebe ajuda financeira da agência. “A casa está sempre lotada de turistas estrangeiros”, afirma a guia.

O transporte dos turistas é feito por uma van até a entrada da Rocinha, onde todos os turistas são orientados pelo guia de turismo a saltar e apanhar um moto-táxi até a rua principal no alto do morro, a chamada “Rua Um”. O guia de turismo da *Be a Local* fica na entrada da favela, faz sinal para um moto-táxi, chama um por um de cada membro de seu grupo e pede para o motorista transportá-los até a rua Um. Isto é uma forma de interagir os turistas com os moradores locais e conhecer como é a vida na favela, pelo fato da maioria dos moradores utilizarem o moto-táxi como meio de transporte mais eficiente e facilitar o deslocamento no interior da Rocinha. Verifica-se também, que este procedimento é utilizado pela *Be Local* como estratégia para fazer com que o turista se sinta como se fosse um morador vivenciando o dia-a-dia da vida na favela. Quando todo o grupo de turistas chega a rua Um, o guia inicia o seu trabalho, percorrendo a pé os vários caminhos da favela, até terminarem o passeio no asfalto, na Estrada Lagoa Barra, rua principal do bairro de São Conrado, em frente ao Complexo Esportivo da Rocinha, e de lá retornam a seus hotéis.

Percebe-se claramente, que os guias da “Be a local” procuram apresentar a Favela da Rocinha com a maior naturalidade possível, procurando estar mais próximo possível da vida dos moradores da comunidade onde constatamos que toda a equipe de guias de turismo que fizeram parte da pesquisa fazem o mesmo percurso a pé, pela rua Um. Os guias da *Be a Local* enfatizam que os moradores trabalham duramente para se manter, conforme informou a guia não moardora Daniele:

A favela é uma consequência do desenvolvimento, geralmente, ela aparece nas metrópoles por causa das migrações. Este tour é muito mais informativo e instrutivo do que propriamente turístico, porque as pessoas querem conhecer e ver o outro lado da cidade, a realidade, não é só para tirar fotos, uma vez que 30% do espaço da cidade é composto por favelas.

No que diz respeito a expectativa do turista em relação ao trabalho do guia e a expectativa do guia em relação ao turista, a guia Daniele explica que, embora muitos turistas desejem tirar fotos, uma vez que a vista da Rocinha proporciona um belíssimo visual das praias e da Lagoa Rodrigo de Freitas, a curiosidade em conhecer a favela é muito grande:

Eles [os turistas] têm interesse em conhecer a favela, mas também tem muita gente que vem aqui para tirar fotos, mas ninguém quer vir aqui para ver tragédia. Eles esperam que a gente responda tudo aquilo que eles querem saber.

A guia Daniele parece mostrar-se estar ao lado dos moradores quando apresenta ou vê a cidade, a partir da favela, demonstrando um esforço visível na defesa e proteção da favela

diante de qualquer atitude suspeita dos turistas, pelos becos e casas por onde e passam que vá desrespeitar o modo de viver dos moradores da Rocinha:

“Primeiro eu mostro o lugar que eles estão geograficamente, o caminho que a gente fez para chegar até aqui, aonde que eu os peguei, onde é que eles estão, o que há em volta deles e o que eles vão encontrar. Em segundo, eu dou informações básicas, literalmente apresentar a eles à favela, onde eles estão, quem eles são, o que fazem, quantos são, para eles já terem um perfil de como as pessoas vivem, onde elas moram, como é o dia-a-dia delas. Bem, é essa a galera! [os moradores]. Aí, a gente começa a andar. E, principalmente o que eu espero deles porque eles, o que eles esperam da favela; é meio que “padrão”, todo mundo espera conhecer. Agora, o que eu espero deles, eu não admito nenhuma falta de respeito deles para com os moradores. Se o cara [o morador] falar com você, você responde. Na van eu falo: eles não falam inglês. O que eu digo é muito mais deles do que eles de mim. Eu explico na van que eles [os moradores]tentam falar inglês, tipo “hello” (olá), “what is your name?” ou alguma coisa parecida, e que eles [os turistas] tem que responder. Não quer dizer que você vai tentar beber com uma pessoa que você não conhece, é claro, mas eu não admito que a pessoa tenha qualquer tipo de “resistência”. Uma vez uma mulher, quando a gente passou no lixo, ela ficou com um lençinho nas mãos, não vai ficar! Imagina alguém entrar na sua casa, com um lenço nas mãos por que a casa cheira mal? O cara não está morando ali perto do lixo, porque ele quer, é porque ele não tem outro lugar para morar! Então, eu deixo isso bem claro e não admito isso no meu passeio em hipótese alguma!”

Observa-se uma preocupação da guia com a reação do grupo diante das imagens de algumas casas quando mostra o cotidiano dos moradores da Rocinha, onde a infraestrutura de algumas casas ainda é precária, no meio do caminho o grupo passa por uma vala de lixo correndo a céu aberto, muito próximo de uma dessas casas. Neste momento do tour, estávamos andando numa área em declive, chamada “Roupa Suja”, onde está localizada a creche comunitária, na qual paramos para fazer uma visita, onde alguns turistas estrangeiros prestam serviço voluntário, por duas semanas.

Observa-se que tanto o guia de turismo morador quanto o guia de turismo não morador procuram derrubar o estigma de lugar perigoso, violento e injustiçado que é vinculado à favela, e também um esforço concentrado para destacar os aspectos positivos, tais como: “eles são muito abertos”, “alto astral”, “mistura de cultura”, “gera emprego e oportunidades”, “uma grande comunidade étnica de todas as partes do Brasil e do mundo”, “a ideia é morar perto do trabalho, essa é a grande vantagem”, “uma comunidade para pessoas de baixa renda, onde se paga pouco para viver e um alicerce onde se pode viver na zona sul do Rio”, “é um universo específico, não só essa aqui, mas é um estilo de vida”. Por outro lado, há uma diferença na apresentação do discurso do guia morador, onde percebe-se que a favela é uma alternativa para sua sobrevivência, percebe-se uma tentativa mostrar um lado humano da

favela, um lugar onde moram pessoas comuns, trabalhadoras e que necessitam morar com dignidade, mesmo que tenham que construir com as próprias mãos, nos fim de semana, o sonho da casa própria, mesmo que o terreno onde vive a comunidade foi invadido ou ainda estejam em processo de regularização fundiária.

Observa-se também, que a grande maioria do público frequentador do tour de favela são de turistas estrangeiros interessados em conhecer o espaço da favela e que a grande parte dos turistas brasileiros ainda desconhece a favela, por medo, pelo fato da mídia enfocar mais a violência quando há algum conflito armado entre os narcotraficantes e a polícia ou pela visão preconceituosa da favela encarada como um problema a ser enfrentado e combatido como uma doença pela sociedade brasileira. Entretanto, se a favela ainda é desconhecida pela maioria da população, parece ser também pouco visitada pelos turistas brasileiros, conforme explica o guia morador Carlinhos sobre a sua percepção de como a favela é vista a partir da cidade:

A cidade não conhece a favela. Eu lhe dou com isso há vinte e seis anos, se vieram setenta brasileiros aqui comigo foi muito! Eu ainda acho que as pessoas da cidade veem a favela com muita intolerância ou como um bolo pronto da mídia. As pessoas não vão porque você liga a televisão às onze horas da manhã e já está se falando em violência nas favelas, não é?

O guia morador Carlinhos fez uma interessante revelação ao considerar o tour de favela ser o mais importante, na sua opinião, sem deixar de considerar a bela vista proporcionada pelo Corcovado e Pão de Açúcar quando justificou o retorno de grupos ou turistas na Rocinha:

Várias vezes acontece, quando não retornam mandam os amigos, porque eles realmente gostaram do tour e aprenderam bastante. Eu considero o melhor tour que tem na cidade do Rio de Janeiro, com todo o respeito ao *landscape* (paisagem), né? Ao Rio que tem uma vista muito bonita do Corcovado ao Pão de Açúcar. Claro, mas isso é um fato físico, mas de uma maneira o tour de favela para mim, é o tour mais importante porque eu estou lhe dando não com a imagem, mas eu estou lhe dando com uma realidade social. Eu estou lhe dando com pessoas, eu estou resumindo o Brasil inteiro dentro de uma comunidade.

Quando em serviço, o guia morador Carlinhos procura enfatizar os contrastes que existem entre a cidade e a favela, mostra que a favela é parte da cidade, que ela está de certa forma integrada a cidade, conforme explica:

O turista acaba entendendo, literalmente, essa loucura que é o Brasil, né? Eu acho que ele, depois de um tour como esse, o turista tem até uma maneira mais “light” de estar na cidade do

Rio de Janeiro, entendendo muito bem esses dois mundos, completamente diferentes, convivendo, apesar de estar socialmente muito distante, convivendo junto. É bom que o turista venha para a favela para resumir a cidade numa coisa só. Seria muito difícil a gente ficar só em Ipanema pagando seiscentos ou setecentos reais de hospedagem, num hotel e vendo a Favela do Vidigal de longe, mas nunca tendo ido, lá! A visão que ele tem da cidade, a tradução que ele vai ter da cidade é muito pobre, né? É o glamour de lá, que ele já tem da Europa, mas ele vai olhar lá, para aquela “favelinha” lá, que ele não foi ainda, como uma terra de ninguém uma “Honk-Tonk”(tipo de bar ou discoteca dos Estados Unidos), vamos dizer assim, um lugar onde realmente se mata, se têm droga. A droga no Rio de Janeiro é epidêmica. Ela está até mais em Ipanema do que aqui!

Durante o trabalho de campo na Rocinha, é analisado o como é direcionado aos turistas o discurso dos guias de turismo ao apresentar a ambiguidade que possui um aspecto orgânico, construções assimétricas, vários pavimentos, onde predomina uma vista deslumbrante e amenidades, das lajes com pátio internos, com vista para o mar e as montanhas de São Conrado. Lembrando que a Rocinha está localizada dentro do Parque Nacional da Floresta da Tijuca, com um clima quente-úmido devida a proximidade do Oceano Atlântico, um belo espetáculo visual, quando estamos no que amos de “Momento Laje”. A ênfase dada de maneira bem explicada, em mostrar a diferenciação econômica frente ao contraste entre a riqueza de prédios luxuosos com vista para o mar, os condomínios da alta classe média contrastando com a pobreza da maioria das casas na favela, no entanto; encontramos várias casas espaçosas ou pequenas de vários extratos sociais econômicos no espaço da favela, desde a mais precária, isto é, localizadas no sopé do morro, com risco de serem carregadas por uma chuva mais forte que possa cair um tempo muito prolongado, pondo em risco a vidas dos moradores nesta área até casas de classe média baixa e média.

O guia morador Carlinhos revela que a cidade é partida, o asfalto e a favela, porém existem favelas enormes horizontalmente em diversas áreas da cidade, apesar de também situarem no topo dos morros, onde podemos notar na sua fala ao explicar o resultado da diferenciação social e econômica, principalmente a social, para caracterizar esses aspectos identificados na paisagem da cidade. Ele descreve:

Eu evidencio o contraste, esse é o primeiro ponto, mas ao mesmo tempo também, eu tento mostrar que a favela é parte da cidade! Eu não diferencio nada, que não seja geograficamente, tudo bem, né? Que não seja infraestruturalmente. Claro, lá tem mais infraestruturalmente que aqui, entendeu? Mas no fundo, aqui é um bairro da cidade, eu não diferencio a favela da cidade, de maneira nenhuma. Só no sentido social, no sentido social é uma grande violência, no outro sentido pra mim é tudo muito parecido, somos todos muito carioca, né? Tirando a questão infraestrutural, a questão social, né ?

Para o guia morador Amendoim, apesar do governo estar trabalhando na melhoria da infraestrutura da Rocinha, ele precisa melhorar também, com a imagem da favela:

O que se fala da favela não é a realidade da favela é a mídia que coloca, ela fala mais das coisas negativas da favela do que as coisas positivas. Por exemplo, o governo tem tido o maior trabalho com a favela, mas a mídia não trabalha com isso, as melhorias, ela não trabalha com isso! Se a mídia do governo não faz isso, a mídia normal ela não trabalha. Ela pode até falar, mas não enfatiza, porque é luta de classe, luta de classe é isso! Ninguém vem aqui para falar bem, eles não querem isso. Eles querem ver o que vende, se tiver coisa ruim, eles vão falar mais porque vende, entendeu como acontece? Por exemplo, um representante da comunidade, um cara leal, lutador, ele pode chegar, que tudo é política, ele tem que chegar na Câmara dos Vereadores ou Deputados ou o Congresso, que raramente acontece isso um cara da favela. Quando ele entra, antes dele entrar já identificam ele como traficante, que ele tem parente com os traficantes, que faz parte. Na realidade não tem! Até você entender que isso é luta de classe fica difícil e para saber que isso é luta de classe você tem que ir para a faculdade, passar pelo Socialismo para aprender isso! Entendeu? Hoje, desculpa eu falar isso, mas traficante tem muito mais valor do que o trabalhador! Você não vê o trabalhador na mídia!

A maioria dos moradores da Rocinha trabalham na zona sul, no comércio, nos bares e restaurantes, nos hotéis e nas casas ou apartamentos da classe média alta, moradora no entorno da favela, exercendo diversas funções tais como empregadas doméstica, motoristas, seguranças, porteiros, cozinheiros, garçons, pintores, pedreiros, faxineiros, e outras. Sendo assim, a favela da Rocinha está muito bem localizada na zona sul carioca e isso é uma vantagem estratégica para os seus moradores, pelo o fato de não perderem muito tempo para se deslocarem de casa para o trabalho e vice-versa. A Rocinha está situada entre os bairros da Gávea e de São Conrado, onde os moradores são mão de obra pronta para atender além dos bairros da zona sul como Leblon, Ipanema, Lagoa, Humaitá, Copacabana, Leme, Botafogo e Urca, também está localizada próximo a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes área de expansão periférica do Município e na Baixada de Jacarepaguá (AP 4), onde floresce dinâmico mercado de trabalho.

A fala do guia “R” do Carioca freeculture mostra o sonho e a ilusão do migrante, de morar na cidade e conseguir um bom emprego, onde a favela representa além de uma alternativa, uma solução encontrada para morar e sobreviver na cidade. Contudo a proximidade da Rocinha aos bairros da alta classe média, serve como uma oportunidade para encontrar algum tipo de trabalho na casa dos ricos. Ele me resume ao descrever sua visão sobre a favela:

“A favela pra mim é uma alternativa para sobreviver. Quando você olha ao redor, você pode ver da minha janela, você está vendo um bairro rico daqui de cima, lá embaixo, sabemos que nós não temos condições, e essa é a alternativa para morar no Rio de Janeiro. Muito das pessoas são iludidas ao vir aqui buscar trabalho e acabam tendo que morar na favela. A favela é isso. A favela é uma alternativa para você viver esses sonhos na cidade.

No Brasil, discute-se se a favela é uma construção original em si ou se é uma filha direta dos cortiços, desde a sua origem no final do século XIX, quando a pobreza urbana tornou-se uma preocupação para as elites européias, foram os profissionais ligados à imprensa, literatura, engenharia, medicina, direito, e filantropia que passaram a descrever e propor medidas de combate à pobreza e a miséria. Isso atesta o dizem alguns autores como (VALLADARES, 2005 & KEHL, 2010), na medida em que a ciência se pôs a serviço da racionalidade, da ordem urbana e da saúde da população e de suas cidades.

No Rio de Janeiro, assim como na Europa, o cortiço foi alvo de interesse de estudo detalhado da cena urbana, considerado o *locus* da pobreza, era local de moradia tanto para trabalhadores quanto para vagabundos e malandros, definido como “um verdadeiro inferno social”, o cortiço carioca era visto como antro da vagabundagem do crime, além de lugar propício às epidemias, constituindo ameaça a ordem social e moral. Identificado como espaço propagador da doença e do vício, alvo de denúncias condenado pelo discurso médico higienista, levando à adoção de medidas administrativas, começando por posturas municipais, onde uma verdadeira guerra foi desencadeada com a demolição do mais importante deles, o “Cabeça de Porco”, que posteriormente; o prefeito do Rio Pereira Passos entre 1902 e 1906, conhecido como “Hausmann tropical”, foi o principal autor de uma grande reforma urbana, cujo o objetivo era sanear e civilizar a cidade erradicando o maior número possível de habitações populares.

O item “Habitações populares” do Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. J.J. Seabra, Ministro da Justiça e Negócios Interiores (Rio de Janeiro, 1906), apresentado por Everaldo Backheuser, os cortiços à época eram definidos como construções proibidas pela Prefeitura, constituindo geralmente em “pequenos quartos de madeira ou construção ligeira”, edificadas nos fundos dos prédios ou às vezes “uns sobre os outros”, com dificuldades de acesso, sem cozinha, com banheiro (“aparelho sanitário”) e lavanderia comuns. Da mesma forma, consideram-se cortiços os prédios antigos, que eram subdivididos internamente com tapumes de madeira que tomavam todos os cômodos, “habitados geralmente por indivíduos de classe

pobre”. Atualmente, “cortiço”, também é denominado como “Habitação Coletiva Precária de Aluguel”(Censo de Cortiços, SEMPLA, 1992 apud KELH, 2010).

Estudos sobre os cortiços do Rio de Janeiro demonstram que esse tipo de hábitat podem ser considerados “formas embrionárias das favelas”, mas que não se configuram ainda como tais, por lhes faltar “a conotação de adensamento, ilegalidade, insalubridade, desordem, autoconstrução e falta de serviços e infraestrutura urbana”, segundo atesta pesquisa realizada por Vaz (1994, apud KELH, 2010).

Durante a minha entrevista com o guia morador Rodrigo do Carioca Freeculture, ao descrever a imagem da favela que passa para o turista, ele fez uma denúncia, na qual relata que existe alguns guias de turismo que mantêm os turistas “sob controle e com medo”, durante a visitação na Rocinha, como forma de pressioná-los a fazer uma doação em dinheiro e alguns chegam até a extorquir sob o pretexto de estar contribuindo para melhoria da favela. Há algumas agências de viagens que informam em seus websites que o dinheiro doado será utilizado em benefício de uma ONG. Entretanto, o dinheiro doado acaba sendo desviado e vai parar nas mãos dos agentes de viagens:

“Na verdade, como eu falei no começo, eu sou muito honesto, eu não quero que o turista saia dali, levando uma informação errada, como há muitos guias que não são da comunidade e passam uma informação totalmente feia a respeito da comunidade. Eu tento passar as positivities dentro da comunidade. Entendeu? Eu não levo o turista para ver coisas que não precisa ver, coisas que ele não precisa tomar conhecimento, mas eu falo sobre um mundo que ele não precisa ver para ter uma ideia, mas não quero que ele experimente o negativo ponto dentro da favela para ele não mudar a perspectiva dele, para ele sempre ter na mente dele boas informações sobre a comunidade. Como em qualquer outro lugar do mundo a favela tem problemas. Nós estamos na cidade considerada “a mais perigosa do mundo: o Rio de Janeiro”. Então, imaginar-se dentro de uma favela, se eu não começar, na verdade, a mostrar ao turista, abrir a cortina, a mostrar a ele tudo o que ele gostaria de ver, talvez ele nunca mudaria a perspectiva de vida dele, porque ele precisa só ver e ouvir coisas boas, porque como alguns amigos e pessoas que eu já ouvi no Favela Tour não eram legais, entendeu? Eles procuravam um problema para mostrar ao turista para manter o turista “sob controle”. Eu não mantenho o turista sob controle e com medo, não. Eu mantenho o turista sob controle quando sento numa laje e ele se sente a vontade para conversar comigo, quando ele conhece pessoas e entra dentro da casa comigo, quando ele tenta falar com as pessoas. Isso é o meu Favela Tours! Eu não levo ele para se debater com o problema. Está me entendendo o que eu quero dizer?”.

Isso confirma o que diz a autora (FREIRE-MEDEIROS, 2009), na medida em que a percepção da expressão da mobilização de vários sentidos e sentimentos se mostra evidente, através do contato com a favela proporciona, o medo é um deles; portanto a experiência que

os turistas têm ultrapassa a dimensão visual. Os passeios pela Rocinha mobilizam a tensão entre segurança e risco que, em termos gerais não é estranho no Rio de Janeiro, mas a qual possuiu uma maior sensação e dimensão, no caso do turismo em favela.

Ao ser questionado sobre qual o perfil dos turistas ou grupos que frequentam a favela, o guia morador Rodrigo revela :

“Há pessoas muito loucas que assistem o filme “Tropa de Elite” e “Cidade de Deus”, leem muito sobre o tráfico na favela. Algumas dessas pessoas são fissuradas na favela, chegam e se sentem como se estivessem dentro de um filme! Que nada pode ser perigoso. Eles acham que estão dentro de um filme e eu sou o diretor. Eu digo: Vamos descer este beco. Eu sempre tenho que falar para as pessoas: isso aqui não é um filme, isso aqui é vida real! Entendeu?”.

Todos os guias de turismo que trabalham da Rocinha moradores e não moradores são responsáveis pela segurança dos turistas e explicam qual o caminho deverá ser percorrido, antes da visita. No entanto, há alguns guias que mantêm o controle dos turistas, pelo fato de não conhecerem o território da favela, ao perceberem que eles se sentem acuados e amedrontados, aproveitam para manter a sua mobilidade “sob controle”, no interior da favela e tentam tirar algum proveito disso, pedindo doações em dinheiro ou até extorquindo, conforme denuncia o guia morador Rodrigo:

“Na verdade é como muitos guias fazem, é uma certa forma de controlar e talvez até extorquir, porque muitas vezes, o guia diz que dinheiro está distribuindo para as ONGs e mostra para você no meio do caminho, famílias que precisam de roupas, precisam de ajuda, te emocionar e o turista no final do tour, oferecer dinheiro para dar a uma determinada família que ele encontrou no meio do caminho e pediu ajuda. Muitas das vezes, esse dinheiro não chega a ninguém, muitas companhias [agente de viagens] postam no website dizendo que esse dinheiro está indo para ONGs, está indo ajudar os projetos sociais na favela. Se você visitar uma página do meu website na Internet, há uma página que diz que esse dinheiro está indo para o meu bolso, para o guia local. Não tem mentira! Todo mundo me pergunta: você está ajudando alguma ONG na favela? Eu respondo: eu não ajudo ninguém, eu ajudo a eu mesmo a sobreviver, eu sou um sobrevivente de uma comunidade! Eu não posso mentir para você dizer que eu estou dando dinheiro para uma ONG, para você me dar dinheiro, para o dinheiro ficar comigo! Então, eu digo a verdade, está no meu website para onde esse dinheiro vai: esse dinheiro vai par o seu guia porque o seu guia nasceu na favela, morou 27 anos dentro da favela [Rocinha] e agora, está morando dentro de outra favela [Vidigal] e está sobrevivendo! Eu não preciso colocar no meu website, que esse dinheiro está indo para as crianças abandonadas, te emocionar, para extorquir dinheiro, mas na verdade esse dinheiro nunca está chegando nas mãos de ninguém! desabafou o guia “R”.

Quando o guia morador Rodrigo revelou que tenta passar as “positividades” dentro da comunidade, através de seu discurso, é possível observar sua preocupação em derrubar o esteriótipo de lugar perigoso e violento, associado a imagem da favela, pela mídia brasileira,

visto como sinônimo de espaço fora da lei, onde bandidos e policiais estão constantemente em luta. Rodrigo mostra também, a luta pela manutenção de sua sobrevivência, a partir de seu trabalho como guia de turismo morador da Rocinha, o fato de ter sempre em mente boas informações sobre a comunidade e quando ele fala de não querer que o turista experimente o ponto negativo dentro da favela para não mudar a sua perspectiva. Na verdade, seu discurso é uma tentativa de corroborar para desfazer a imagem negativa da favela que tomou conta da opinião pública, reforçada pela mídia.

Isso confirma o que observa (VALLADARES, 2005), na medida em que essa representação da favela como território da violência, como lugar de todas as ilegalidades, como bolsão de pobreza e de exclusão social pareceu-lhe uma generalidade prematura, contrária as suas observações de longa data e a certos dados de recenseamento de 1991. Não que as favelas não tenham moradores pobres e que não exista violência. Contudo, verifica-se que grande parte da população pobre do Rio de Janeiro também se concentra nos subúrbios, em loteamentos periféricos e clandestinos, além de moradores de ruas que se encontram abaixo da linha da pobreza, como também existe violência em muitos outros bairros e que existe tráfico de drogas fora das favelas.

Qual a impressão que os turistas têm ao final do Favela Tour? Perguntei ao guia “R”, o qual respondeu-me: “Na verdade, eles têm uma nova perspectiva porque é isso que eu dou para o cara [o turista]. Eu dou para o cara [o turista] as informações que ele está querendo ouvir sem “emocionalismo”, a verdade “nua e crua”. Se você perceber o nome do meu website é “Carioca Cultura Livre”(Carioca Freeculture, em inglês). Eu não tenho um ponto para falar quando eu vejo uma coisa errada na favela como eu estou falando para você, agora: vocês não precisam ficar emocionados e querer me enviar dinheiro para as minhas mãos para dar para uma família, se você quiser fazer isso, você vai comigo na casa das pessoas. Eu peguei uma mulher [uma turista] em Ipanema, nós viemos arrastando uma mala de roupas. Ela me perguntou: você pode levar? Eu disse: você vem comigo para você ver para onde está indo a roupa que você está dando! Vai no meu website: eu ganhei cem cestas básicas ! Eu dei todas as cestas básicas dentro da favela! Na verdade o dinheiro que você me paga para fazer o trabalho que estou te oferecendo vai para mim! Mas o “tip” (gorjeta), a doação que você quer dar, você vem comigo dentro da favela e vai dar! Eu não quero receber aquilo e ficar para mim mesmo, entende?

Todo trabalho merece ser bem remunerado, seja ele qual for, o mais importante é trabalhar e receber logo após o serviço prestado, de preferência que tenha sido bem executado de acordo com que estava planejado na programação oferecida, sendo assim é de práxis reconhecer o trabalho dos guias de turismo pela boa realização do trabalho quando é bem exercido. Então, os clientes; neste caso, são os turistas, dão uma gorjeta, fazem uma doação em dinheiro, com moeda local ou estrangeira como forma de agradecimento e/ou reconhecimento pelo bom serviço, como se diz em inglês: “You do a good job, Thanks!”. Sendo assim, fica a critério do turista dar uma gorjeta ou não, seja para o guia de turismo, seja para a comunidade visitada como doação.

4.3 Aspectos éticos e estéticos do turismo em favela

É possível observar o caráter de cunho social do passeio realizado na favela da Rocinha, uma vez que os guias tanto os guia moradores quanto guias não moradores preocupam-se com a questão da ética a partir da vontade demonstrada pelos turistas em conhecer o espaço físico e tirar fotos das imagens encontradas pelo meio do caminho, principalmente o interior das casas amontoadas, onde podemos encontrar uma porta aberta ou uma janela mostrando a intimidade dos moradores pelo meio do caminho, nos becos e vielas da favela. Percebe-se o incômodo dos moradores, que sentem sua privacidade invadida ao notarem que estão sendo fotografados, fato que causa um certo estranhamento. Um exemplo encontrado é o da guia não moradora Simone, a qual pede gentilmente aos turistas, ter um comportamento coerente, quando está guiando no interior da favela. Ela revela:

Eu sempre peço para o turista pedir permissão antes de tirar fotos. Não é tirar fotos dentro da casas das pessoas para não invadir a privacidade dos moradores.

Carlinhos, guia de turismo morador, antes de iniciar o seu trabalho, já se posiciona diante dos turistas, em frente ao Posto de Saúde Albert Sabin da Rocinha, na Rua Um, dizendo que ele é morador e isso faz uma grande diferença pelo fato de pertencer a comunidade e conhecer o dia a dia da favela. Ele explica, portanto que os turistas não vão conhecer a realidade não daquilo que viram no filme “Cidade de Deus”, nem vão fazer um safári na favela: “O Brasil é um país muito complicado, não é aquela maravilha que a propaganda da TV mostra para o mundo. O maior problema da favela são os problemas sociais, não o problema do tráfico de drogas”. Carlinhos, também informa que a população da Rocinha, hoje; é de aproximadamente, cento e sessenta mil moradores e que o Brasil apresenta uma dos impostos mais altos do mundo. O trabalho informal tem grande influência

na Rocinha, os moradores mais pobres da favela moram em casas, localizadas nas áreas mais altas e; quanto mais alto for, menor é a infraestrutura das casas e mais precárias elas são, porque o acesso é muito difícil. Além disso, o carro do lixo não chega na parte mais alta do morro. Para chamar a atenção dos turistas o guia mostra os contrastes entre ricos e pobres no Brasil, através da imagem pobre da favela com o rico bairro de São Conrado e da Gávea, fala dos problemas mais cíclicos como a corrupção política, a educação, que não é obrigatória⁴. Por um lado, a obrigatoriedade de todo cidadão brasileiro de votar e de servir as Forças Armadas e por outro lado, a questão da desigualdade social, dando como exemplo, a dificuldade do pobre em ingressar na universidade pública e a facilidade dos ricos em ingressar tanto nas universidades públicas quanto nas particulares.

Em 1992, a Rocinha passou a ser oficialmente um bairro, tendo a sua própria região administrativa, e com a atividade do turismo, percebe-se logo, como já falamos anteriormente, que o turismo em (de) favela, está cada vez mais recorrente e menos alternativo, na medida em que aumenta a demanda destinada a conhecer as favelas na cidade do Rio de Janeiro.

Além da Rocinha, hoje em dia, é possível visitar outras favelas, muitas já pacificadas como: a do Vidigal, Santa Marta (Botafogo), Tavares Bastos (Catete), Babilônia/Chapéu Mangueira (Leme), Escondidinho/Prazeres(Santa Teresa) e até o Complexo do Alemão na zona norte, onde foi construído um teleférico para os moradores, com a presença da Presidente Dilma Housseff, em sua inauguração. Descobrimos também, que a agência de turismo Jeep Tour, não está mais operando com frequência os passeios na Rocinha (trocaram-na pelo tour na favela do Morro Santa), segundo informou um dos guias de turismo, pelo motivo de terem se negado a emprestar um automóvel para transportar um grupo de moradores para ir ao enterro de mais um dos mortos vítimas da violência resultante das brigas de traficantes contra os policiais no interior da favela.

Para o guia não morador Patrick, da *Be a local*, todo o cuidado é pouco e necessário para evitar problemas entre os turistas e os moradores da Rocinha, quando se trata de dar

⁴ A Lei 9.394, de 20 de Novembro de 1996 (Diretrizes e Bases da Educação Nacional) no Art. 4, inciso I declara que é dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para aqueles que não tiveram acesso na idade própria, porém, no inciso II, deixa claro a não obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio: progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio.

esmolar, tirar fotos da favela ou chamar os moradores de favelados para não reforçar o preconceito. Ele resume o que é mais relevante para o turista em visita a favela:

Fazer o tour de forma natural, respeitando a sua realidade local. Existem lugares que não é permitido tirar fotos, não dar esmolas e não chamar os moradores de “favelados”.

Ao que tudo indica, apesar de existir uma preocupação ética em relação a privacidade dos moradores por parte dos guias de turismo, recomendam evitar fazer comentários preconceituosos dirigidos aos moradores e tirar fotos comprometedoras, ao longo do passeio pela Rocinha. No entanto, quando se trata de turismo na favela, as contradições intrínsecas à construção, a comercialização e à manutenção de localidades turísticas alternativas, se tornam complexas. Na medida em que a atribuição de status está associada, na maioria dos casos, ao esforço empreendido pelo sujeito para convencer a si e aos demais, que sua visita não é um exercício voyerístico, mas um ato ético e solidário, cujo em último resultado tem por finalidade o desenvolvimento da localidade, isso confirma o que diz FREIRE-MEDEIROS (2009, p.92). Para a autora, o argumento de que a presença do turista beneficia a favela pode e é questionado. Segundo ela, o turista inglês, que assinalou o pseudônimo de Witless-Wanderer (AndarilhoSemNoção, em tradução literal), deu início a seu diário de viagens virtual também questionando a própria promoção da pobreza turística:

Eu não sou fã do turismo de pobreza, na minha opinião, denigre todos os envolvidos. Depois de paternalístico “Oh...então você é pobre”? , há sempre o complemento não dito “Que bom que eu não sou”.

Assim como WitlessWanderer, que visitou a Rocinha no verão de 2005, vários turistas confessam que de início a ideia de um tour pela favela lhes pareceu bizarra, ridícula ou desrespeitosa. Mas são também unânimes em dizer que o passeio, diferente do que imaginavam, proporcionou-lhes uma outra visão da favela e de seus moradores.

Quando se trata de conhecer o que é mais relevante para o turista em síntese sobre o tour em (de) favela. A guia não moradora Daniela, não hesita em revelar:

Como é que eles vivem, como é o dia a dia dos moradores. Antigamente, ele queriam muito saber sobre o tráfico, negócio de filme, por causa do filme “Cidade de Deus”. Hoje em dia, não. Eu acho que a favela já se popularizou de uma maneira, que já rompeu essa barreira do mito: Ah! O que é que é a favela? Então, eu acho que é mais quem são? Como vivem?

A percepção da guia Daniela revela que a favela já tornou-se tão popular, que a barreira do mito da marginalidade já foi rompido. Até quando o estigma dos moradores da favela será superado?

Com exceção da década de 1970, a palavra “marginal” na imprensa, na música popular e no vocabulário comum tem sido utilizado agora mais do que em qualquer outra época, porém investida de novas conotações, vem sendo usada em referência a traficantes de drogas e armas e bandidos. As manchetes de jornais gritam sobre violência entre bandidos ou marginais e a polícia. Cantores de rap e funk falam sobre ser “marginal” como algo tipo bom/mau/difícil- quase como um orgulho negro, um chamado para a revolta. A classe média fala novamente sobre seu medo da proximidade com as favelas e do som dos tiroteios quando policiais e gangues bem armadas se confrontam. Contudo, houve uma transformação positiva no uso do termo marginal. Hoje em dia os moradores de favelas não são considerados marginais, mais sim, as favelas são vistas como um território “controlado” por traficantes que agora são definidos como “marginais”, “a marginalidade” ou “o movimento”, corrobora em seu artigo autora Janice Elaine (PERLMAN, in *Favelas cariocas: ontem e hoje*, 2012) resultado de sua pesquisa intitulada *Marginalidade: do mito à realidade nas favelas cariocas 1969-2009*, onde aborda a tese do mito da marginalidade durante seu trabalho de campo durante dois anos em uma típica favela na zona sul, Catacumba; outra para representar a zona norte, Nova Brasília; e um município na área das cidades dormitórios, Duque de Caxias, onde escolheu três favelas e cinco pequenos bairros legais de mesmo nível sócio-econômico que as favelas.

Segundo a autora, os moradores que tiveram seus espaços ocupados pelos traficantes de droga, agora estão associados ao tráfico, dentro da favela eles fazem a distinção, “nós somos os trabalhadores e eles são o movimento”. Porém, no Rio de Janeiro, favelados são vistos tanto como reféns e vítimas de bandidos quanto como seus cúmplices – e a mídia constantemente reforça isso. Ambos os esteriótipos estão na cobertura diária feita pelo noticiário sobre moradores de favela sendo assassinados por policiais, expulsos de suas casas por traficantes (com cobertura policial), queimando ônibus em protesto contra o assassinato pela polícia de pessoas supostamente ligadas ao tráfico.

Foi observado no trabalho de campo na Rocinha para a realização desta pesquisa, que mesmo com a presença da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora), instalada desde de 14 de novembro de 2011, os traficantes ainda continuam dominando o “frágil” território da favela, impondo regras de uso do espaço, punindo aqueles que quebrarem essas regras. Uma moradora nos informou, que já presenciou a expulsão de famílias inteiras, sendo intimadas a desocupar suas casas dentro de vinte e quatro horas, sob pena de perder tudo que conquistaram e compraram de bens materiais para o conforto dentro de seus lares por revelar,

denunciar ou apontar onde se escondem os bandidos, estrategicamente localizados na imensidão do espaço que segue várias direções na Favela da Rocinha, os popularmente moradores chamados de “X9”.

Quando o carro do BOPE sobe a favela, é sinal que estão à procura de algum traficantes ou bandido marcado para morrer, principalmente; quando trata-se de algum policial morto em serviço, vítima da luta pelo combate ao trabalho dos traficantes de drogas, resultado deste conflito que ao que parece, está longe de terminar.

Durante o trabalho de campo realizado na favela da Rocinha, verificou-se que a articulação da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) com a prática da atividade turística local é uma forma de interagir a população, a polícia e o governo, a evolução da presença da polícia é positiva. Nota-se uma mudança social positiva, uma transformação das relações sociais e do espaço, uma conquista de melhor qualidade de vida para todos os moradores com mais justiça social, conforme confirma (SOUZA, 2011, p. 101), na medida em que a violência diminuiu o risco da população moradora da Rocinha morrer por uma bala perdida durante um tiroteio no interior da favela, na guerra da polícia contra o tráfico de drogas e disputas entre grupos criminosos rivais.

O senso de comunidade é muito forte entre os moradores, os quais formam uma rede de solidariedade muito grande, porém o senso de privacidade é quase nulo, uma vez que dividem o mesmo cheiro, a mesma música, morando lado a lado. A favela também, tornou-se um movimento espontâneo para fugir do aluguel, onde prevalece a Lei do Usucapião⁵. Segundo informação de um dos guias de turismo não morador, Hélio, o ex-Presidente Lula autorizou a propriedade das casas construídas pelos moradores e a permissão para vendê-las. Há cerca de mil e oitocentos moto táxis circulando na Rocinha, atualmente. A taxa cobrada pelos traficantes para os motos táxis era doze reais por dia para rodarem na Rocinha. Agora, após a Pacificação; a taxa foi abolida. O tráfico de drogas rendia cerca de oito milhões por mês, cujo o líder era o famoso traficante “Nêm”, o qual foi preso pela polícia, recentemente.

O guia de turismo morador Rafael, é bem enfático quando há algum imprevisto, durante a visita dos turistas na Rocinha:

⁵ A usucapião se dá pela posse mansa, pacífica e contínua. A exceção dos bens públicos, todos os outros são passíveis de usucapião. Lei 10.257/2001- Usucapião Urbana- Estatuto da Cidade

Sim depende muito, porque há muita gente na favela, há muitos turistas na favela, aí a gente tem que ir a um determinado lugar ou ficar com muita gente nas Havaianas [ponto de venda das sandálias Havaianas]. Então, isso depende muito, se fossem seis pessoas; então, é um tour mais rápido, mais *light*, a gente passa em outros lugares mais amplos, mas se for com quarenta pessoas, não dá para ser muito extenso, se não, demora sete horas para terminar um tour. Já aconteceu de matarem um policial dentro da favela e a gente resolveu não passar pela parte que tinha acontecido, porque era muito tumulto. Então, para preservar os turistas, nós fomos para um outro lugar que era mais tranquilo, mais rápido. Que adianta tem muito morador, todo mundo olhando o corpo e a gente tinha que ficar esperando a vez, sair da frente para a gente poder passar.

Nos tempos da modernidade eram as elites que necessitavam de regras, rígidas, de preferência não ambíguas, e que fossem executáveis, efetivas. Eles precisavam de uma ética – um código de regras para todos e para todas as ocasiões da vida, regras universais, atingindo cada recanto e cada fenda do espaço dominado, direcionando ou detendo, conforme o caso exigisse, cada movimento para todos que habitassem aquele espaço. Nada nem ninguém poderia ser deixado sozinho, por si só, à sorte. Era necessário o dominante assegurar-se disso tudo a fim de perpetuar sua dominação – prender e dominar as forças das trevas que emanavam das massas rebeldes e erráticas, manter em xeque a *mobile vulgus* ou *les classes dangereuses*.

Para conseguir tudo isso, entretanto, era necessário uma espécie de lei que apresentasse a ordem de sua dominação, ordem que representasse o seu domínio, não relacionado com suas próprias peculiaridades, mas nos termos da universalidade dos princípios que tornam os dominantes, dominantes e os dominados, dominados; de maneira que obrigasse ambos a permanecer como tais. Então, eles precisavam de uma ética bem e verdadeiramente fundamentada, universalizável, que acenasse para a autoridade da razão, uma faculdade prodigiosa como nenhuma outra, que se pronuncia sobre o assunto apenas por uma vez e não reconhece direito e apelações ou recursos. Foi o dominado que, ao contrário, não sentiu necessidade de tais regras, uma vez que era difícil sentir-se inclinado a dar conta de sua vida em termos de “deveres” universais e, principalmente, discutíveis. Sempre aconteceu de as regras, enquadrados pelos dominante como postulados da razão, virem à tona do lado dominado como uma força brutal e uma “necessidade cega”. Para os dominados, parecia que eram esbofeteados, mais do que nadavam, que eram empurrados, mais que se movendo livremente; “tendo de”, ao invés de escolher e realizarem o seu desejo.

A questão de se havia do tipo dos “têm de” e dos “sem escolha” e a questão da racionalidade ou irracionalidade desse padrão são, da perspectiva dos dominados, uma

discussão meramente acadêmica; e os dominados, notoriamente, não são afeiçoados nem têm tempo para passatempos acadêmicos. Fossem os dominados teorizar sobre o universo em que vivem, com base em sua própria experiência de vida como ponto de partida e como referência, não terminariam com um elegante código de princípios éticos e prescrições morais, porém com uma emaranhada malha de forças irresistíveis e de uma inevitabilidade do tipo “sem perguntas”.

No entanto, poderia muito bem ser uma ilusão de seus guias espirituais nomeados ou autoneameados, que, na era moderna, que passou a ser também chamada era do capitalismo, se não do capitalismo, dos totalitarismos, “as massas”, escolheram, abraçaram e seguiram “valores”, de maneira que seu comportamento pudesse ser explicado por sua escolha. Essa visão impôs “às massas” mais liberdade de manobra do que elas jamais tiveram e poderiam ter. Os homens e mulheres “normais” dotados de volumes “normais” de recursos e poder poucas vezes enfrentaram situações que pudessem legitimamente fazer uma escolha entre valores. (BAUMAM, 2011, P. 60)

Percebe-se também que existe um sentimento de luta pela sobrevivência por aquelas pessoas, cidadãos brasileiros, cujo o direito a uma moradia com boas condições de infraestrutura foi rejeitado, portanto; foi necessário optar pela escolha de morar num local onde cada sujeito para manter sua sobrevivência tivesse que construir com suas próprias mãos sua própria casa, seu barraco de madeira para morar: a favela. Constituída a partir de um mito de origem, associado a imagem do povoado de Canudos, descrita por Euclides da Cunha em *Os sertões* (1902), pois que foi no Morro da Favella, conhecido anteriormente como Morro da Providência, onde surgiu o nome favela e entrou para história através de sua ligação direta com a guerra de Canudos, lugar no qual os antigos combatentes foram se instalar a fim de pressionar o Ministério da Guerra a pagar seus salários atrasados, conforme o que diz VALLADARES (2005).

A questão deveria ser: Onde vamos morar? Para onde vamos com nossas famílias? Com tudo isso, pouco a pouco, a palavra favela se tornou um substantivo genérico para designar um habitat pobre, passou a denominar qualquer conjunto de barracos aglomerados sobre terrenos públicos ou privados invadidos, sem traçado de ruas nem acesso a serviços públicos essenciais para se estabelecer um desenvolvimento sócio espacial, um ordenamento territorial para aquelas pessoas destituídas do direito a moradia, portanto; sem direito à cidade. Quando houve uma política habitacional para a população de baixa renda no Brasil? Se

houve, por que não deu certo, a exemplo dos parques proletários ou conjuntos habitacionais? Será que alimentar uma política de remoção vai resolver o problema da questão da habitação e o papel do Estado nas políticas urbanas?

Quando refere-se à favela, como vê e o que ela representa, guia de turismo morador Carlinhos demonstra um sentimento de resistência e luta pela sua sobrevivência através de seu trabalho como guia de turismo. Ele revela:

A questão é que desde o século XIX, a opção dos pobres, hoje, ainda é a favela! Quer dizer, eu tenho quarenta e oito anos, não posso decidir morar no Leblon, Ipanema ou Copacabana ou numa favela, eu só tenho isso aqui como opção! Então, logo o que eu vejo na favela, é o meu país!

Sobrevivência é o nome do jogo, e a sobrevivência em questão é, em regra, sobreviver até o próximo pôr do sol. As coisas são tomadas à medida que se apresentam, esquecidas à medida que se vão, quando não há perspectiva para mudar, quando se cria laços, uma identidade com o lugar onde se vive, onde se mora como na favela da Rocinha.

Para as multidões, os princípios éticos não desapareceram. Ao relacionarmos o fenômeno do turismo nas favelas cariocas com a questão da moralidade podemos inferir que as pessoas não ficaram menos morais que antes, elas são “imorais” apenas num tipo de sentido ético/filosófico que, se fosse aplicado à prática de suas vidas reais, nos obrigaria a descrevê-las como “imorais”, mesmo em épocas passadas de grandes esperanças éticas, se as elites brasileiras assim o fizessem.

Pessoas afundadas até as orelhas na luta diária pela sobrevivência nunca foram capazes nem sentiram a necessidade de codificar sua compreensão do bem e do mal sob a forma de um código de ética. Um exemplo disso, estar no olhar do guia morador Carlinhos, quando revela o que é mais relevante para o turista saber em síntese sobre o tour na favela de Rocinha: “A parte social, é explicar a favela, não mostrar a favela. Explicar ao invés de mostrar a favela”. Afinal, os princípios referem-se ao futuro, a como esse futuro deveria ser diferente do presente. Por sua própria natureza, os princípios encaixam-se bem no indivíduo moderno emancipado, “desencaixado”, “desembaraçado”, autoconstrutor, autoaprimorador, que arrancou do peito a preocupação apenas utilitária de se alimentar, abrigar e calçar, e assim poderia dedicar seu tempo a “transcender” tudo isso.

Consequentemente, seja como for que os juízos morais se façam por pessoas sobrecarregadas com a tarefa de sobrevivência, eles tendem a ser negativos, e não positivos:

eles assumem a forma de condenação, e não encorajamento, proscricção em vez de prescrição. Pode-se dizer que a pós-modernidade é uma “era moral” apenas por um sentido da dispersão das nuvens éticas que envolvem firmemente e obscurecem a realidade do self moral e a responsabilidade moral, pois agora é possível, mais do que isso, é inevitável enfrentar as questões morais diretamente, com toda veracidade, à medida que elas emergem de vida de homens e mulheres; à medida que eles se enfrentam rivalidades morais em toda a sua ambivalência, é o que diz o autor Zygmunt Bauman (2011), no livro chamado: “Vidas em fragmentos”.

Ao trabalharmos com a questão da estética urbana no Brasil litorâneo, porque aí entra uma questão urbana que parece que (neste caso, a cidade do Rio de Janeiro) é a porta de entrada do turismo estrangeiro no Brasil litorâneo, percebe-se que aí entra uma questão urbana, que é a questão da recuperação da paisagem, porque o turista vai lá e vê a favela, porém ele também vê o deslumbramento da cidade de lá de cima do morro, a vista da cidade porque ele está no alto e então, ele fica encantado porque conseguiu do alto do morro, ter este deslumbramento da paisagem natural, quando o trata-se de conhecer o outro lado da cidade, para os turistas em visita à favela da Rocinha. Em decorrência disso, dessa visão da paisagem espetáculo, o turista percorre a cidade espetáculo associando a ideia da paisagem urbana, porque além de ter um olhar da favela, o turista tem uma ampla visão da Lagoa Rodrigo de Freitas, das praias, do Pão de Açúcar e do Corcovado, quando está na Rocinha.

4.4 Desigualdade Social e Pobreza Urbana sob as percepções dos guias de turismo moradores e não-moradores que trabalham na Rocinha (Rio/RJ)

Ao analisar a trajetória percorrida das moradias para baixa renda, é factível perceber de que as favelas, em um dado momento, se tornaram uma opção da população sem moradia, não só subir os morros, como as baixadas ou todo tipo de espaços disponíveis para ocupação e moradia, como também foi uma resposta aos desmandos de uma política habitacional séria que fosse da (não) atuação do Estado, fato que permitiu o avanço das moradias informais por toda a cidade do Rio de Janeiro e como deste imenso país chamado Brasil.

Neste contexto, o Estado vai permitir ou mesmo estimular o avanço das moradias informais, pois servirão a interesses reservados de classes privilegiadas, representadas no poder público. A gestão pública urbanística neste sentido, historicamente, foi instrumentalizada para atender uma separação social, onde na favela da Rocinha, no Rio de

Janeiro, percebe-se claramente, uma proximidade espacial física e um distanciamento entre classes pobres e abastadas, permitindo alguma proximidade espacial se isso fosse atender a outras vantagens das classes privilegiadas, como ocorre quando da necessidade da mão de obra barata de trabalhadores provenientes e moradores da favela. Além disso, verificou-se no trabalho de campo, que já existe um processo de gentrificação⁶ começando a surgir na Rocinha, onde imóveis são alugados pelo mesmo proprietário, com cerca de mais seis apartamentos do tipo quitinetes, em prédios com aproximadamente, seis pavimentos. Há um comércio com venda de produtos típicos da região do nordeste do Brasil, chamada Largo do Boiadeiro, onde há quatro bancos (Bradesco, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Itaú), quatro escolas públicas e vários caixas eletrônicos com Banco 24 Horas espalhados pelo local.

Ao acompanhar o percurso do trabalho do guia de turismo morador Joel proprietário da agência *Live Rio*, com o seu grupo de turistas, ao chegarmos em uma determinada área para visitar uma casa no interior da favela, com a finalidade de vivenciarmos o “momento laje”, parada obrigatória para aqueles que desejam desfrutar da bela paisagem natural e humana vista da Rocinha, observamos, o seguinte: que aos olhares do turista, a pobreza, segregação sócioespacial sucumbiu ao deslumbramento da beleza do cenário natural, em lugar da desigualdade social. Onde está o direito? É uma plataforma político-filosófica, pois não discute como ordem jurídico produz segregação socioespacial, não discute como ordem jurídico poder vir a promover a inclusão social, ser o cidadão morador ou não da favela ser envolvido diretamente na gestão: direito de habitação, reconhecer valores de uso para contrabalançar ênfase histórica nos valores de troca típicos do Capitalismo na produção do espaço.

Em relação a como Joel vê ou apresenta a cidade a partir da favela, ele resume:

Então, cara, a cidade, eu não tenho como apresentar de outra forma como ser a questão das belezas naturais e da riqueza concentrada nesse pequeno pedaço da cidade que é a zona sul né, cara? Acho que corresponde a 15% ou 20% no máximo do território a cidade, ou menos, porque a floresta [da Tijuca] são 39 milhões de hectares ou 17 %, então você vê que a zona sul é bem ínfima, mas é o que eles chamam de “A Cidade Maravilhosa”, com esses contrastes aí, com essa conjunção, não é nem um contraste, é conjunção da natureza, floresta, cachoeira, os prédios, a praia, a questão da área urbana tão próxima da praia e a favela, é vendo isso tudo

⁶ Processo pelo qual pessoas de classe média ou afluentes tomavam a iniciativa de restaurar ou melhorar propriedades urbanas deterioradas; as pessoas de baixa renda que viviam na área eram com frequência delas expulsas.

e muitas vezes também, é o que eu falei sem poder estar desfrutando tanto, os moradores em si, acabam ficando reclusos demais na favela, funciona como uma “prisão social”, como eu te falei.

A cidade procura vê a favela como uma resistência, né? um quilombo, superficialmente eles colocam com se fosse isso, mas na verdade, eu vejo mais como uma senzala, cara, porque aqui é local onde as pessoas que pra eles de certa forma são convenientes para trabalhar em empregos, serem serviçais, mão de obra barata, pájem, mas não são desejáveis a estar do lado, a pegar o elevador, entendeu? parar o carro do lado ou até mesmo estar na praia ao lado, então; a sociedade em geral vê a favela de forma muito ruim, né, cara? o favelado, eu sei disso porque eu tenho uma possibilidade de transitar, né? em todos os lados e a gente sente que na prática, isso ainda; aqui no Rio, é mais uma discriminação mesmo social do que a racial. Acaba sendo a racial pela questão histórica, né? porque os negros acabam tendo menos oportunidades e acabam tendo o poder aquisitivo menor, né? Mas essa questão social é muito..., o fato de você ser da favela, ser de uma área pobre, ser nem ser necessariamente de uma favela, ser de uma outra região que não seja a zona sul, aqui cara, aqui é onde a zona sul mesmo, às vezes o cara te conhece, te pergunta aonde você estudou, de quem você é filho, tá entendendo? é uma coisa escrota, assim.

Na entrevista acima, o guia de turismo morador Joel, fez vários comentários sobre sua responsabilidade social à favela no exercício de sua atividade profissional. Sendo assim, o que mais nos chamou a atenção foi sua percepção atribuída à favela funcionar como uma “prisão social”, em decorrência da discriminação social que permanece no país, pelo fato do cidadão ser morador ou não necessariamente morador de uma favela, ser de uma outra região, a qual não seja a zona sul, pelo o fato do sujeito ser “pobre”. Isso, sem levar em conta a questão histórica sofrida pelos negros devido à questão da discriminação racial, atribuindo à favela como sendo um local de resistência da cultura negra, uma senzala, um quilombo, no seio da cidade.

Essas percepções revelam antes de tudo a utilização do Direito, como instrumento do Estado, de alijamento ou dissociativo de acesso de morar de segmentos mais pobres da população brasileira, o direito de acesso à moradia dos desprovidos economicamente, o Estado (in)formaliza suas habitações, o que incluirá ajustá-las na ilegalidade, na qualidade de ilegais, suas habitações só serão visibilizadas para o Estado nas práticas de políticas de exclusão social, como ocorre nas prática de remoção das favelas. Isso corresponde o que diz a autora Claudia Franco Corrêa, no artigo “direito de laje: a invisibilidade do direito fundamental de morar nas favelas cariocas” e PERLMAN, 1977), no livro: Favelas cariocas: ontem e hoje; org. MELLO, Marco Antonio da silva; et al, 2012) onde argumenta que os “mitos” existentes sobre a marginalidade social, cultural, política e econômica eram “empiricamente falsos, analiticamente enganosos e devastadores quanto às suas implicações em políticas publicas direcionadas a favelas”. A autora conclui que os favelados não eram “economicamente ou politicamente marginais, mas explorados e reprimidos; não eram

socialmente ou culturalmente marginais, mas estigmatizados e excluídos de um sistema social fechado”. A pesquisa serviu como crítica aos estereótipos predominantes sobre migrantes e moradores de favelas que fomentaram as políticas de erradicação, desacreditando pressuposições como a de que os favelados eram “elementos marginais” e representavam uma ameaça à estabilidade política.

É como uma cidade partida, sendo a favela um mundo em que a república não chegou e descreve um verdadeiro *apartheid* socioespacial, entre o mundo das favelas e o resto da cidade do Rio de Janeiro, conforme nos mostra, Ventura (1994), no livro chamado: Cidade partida. Investigar as fases de ocupação irregular no Rio de Janeiro, permite-nos traçar uma pesquisa da trajetória dos direitos sociais no país, particularmente no direito a moradia, portanto realizar detalhadamente o (des)caminho da questão da cidadania no Brasil, conforme escreveu e deixou sua preciosa contribuição, ao longo de mais de quarenta anos de pesquisa acadêmica ao fazer uma sociologia da sociologia da favela e na divulgação dos paradigmas da pobreza urbana no Brasil, no livro intitulado: “A invenção da favela. Do mito de origem a favela.com” de Lícia do Prado Valladares (2005).

Para a autora, o fato é que hoje, as favelas não podem ser reduzidas, simplesmente, ao habitat da população pobre do Rio de Janeiro, uma vez que elas se tornaram também um grande mercado, sendo para alguns de seus atores sociais, sinônimo de “negócio”. Entretanto, o solo e as moradias estão entre os primeiros bens que dão lugar ao forte de uma atividade, como a descoberta da favela pelo turismo profissional ter sido um sinal da integração desses espaços à modernidade e a economia de mercado: a rocinha é visitada por cerca de 40 mil turistas/ano⁷. Além disso, os dados do censo também questionam a visão extremamente homogeneizadora das favelas, pois os resultados são evidentes: nem homogeneidade, nem especificidade, nem unidade entre elas e, no caso das grandes, nem mesmo dentro delas. As favelas apresentam sinais evidentes de heterogeneidade em sua realidade física, espacial e social. No que se refere à questão da miséria social e urbana, ela caracteriza uma parte da favela da Rocinha, mas apenas uma parte.

⁷ Cf. o artigo “Poverty Tourism - Theoretical reflections and empirical findings regarding to extraordinary form of tourism” (Turismo de Pobreza: Reflexões teóricas e descobertas empíricas acerca de uma extraordinária forma de turismo, Manfred Rolfes, GeoJournal, 2010)

No entanto, a definição de favela como “aglomerado subnormal” utilizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), hoje, essa identificação apresenta problemas, pois excluiria, por exemplo, uma grande parte do território da Rocinha e também de outras favelas do Rio de Janeiro, salienta a autora.

No que diz respeito as percepções dos guias de turismo moradores e não moradores e a sua contribuição para a comunidade, em derrubar essa imagem “negativa” e o preconceito contra a favela através de seu trabalho, há várias alternativas e sugestões, conforme relataram, alguns deles entrevistados:

Eu me preocupo em mostrar a minha favela para o mundo. A minha missão é meio que embaixador da favela. Falar dos problemas da minha favela, do meu país para o mundo, né? Localmente, eu estou aberto a negociações, mas isso são coisas que não só acontecem em favela, né? As suas autarquias políticas estão muito preocupadas com outras coisas, que não seja o turismo. Aí eu já não entro, porque eu sou muito convidado mas, geralmente, não tem nada que eles fizeram ainda que tem haver turisticamente, que posso participar ainda, então eu continuo fazendo o meu trabalho, individualmente; com o meu turista. A minha função dentro da favela, a minha contribuição é internacionalizar a minha comunidade ou favela no Rio de Janeiro de uma maneira mais real, é isso, é essa a minha missão. Internacionalizar a favela, fazer uma revolução diária com o estrangeiro, aqui dentro país, já que o pobre, ele não está nem muito aí pra resolver os problemas. Agora, se bem que as pessoas ligarem, às vezes de outros países, perguntar com é que está, quando acontece alguma coisa em favela, ligar para saber se foi aqui, né? E, falar que já visitaram favelas em outras partes do mundo, já perderam este receio, mandar notícias boas, uma relação familiar. Fora que devido a mim, quase mais de 60 turistas vieram ficar aqui na rocinha ou mandaram amigos ficar aqui hospedado. Aqui, a você mostra a favela de verdade, né?

(guia morador: Carlinhos)

Para Vinícius, guia morador da Rocinha, que hoje está vivendo na Austrália, de onde concedeu-nos uma entrevista, via Skype pela Internet, em 25/01/2013, no Rocinha Guest House, o qual sua mãe d. Neuza junto com a ajuda de seu irmão Oberdan gerenciam um pequeno albergue da juventude, localizado na Rua Um. Ele justifica:

Eu tenho um crédito de vida com a Rocinha, quando eu falo de vida, eu digo como as pessoas desse lugar, porque a Rocinha não seria a Rocinha se não fosse por eles, tudo o que aprendi foram por essas pessoas e eu sinto que tenho que contribuir com a comunidade de alguma forma. Eu descobri que conhecimento vale mais do que dinheiro, o dinheiro não compra conhecimento, mas o conhecimento faz dinheiro e conhecimento melhora e muda a vida de qualquer pessoa, mudou a minha. Eu devo a Rocinha e tenho ideias simples e projetos que quero dar andamento para os próximos anos, sem custo financeiro, apenas mobilizando meus amigos e parentes, eu chamo de Projeto: “RICOS” (Rio Comunidade Sustentável).

Nascido e criado na favela da Rocinha, formado em design gráfico pela Estácio de Sá, pago com dinheiro de “quentinhas”, tours e outros bicos, dei meia volta ao mundo e a próxima volta será retornar a Rocinha. Aí, eu posso dizer: “dei a volta ao mundo pela favela”. Eu sou uma pessoa de ideias. (ex-guia morador da Rocinha: Vinícius)

Por um outro lado, o guia morador Rodrigo, expõe um interesse de grupos de turistas brasileiros com o objetivo de montar sua própria agencia de turismo, uma vez que o favela tour está crescendo, como também a dificuldade enfrentada pelos moradores da Rocinha do

acesso a escola pública dentro da favela e fora dela, pois consta que já são 170 mil habitantes que residem na Favela da Rocinha. Ele explica:

A minha ajuda é fazer os turistas dentro da favela e agora, eu estou começando a levar brasileiros. Talvez, ele more próximo, em São Conrado ou no Leblon e está vendo que o Favela tour está crescendo, talvez está indo de curiosidade para tentar abrir uma companhia [agência de viagens e turismo] para poder fazer a mesma coisa ou está indo para quebrar o esteriótipo, o medo, aquela coisa que tento fazer que é quebrar o esteriótipo que todo morador está usando cocaína, de que a favela é perigosa e todo morador é um traficante, todo mundo, lá, não faz nada, ninguém procura uma faculdade, mas no meu caminho, eu mostro que ninguém tem condições de procurar uma faculdade. Eu mostro a dificuldade da escola pública dentro da favela e fora da favela. O hospital, na favela; só funcionou depois da presença da UPP [Unidade de Polícia Pacificadora] na favela. (guia morador: Rodrigo)

Podemos observar também que a presença de turistas na Favela da Rocinha está dinamizando a economia local e reforçando a cultura local, pois estão à venda objetos de artesanato, quadros retratando o cotidiano da favela e a vida de seus moradores, o que beneficia alguns moradores que com a chegada de grupos de turistas brasileiros e estrangeiros uma oportunidade para faturar algum dinheiro para pagar suas contas, conforme nos revela o jovem guia de turismo Leopoldino, que revelou estar se preparando para aprender a falar o inglês a fim de atender a demanda que virá para a próxima Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, onde a cidade do Rio de Janeiro será sede destes megaeventos. Ele justifica:

Fortalecer a economia da comunidade, por exemplo, os vendedores da Feira de artesanato são moradores da favela, portanto sobrevivem do comércio do turismo para poderem pagar as suas contas e comer procurando uma vida tranquila que procuram ter. então, essa é a forma que o turismo fortalece a economia da favela, que agora; está se preparando para a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Aparecerão, na Rocinha, empreendimentos como os cama e café (Bed & Breakfast), albergues da juventude, hotéis e com isso a tendência é só melhorar. (guia morador: Leopoldino)

Um interessante depoimento recolhido no trabalho de campo na Rocinha dado pelo guia morador Amendoim, descortina a realidade da favela, posto que o território da favela, antes não era ocupado pelos traficantes, os quais passaram a dominar o lugar, com a ajuda do poder público. E, agora, num segundo momento, vemos surgir como política pública a instalação de várias Unidades de Polícia Pacificadora com o objetivo de dar maior segurança aos moradores de favelas no Rio de Janeiro, fato que poderá ser difundido e utilizado em outras regiões do Brasil, como política pública para ser alvo de programa de governo para político ganhar votos nas próximas eleições, já que o voto no Brasil é obrigatório. Ele revela:

Para mim a UPP foi bom, porque estava demais ! Eu acho que o próprio governo permitiu isso. Então, eu posso culpar quem? Entendeu? Eu nunca tive problemas aqui dentro, eu o Amendoim, poque o meu trabalho sempre foi reconhecido. Tanto por um lado, eu não sei se a UPP conhece o meu trabalho, mas sempre fui reconhecido. Eu espero que seja reconhecido pelo o que a gente está fazendo, mas porque eles conhecem quem é e quem não é daqui,

quem não sabe as pessoas informam a eles. Então, eu nunca me preocupei com envolvimento. Eu acho que ser envolvido, se é porque é necessário, não é necessário! A pessoa se envolve é porque quer, mas as pessoas têm que pensar que esse envolvimento pode custar mais caro, muito caro, mais tarde! Eu quero o melhor para a minha comunidade, eu lutei há quarenta anos, atrás. Comecei com dez anos, estava aí, nas ruas brigando para poder ter luz, não existia nem tráfico, mas a influência era o tráfico. Ah! Por que o tráfico? Eu tinha ficar mobilizando eles para ficar lá na rua. Aí, quer dizer, o cara ganha mérito e a gente não? A gente que faz, não ganha. Outros, valorizam os caras que trabalham no Congresso, têm o maior valor e eles estão roubando, enquanto que o trabalhador, não! A gente está vendo isso agora, não precisa! Agora, está assim porque o governo quis isso, não é que fizeram, mas eu abandonei. Eu já vivi isso, em dois momentos: um que era horrível que era a ditadura e a mesma coisa com a polícia, mas só que era uma coisa maravilhosa, que a polícia era uma referência para a gente! É projeto de governo, abandona e fica tudo por aí. Então, criou o tráfico, ele veio de fora, não veio daqui. Eu me lembro, há vinte anos atrás, a Globo estava aí procurando o negócio do “craque”. O que interessa trazer o negócio do craque? Eu fiquei muito impressionado porque isso não era necessário para nós. É uma grande TV! Não é necessário mostrar como fazer o processo. Nós temos cocaína, nós não precisamos de outra droga. As pessoas ficaram ansiosas por conhecer o craque, muitas pessoas quiseram conhecer a droga. Nesta favela, não! Nós nunca aceitamos as drogas, eu lhe mostro a propaganda, nós colocamos: “nós não gostamos de drogas, nós não gostamos de craque”, em toda a comunidade. (guia morador: Amendoim)

No trabalho de campo na favela da Rocinha, descobrimos também, que existe uma localidade, chamada de “Roupa Suja”, onde há o maior surto de tuberculose do Brasil, porque verificamos um grande número de casas construídas próximo a encosta do Morro dois Irmãos, as quais ficam ao abrigo de luz, em ambientes fechados com pouca ventilação, onde há muita umidade, sujeira e com isso, o local é propício a propagação da doença, causado pelo Bacilo de Koch que ataca os pulmões. O local foi percorrido por uma rua muito estreita, onde sentimos até um certo mal estar. O guia morador Carlinhos, ao ser questionado sobre seu conhecimento se há alguma medida tomada para a prevenção da doença, na favela da Rocinha . Ele esclareceu:

Proporcionalmente, que é cento e sessenta mil pessoas, mas tuberculose é uma doença de favela. Tuberculose é uma doença de países miseráveis, ela não existe na Europa mais, tá? E, nas favelas, onde tem pouca penetração da luz do sol, as casas soa muito juntas e muito altas, pouco espaço que a luz na penetra. Além da infraestrutura e das valas negras. Então, é um território fértil para a situação da tuberculose nas favelas. Claro, que hoje, existe um projeto do WHO (World Health Organization) que na Rocinha, também é uma referência, que é um projeto das Nações Unidas, da Organização Mundial da Saúde, que é um projeto que está controlando a tuberculose, que não convêm a gente falar, agora; por causa do tempo. O que eu posso dizer, hoje, é que o número está em trezentas pessoas, onde já foi três mil, quatro mil pessoas. Então, o surto está diminuindo pela maneira que eles estão tratando a doença.

Em relação à impressão que os turistas têm ao final do favela tour, verificou-se uma melhoria positiva do ponto de vista sobre como é viver na favela e uma desmistificação da marginalidade vinculada à favela, por ambos os guias de turismo moradores e não moradores, conforme nos explica o guia morador Rafael do Favela Walking tour. Ele resume:

Eu converso com todos depois do passeio e percebo que todos já estão com uma cabeça bem mais evoluída do que viram antes, viram que todos os moradores da favela não são traficantes,

e não é. Eles percebem que na favela existe uma desigualdade muito grande, tem gente que tem dinheiro, tem gente que não tem. Então, eles voltam felizes para o país deles e com essa experiência, vivendo o que é a realidade da favela. (guia morador: Rafael)

Por um outro lado, percebe-se também a finalidade alcançada em derrubar o mito de lugar fora da lei e uma visão social positiva dos turistas em relação à favela, revelada pelo guia não morador Everaldo:

Desmitificam a impressão errônea que é um lugar sem lei e só de bandidos, ficam impressionados com hospitalidade da favela. As pessoas querem conhecer a “alma” da cidade e não se contentam em apenas, em conhecer o visual. (guia não morador :Everaldo)

A pobreza urbana reveste-se de peculiaridades, devido as suas inúmeras formas de expressão espacial e aspectos característicos de favelas, periferias pobres, áreas de obsolescência e zonas centrais da cidade por causa das estratégias de sobrevivência, legais e ilegais, mesmo as desconhecidas, quando sabemos que há pessoas que preferem passar fome, comendo somente pão com ovos fritos, por exemplo, na hora do almoço e do jantar para economizar algum dinheiro para comprar um *Smartphone* de última geração no final de um mês de trabalho ou se endividar para comprar um carro, que a elas se vinculam do comércio ambulante ao tráfico de drogas de varejo.

Quanto a segregação residencial, sabemos que ela é um produto da cidade, uma vez que meros povoados ou aldeias rurais não possuem uma complexidade que dê origem a bairros inteiros ou grandes espaços segregados, sendo o oposto, relativamente homogêneos. A segregação residencial é um fenômeno urbano e da cidade grande, muito mais que das cidades pequenas, conforme atesta (SOUZA, 2003). Quanto menos segregação residencial, maiores são as chances de interação tenderão a facilitar imensamente a derrubada de preconceitos, uma vez que teme-se com muita facilidade àquelas que, no fundo, não se conhece, embora se pense conhecer; porém é mais difícil ou menos provável questionar o estatuto da humanidade daqueles que são diferentes, sem reconhecer as semelhanças entre ‘nós’ e ‘eles’ quando há mais convivência e proximidade. A convivência favorece a tolerância, a segregação realimenta a intolerância.

Além disso, deve-se considerar que melhores condições de habitação, na escala da casa do local de moradia no sentido mais amplo, de maneira efetiva e para todos os cidadãos, como o investimento a partir de políticas públicas em infraestrutura técnica e social, saneamento básico, na construção de habitação populares espaçosos e com boas instalações, em regularização fundiária, entre outros acessos, devem e podem contribuir para a diminuição dos preconceitos contra espaços segregados típicos das cidades brasileiras, especialmente no

caso das favelas. Menos preconceitos podem ter a médio ou longo prazo, uma repercussão bastante positiva na auto-estima coletiva, o que, por sua vez, é um elemento importantíssimo de um processo de autêntico desenvolvimento urbano. Superar ou reduzir a segregação depende da superação ou a redução desses problemas.

Capítulo 5 - HORA DE CHEGADA (OS FINALMENTES)

Podemos entender que a relação entre favela e pobreza a partir das percepções de guias de turismo moradores refletem melhor a realidade da favela comparando com os guias não moradores, uma vez que eles conhecem inteiramente todos os meandros e as dificuldades por que passaram e ainda passam pela questão da estigmatização da sociedade brasileira tem em relação à favela, pelo fato de residirem numa favela; além de terem que apresentar seu lugar de moradia como atração turística.

Embora a Rocinha tenha alcançado o status de bairro, a questão da luta pela sobrevivência é pungente em todo o espaço vivido, pois vivemos em um país, cujo salário mínimo ainda não ultrapassou a marca de seiscentos e setenta e oito reais mensais por mês e os impostos públicos são considerados os mais caros do mundo.

Esta categoria de guia de turismo morador representa uma pequena parcela de moradores, os quais defendem com muita naturalidade a cultura da população local e o direito à cidade. Dentro de cada pessoa, há variados interesses bem distintos umas das outras, por isso acontece o processo de segregação residencial. No trabalho de campo, encontramos verdadeiros exemplos de guia de turismo moradores, em pleno exercício profissional e de sua cidadania espelhando toda uma luta em prol de sua comunidade, onde foram encontrados verdadeiros exemplos de pessoas que estudaram, e fora à luta, mesmo com muita dificuldade para pagar suas aulas particulares, aprender um outro idioma, conseguiram mostrar ser grande empreendedores e verdadeiros embaixadores da favela, sem hipocrisia, demagogia, apenas pensando em construindo um futuro melhor.

Por um outro lado, podemos observar que a atuação dos guias de turismo não moradores retrata muito bem também, o cotidiano da favela. Sua aceitação pelos moradores é boa e é confirmada, à medida em que executam o favela tour conduzindo seus grupos de turistas nacionais e estrangeiros, demonstrando um interesse real em abolir o preconceito contra a favela e o estigma de moradia ilegal, lugar perigoso e violento muito associado a imagem negativa reforçada que a favela tem enfatizado pela mídia, quase que diariamente.

Atualmente, a procura por este segmento de mercado turístico cresceu, em função também, da exibição de filmes que foram sucesso de bilheteria, tais como: “Cidade de Deus” e “Tropa de Elite 1 e 2” por exemplo, fato que popularizou a imagem da favela no circuito

nacional e internacional, cujo o tema aborda a realidade da vivida nas favelas cariocas. Ainda que apresentem a realidade social da Rocinha de modo coerente durante seu trabalho, os guias não moradores preocupam-se em ser o mais natural possível com os turistas, tanto quanto os moradores ao mostrar a favela, do mesmo modo em que evitam autorizarem os turistas a tirar fotos comprometedoras e que venham expor a intimidade dos moradores. Sendo muito comum que alguns turistas desavisados sejam alertados sobre certos moradores os quais, não desejam ser incomodados com a presença de estranhos ao seu habitat, muito mais em divertir-se com o difuso e heterogêneo ambiente da favela.

Ambas categorias de guias de turismo moradores e não moradores apresentaram um esforço concentrado para desmitificar a imagem negativa associado à favela, através de seu discurso e percorrendo a pé os caminhos tortuosos e apertados da Rocinha para explicar a origem da favela, as características de sua população, o “momento laje”, para apreciarem o belo cenário natural das praias, do Pão de Açúcar, Corcovado e da Lagoa Rodrigo de Freitas. Além de retratarem a História do Brasil, através da favela com respeito aos moradores, bem como aos turistas cumprindo um papel social muito positivo e benéfico para àqueles atores sociais que perceberam que o turismo é uma alternativa para aquecer a economia, fortalecer o senso de comunidade, aumentar a rede de solidariedade, a importância e auto-estima da comunidade.

Os passeios tiveram duração de quatro horas, onde tivemos a oportunidade de descortinar uma parte da cidade ainda desconhecida por muitos brasileiros, muito procuradas por estrangeiros que ao que parece, percebe-se ainda estar em processo de ser incorporada pela cidade legal. Principalmente, neste primeiro momento com a criação da Unidade de Polícia Pacificadora na Rocinha, e em outras favelas da cidade do Rio de Janeiro, onde gradativamente, o Estado se faz presente para garantir segurança a seus moradores, e como consequência vemos um início de melhorias na infraestrutura da favela.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Vera; SCHIMIDT, Selma; VASCONCELLOS, Fábio. **Jornal “O Globo”. Democracia nas Favelas**. Rio de Janeiro. 16/08/2009.
- ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo, Martins fontes, 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**; tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**; Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas em fragmentos: sobre ética pós-moderna**. Tradução: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro. Zahar, 2011.
- BELLEI, Carolina. **Jornal do Brasil. “Turismo Social Muda Comunidades”**. Rio de Janeiro. 28/10/2008.
- CAMPOS, Adrelino. **“Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: a campanha de Canudos**. Coleção Clássicos Comentados. Editora Ateliê Editorial, 2010.
- DAVIS, Mike. **Planeta favela**. São Paulo: Boitempo, 2011 (1º Ed. Rev.)
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca **“Gringo na laje: produção, circulação e consumo da favela turística”** Rio de Janeiro, Editora FGV, 2009.
- KEHL, Luis. **Breve história das favelas**. São Paulo: Claridade, 2010.112p. : Il.-(Saber de Tudo)
- LAGO, Luciana Corrêa do. **Desigualdades e segregação na metrópole: o Rio de Janeiro em tempo de crise**. Rio de Janeiro: Revan: Fase, 2000.
- LEU, L. **Fantasia e fetiche: consumindo o Brasil na Inglaterra**. Eco-Pós. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, UFRJ, v. 7, n. 2, p. 13-72, ago./dez. 2004.
- LIMA, Evelyn Furquim Werneck de & MALEQUE, Miria Roseira. **Espaço e cidade: conceitos e leituras**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007 (9ª Edição).
- MACHADO, Daniela S.; FONSECA, Denise. P. R. **“Turismo de Favela e Desenvolvimento Sustentável: um estudo do turismo de favela no bairro de Vila Canoá, zona sul do Rio de Janeiro”**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Serviço Social. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Rio de Janeiro, 2007.

MELLO, Marco Antonio da Silva... [et al]. **Favelas Cariocas: ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

MENEZES, P. **Gringos e câmeras na favela da Rocinha**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2007. (Monografia de Bacharelado.)

MINISTÉRIO DO TURISMO. Disponível em:< www.ministeriodoturismo.gov.br> Acesso em: Julho 2009.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo : Aleph, 2005.

PERLMAN, Janice E. **O mito da marginalidade: favelas e políticas no Rio de Janeiro**; tradução de Waldívia Marchiori Portinho/prefácio de Fernando Henrique Cardoso/Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1977.

SANTANA, Agustín. **Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações**. São Paulo: Aleph, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento Urbano. Rio de Janeiro**: Bertrand do Brasil, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez Editora 1988 (4ª Edição).

VALLADARES, Lícia do Prado. **A Gênese da Favela Carioca**. RBSC Vol. 15 a 44 outubro/2000.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2005.

VALLADARES, Lícia do Prado. **Pensando as favelas do Rio de Janeiro 1906 – 2000: uma bibliografia analítica**. Colaboração Filippina Chinelli. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ: URBANDATA, 2005.

VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VÉRAS, Maria Pardini Bicudo. **Trocando olhares: uma introdução à construção sociológica da cidade**. São Paulo: Studio Nobel : EDUC, 2000. – (Coleção cidade aberta).

WHITE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área**; tradução: Maria Lúcia de Oliveira; revisão técnica: Karina Kuschnir; apresentação de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS DE CAMPO

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Data: _____

Trabalho de Campo na Favela da Rocinha – Roteiro padrão para o Guia de Turismo

Nome : _____ Categoria: Morador () Não morador ()

- 1) O que o turista espera de você e o que você espera do turista ?
- 2) Como você vê a favela e o que é a favela para você ?
- 3) Qual a imagem da favela que você passa para o turista ? (A que realmente é vista ou visível ou a que realmente é ?).
- 4) Até que ponto deve-se apresentar os reais problemas das favelas para os turistas ?
- 5) Qual a impressão que os turistas têm ao final do Favela Tour ?
- 6) Qual o perfil dos turistas ou grupos que visitam a favela ?
- 7) Há grupos ou turistas que retornam a favela ? Por quê ?
- 8) Como a cidade é vista pelos turistas a partir da favela ?
- 9) Como você guia de turismo vê ou apresenta a cidade a partir da favela ?
- 10) Como a favela é vista a partir da cidade ?
- 11) Como a favela é vista pelos turistas “antes” e “depois” do tour de favela ?
- 12) Quais as condições e facilidades para realização do tour de favela ?
- 13) Existe um roteiro planejado do que falar e mostrar aos turistas no tour de favela ?
- 14) Como se inicia, se desenvolve e é concluída a apresentação dos atrativos visualizados e vivenciados pelos turistas nas favelas ?
- 15) O que é mais relevante para o turista saber em síntese sobre o tour de favela ?
- 16) Como os turistas reagem ao que é dito e mostrado no tour de favela ?
- 17) Em algum momento ocorre mudança ou alteração no roteiro pré-determinado para o tour de favela ? E o que é feito quando há algum imprevisto?
- 18) Quais os atrativos mostrados no tour de favela ? (aspectos físicos e estruturais/ aspectos históricos/ aspectos pitorescos e peculiaridades/aspectos sociais e culturais/ aspectos naturais e ambientais).
- 19) Todos os guias apresentam ou mostram as mesmas coisas ?

APÊNDICE – FOTO-IMAGENS REAIS (SEM CORTES) DA FAVELA TURÍSTICA DA ROCINHA

EXTRA • EXTRA • PÁGINA 14 - Edição: 7/02/2013 - Impresso: 6/02/2013 — 22: 15 h

AZUL MAGENTA AMARELO PRETO

14 > ESPECIAL

extra.globo.com Quinta-feira, 7 de fevereiro de 2013

O PREÇO DA PAZ, 1 ANO DEPOIS

2 HORAS
É o tempo médio de duração de um passeio turístico pelas vielas da Rocinha



DE FÉRIAS
O sulco Silvan Brühlmann, no terraço da Rocinha Guesthouse, o primeiro albergue da comunidade

A Rocinha DESCOBERTA POR TURISTAS

Após a pacificação, comunidade recebe mais estrangeiros e passa a contar até com hotel

No alto de um prédio na Estrada da Gávea, a pernambucana Luciana Soares, de 28 anos, observa tranquilamente o vale das vielas da Rocinha. Uma rotina diferente da que ela conheceu, há três anos, quando veio ao Rio, de férias, pela primeira vez. Com a favela em processo de pacificação, não são mais traficantes armados que desfilam pelas ruas estreitas. Nem é a casa de amigos que serve como hospedagem para quem vem de fora. Agora, a comunidade tem hotel.

— Estou me sentindo mais seguro aqui do que em Recife, onde moro — conta a dona da casa, que paga uma diária de R\$ 60 para passar uma semana no primeiro hotel da Rocinha, com a filha Luísa, de 8 anos.

ampliar o hotel — conta o gerente do estabelecimento, Marcos Antonio da Conceição, de 26 anos.

Antes da abertura da Rua Wagner, a comunidade tinha apenas uma opção mais simples: o Rocinha Guesthouse, um albergue voltado, principalmente, para estrangeiros, que funciona há 11 meses na casa da família Bastão, na Rua L, no alto da favela.

— Estava hospedado na Lapa, mas queria conhecer o outro lado. Aqui é o Rio de verdade — diz o sulco Silvan Brühlmann, de 21 anos, que

pagou R\$ 25 por dia para passar uma semana na Rocinha. A casa de três andares já recebia 50 hóspedes, todos estrangeiros. E, mais do que complementar a renda da família, está criando perspectivas de um futuro melhor.

— Estou estudando inglês para seguir nessa área — conta Obedan Bastão, de 17 anos, que ajuda os pais no gerenciamento do negócio.

REPORTAGEM
Ana Paula Viana, Océlio Oliveira, Fernando Martins, Lucas Luccholo e Rafaela Serros

HOTES NA COMUNIDADE
Inaugurado há um mês num prédio de quatro andares, o Hotel Vos Viagem — que surgiu sob o incentivo da pacificação — está praticamente lotado para o carnaval, e não tem mais vagas para julho, quando acontecerá o Jornada Mundial da Juventude na cidade. Os 26 quartos funcionam no último andar, enquanto os outros três governam e abrigam 90 quilômetros alagados por mensagens a partir de R\$ 400.

— Estamos pensando em desativar mais um andar do quinte para



João Carlos Ramos é dono do primeiro hotel da Rocinha

CHOQUE DE ORDEM
A presença de turistas faz com que os moradores queiram prestar serviços.

CHOQUE DE REALIDADE
Antes tinham qualificação e conhecimento de outros idiomas na comunidade.

NAS VIELAS

FISCAIS
Carlos Bakano, de 68 anos, viu desaparecer o movimento de pessoas em sua loja desde a ocupação. “Eu fazia evasão toda semana, mas agora está difícil. Os carros não podem estacionar, por causa da fiscalização”



FILO
Joel mostra a favela a um grupo de turistas. Arrumadinho quer mais organização no local

CHOQUE DE ORDEM
Ficou mais seguro fazer feições em lojas da Rocinha.

CHOQUE DE REALIDADE
A pacificação de outras áreas da Zona Sul gerou concorrência.

NAS VIELAS

ACOMPANHAMENTO
Vice-presidente do recém-criado Fórum de Turismo da Rocinha, Paulo Cesar Vieira, o Amendorn, de 35 anos, diz que a comunidade precisa de uma estrutura mais profissional para organizar o setor.

QUALIFICAÇÃO
Segundo ele, há um projeto para qualificar os profissionais que atuam na área, que ainda é estudado pela prefeitura. “Sempre existiu turismo na Rocinha. Mas os preços estão subindo muito com a pacificação, e isso pode afastar o turista”.



CHOQUE DE ORDEM
Mais turistas começaram a andar pela favela, com a presença da polícia.

CHOQUE DE REALIDADE
O movimento maior fez os preços de comidas e bebidas aumentarem.

Brasileiro perde o medo

Há oito anos fazendo passeios diários com turistas pelas ladeiras da Rocinha, o guia turístico Joel Voss, de 32 anos, começou a perceber, nos últimos seis meses, a principal mudança após a ocupação: além dos estrangeiros, agora, os brasileiros começaram a mostrar presença nos grupos que saem da sede da agência, em Copacabana.

— Mudou o perfil dos turistas que vêm à Rocinha. Os brasileiros passaram a se sentir mais seguros de vir — conta Joel, enquanto mostra a paisagem do alto do morro para 16 visitantes, entre japoneses, israelenses, italianos e duas brasileiras.

— É meu primeiro passeio no Rio, e está valendo cada centavo — diz a paulista Lailani Alad, de 27 anos, que pagou R\$ 70 pelo tour. 1



Luciana e Luísa: no hotel

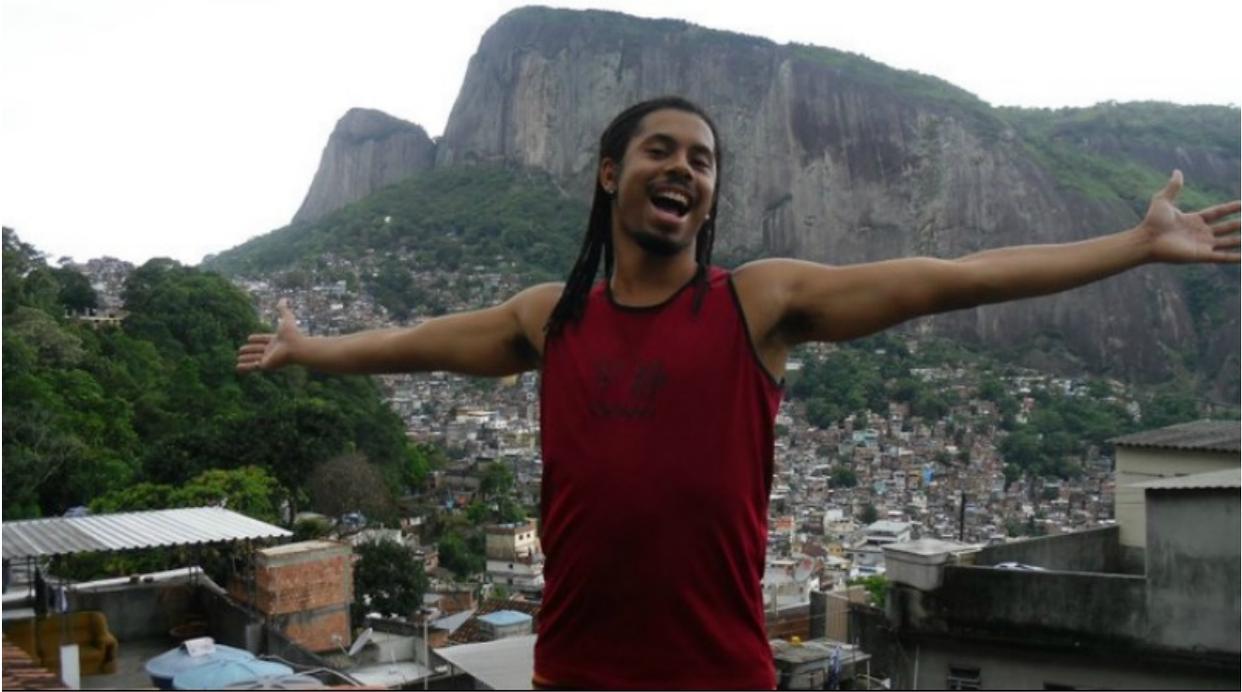
CHOQUE DE ORDEM
Com a pacificação, bandidos não ostentam mais armas nas ruas.

CHOQUE DE REALIDADE
Por outro lado, policiais andam com fuzis mesmo de dia.



Uma placa na rua indica a localização do albergue Guesthouse

ARMENIA
A situação da Rocinha um ano após o choque de ordem.



FONTE: Rocinha Guest House, 2013.



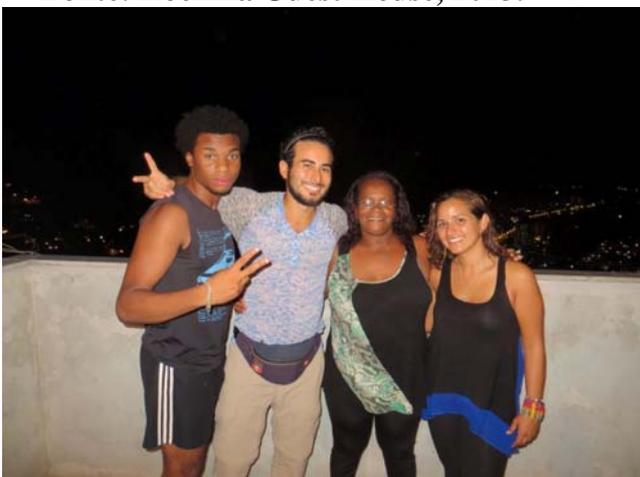
Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



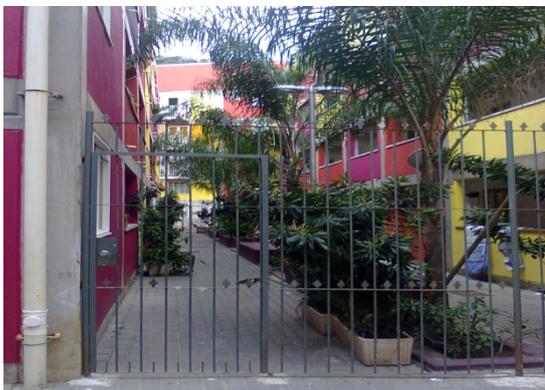
Fonte: Rocinha Guest House, 2013.



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: Rocinha Guest House, 2013.



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa, 2013.



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013

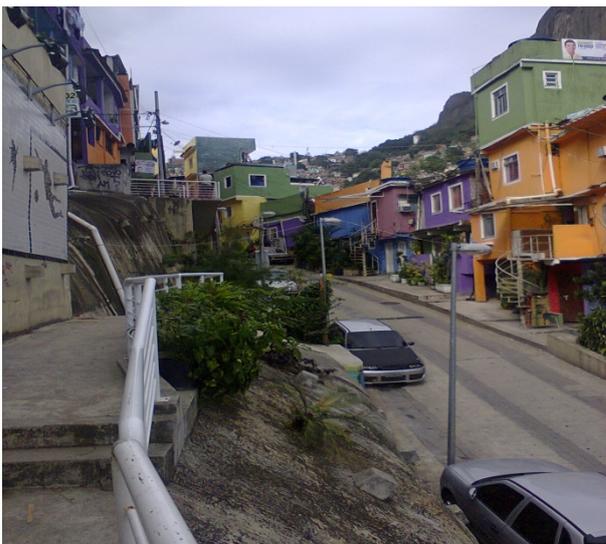
Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



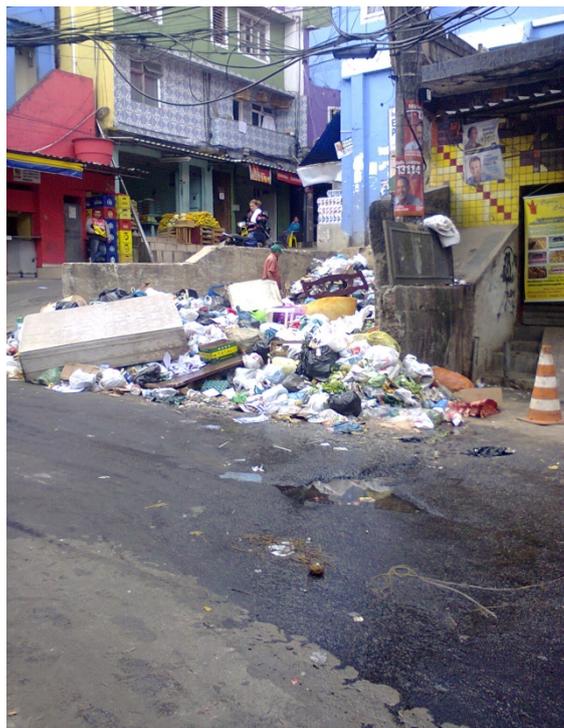
Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



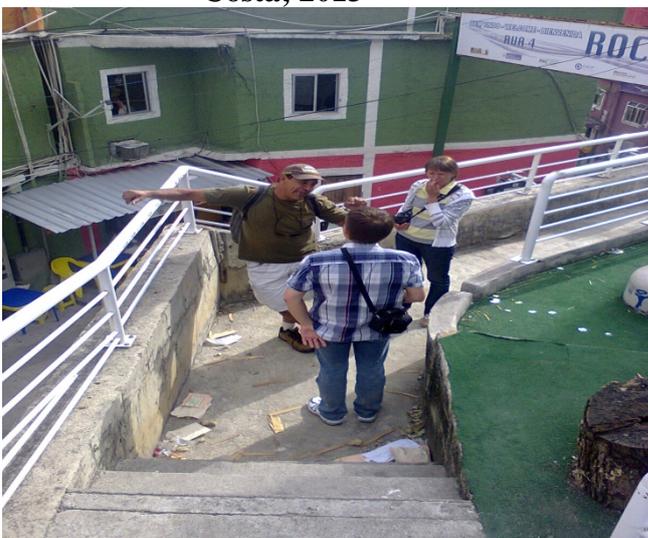
Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



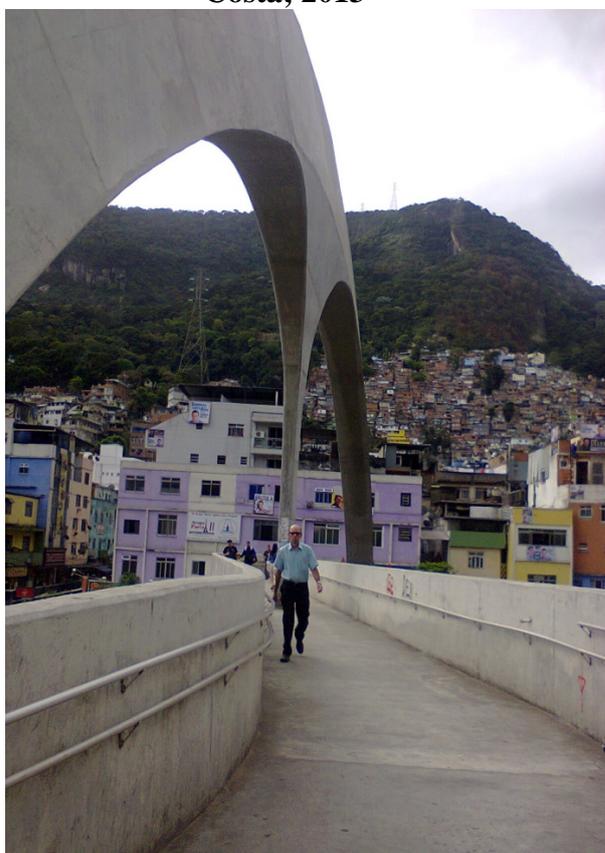
Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



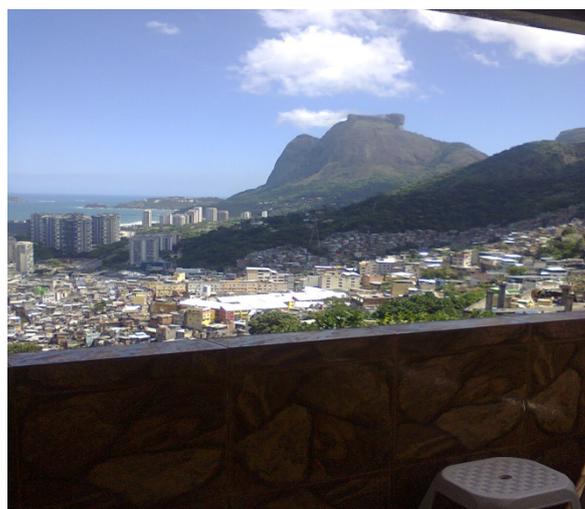
Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



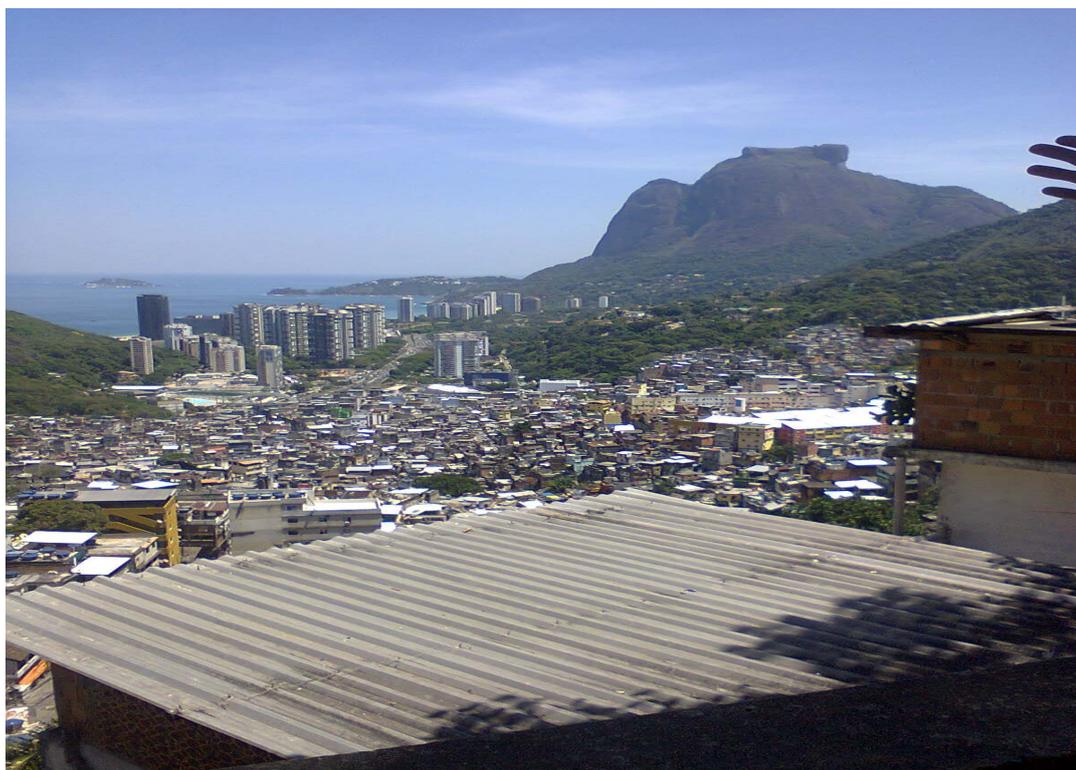
Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



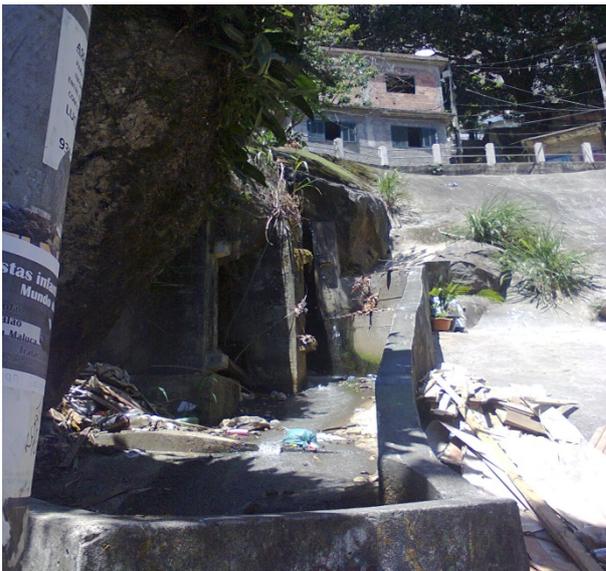
Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



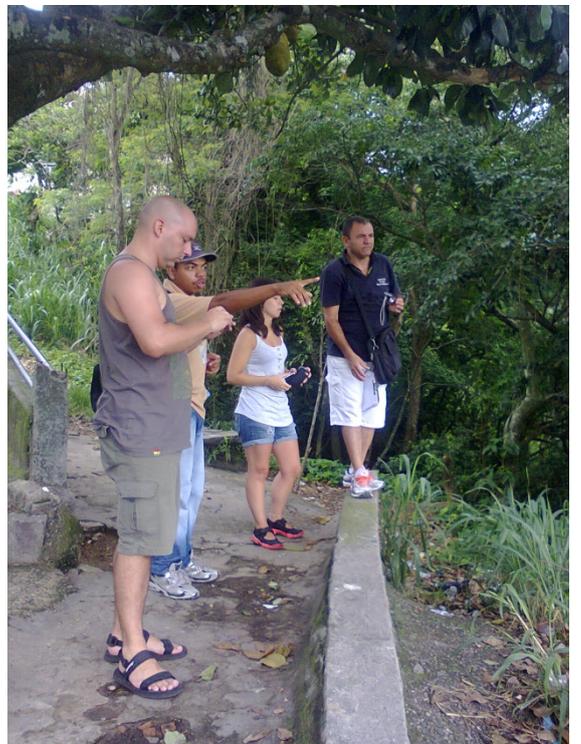
Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



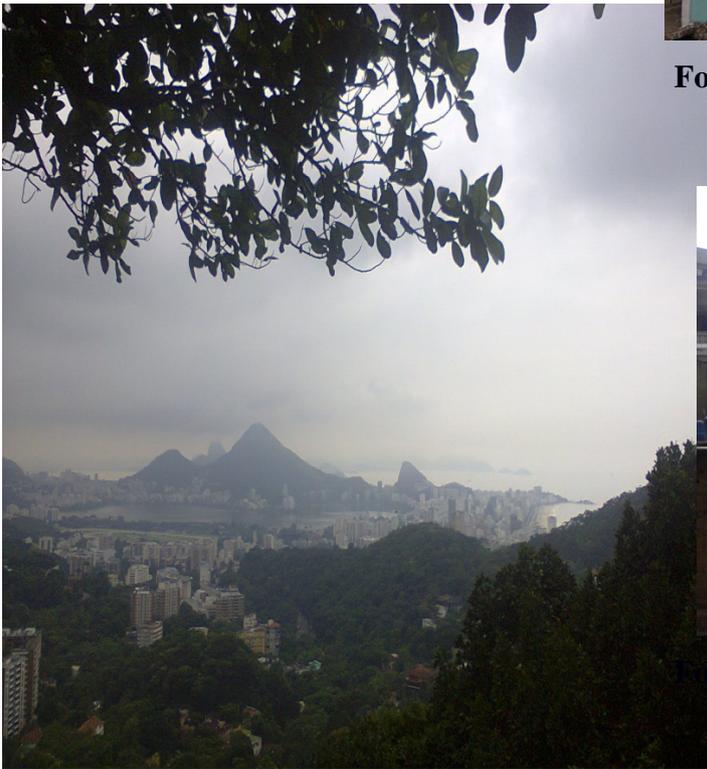
Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



**Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara
Costa; 2013**



**Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara
Costa; 2013**



**Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara
Costa; 2013**



**Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara
Costa; 2013**



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013

Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013



Fonte: AUGUSTO, Marcelo Alcântara Costa; 2013

ANEXOS

TABELA 1

Município do Rio de Janeiro: Favelas, População Total e População Favelada (1950-1991)

Ano	Número de Favelas	População Total (mil/hab.)	População Favelada (mil/hab.)
1950	59	2.377	169
1960	147	3.281	335
1970	162	4.251	565
1980	377	5.090	717
1991	537	5.488	962*

Fonte: Relatório SAGMACS (1958/1960), apud VALLA, V. Vicente; Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro, 1990 e 1993-94; Censo Demográfico de 1970, IBGE*.

TABELA 2

Área ocupada pelas favelas segundo as Áreas de Planejamento do Município do Rio de Janeiro

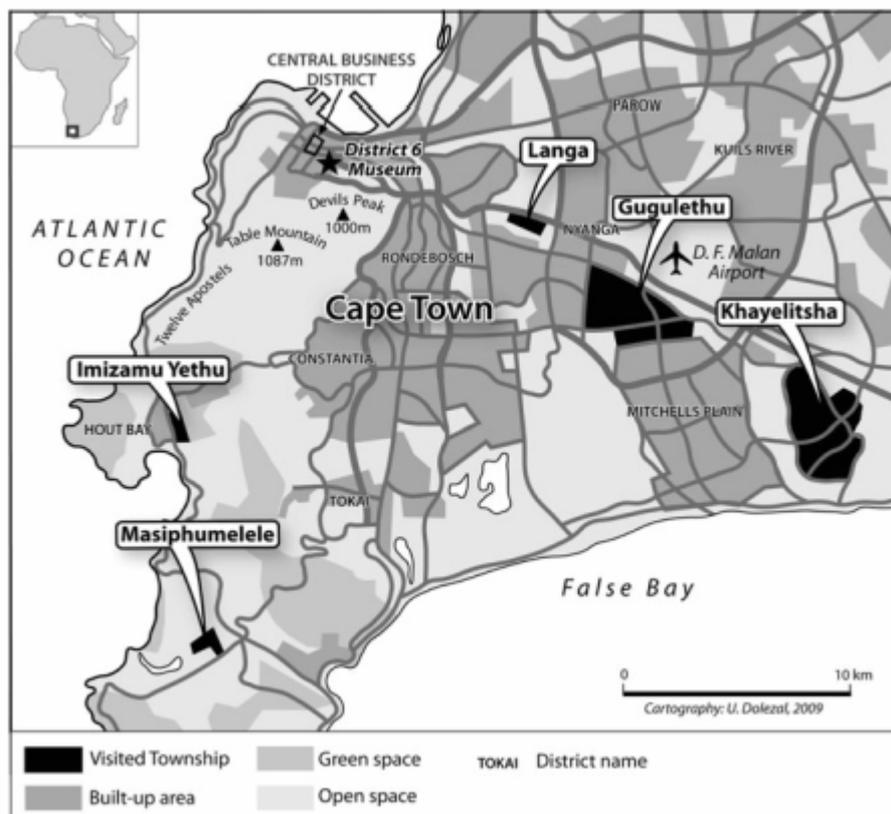
Áreas de Planejamento	Áreas em m2	Áreas em m2	Variação
Total	42.894.464,17	45.843.509,35	6,88%
AP1(Zona Central e adjacências)	2.287.901,18	2.374.235,40	3,77%
AP2(Zona Sul)	4.178.368,29	4.175.540,10	-0,07%
AP3(Zona Norte)	17.511.859,90	18.320.650,04	4,62%
AP4(Baixada de Jacarepaguá	6.320.269,33	6.916.320,73	9,43%
AP5(Zona Oeste)	12.596.065,48	14.056.763,08	11,60%

Fonte: IPP/DIC

TABELA 3
COMPARAÇÃO ENTRE DENSIDADES DA ROCINHA, GÁVEA E SÃO CONRADO
FONTE: INSTITUTO PEREIRA PASSOS

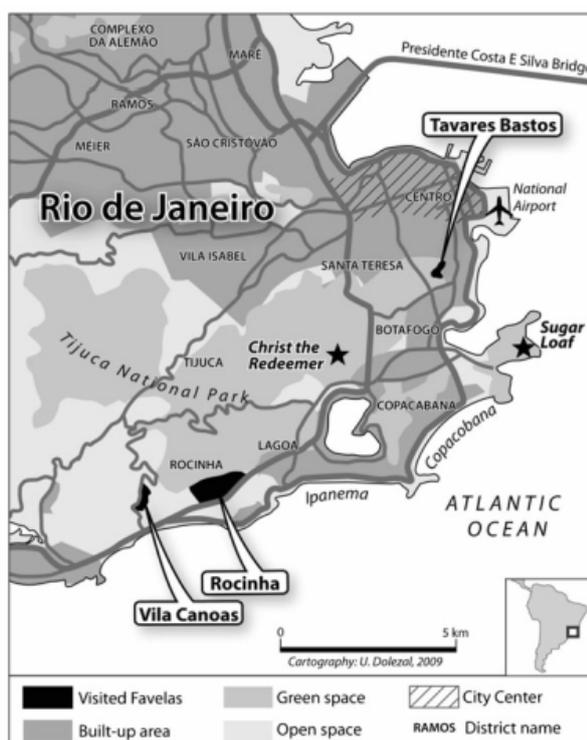
	ROCINHA	GÁVEA	SÃO CONRADO
ÁREA	143,72 ha	257,96 ha	648,86 ha
POPULAÇÃO	Censo/2000 - 50.200 hab Ligth/2000 - 130.000 hab	Censo/2000 - 7.475 hab	Censo/2000 - 11.155 hab
DENSIDADE	Censo/2000 - 349, 29 hab/ha Ligth/2000 - 904,53 hab/ha	67,74 hab/ha Censo – 5 x menor Ligth – 13 x menos	17,20 hab/ha Censo – 20 x menor Ligth – 53 x menos
IDH	0,735 (29º lugar em 31 no RJ)	0,924 (1º lugar no RJ)	0,873 ⁵⁴
TAXA DE CRESCIMENTO POPULACIONAL -2001	1,6%	0, 2 %	0, 2 %

TOWNSHIPS VISITADAS EM CAPE TOWN (FIGURA 1)



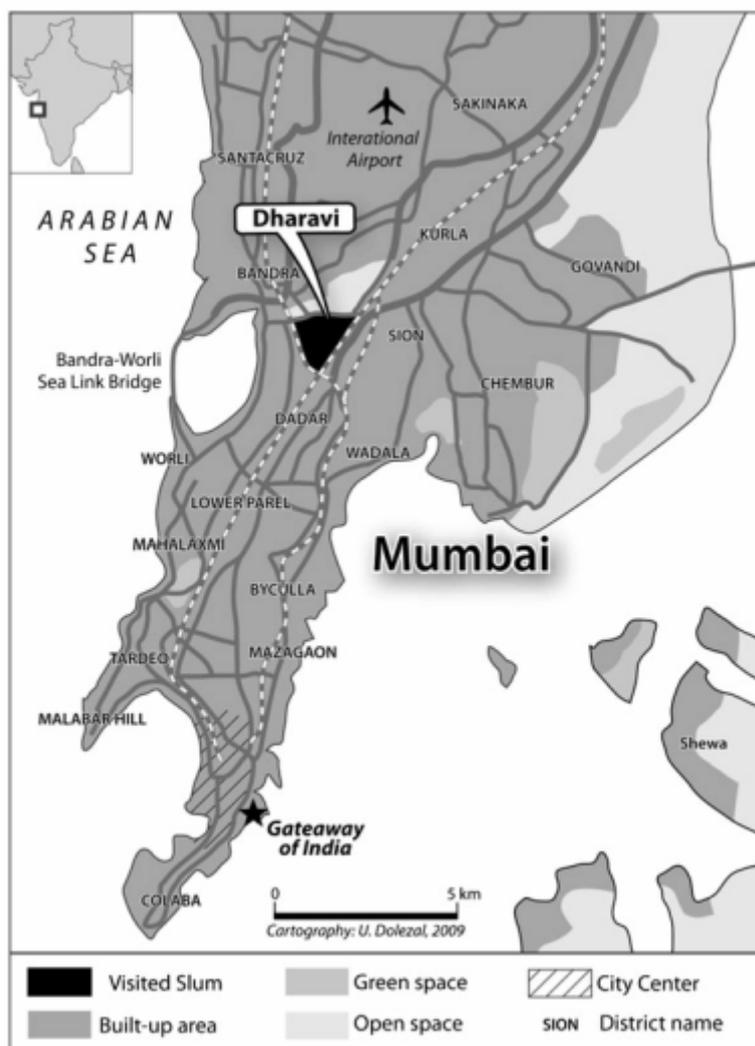
Fonte: GeoJournal (2010 75:421-442)

FAVELAS VISITADAS NO RIO DE JANEIRO (FIGURA 2)



Fonte: GeoJournal (2010 75:421-442)

FAVELAS VISITADAS EM MUMBAI (FIGURA 3)



Fonte: GeoJournal (2010 75:421-442)



VISTA DO RIO DE JANEIRO COM VISUALIZAÇÃO DA ROCINHA

FONTE: GOOGLE EARTH, 2007



HIPSOMETRIA

